

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
CENTRO DE CIÊNCIAS DO AMBIENTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO  
AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA

ATIVIDADE FÍSICA E AMBIENTE URBANO: lazer e esporte  
no entorno do igarapé do Mindu – Manaus/Am

RILDO FIGUEIREDO PINHEIRO

Manaus  
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
CENTRO DE CIÊNCIAS DO AMBIENTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO  
AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA

RILDO FIGUEIREDO PINHEIRO

ATIVIDADE FÍSICA E AMBIENTE URBANO: lazer e esporte  
no entorno do igarapé do Mindu – Manaus/Am

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente, área de concentração Política e Gestão Ambiental.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ivani Ferreira de Faria

Manaus  
2009

Ficha Catalográfica  
(Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

Pinheiro, Rildo Figueiredo

P654a Atividade física e ambiente urbano: lazer e esporte no entorno do igarapé do Mindu / Rildo Figueiredo Pinheiro. - Manaus: UFAM, 2009.  
145 f.; il. color.

Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) — Universidade Federal do Amazonas, 2009.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Ivani Ferreira de Faria

1. Planejamento urbano – Manaus (AM) 2. Lazer 3. Desporto I. Faria, Ivani Ferreira de II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

CDU 712.252/254(043.3)

RILDO FIGUEIREDO PINHEIRO

ATIVIDADE FÍSICA E AMBIENTE URBANO: lazer e desporto no entorno do igarapé do Mindu

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente, área de concentração Política e Gestão Ambiental.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

ORIENTADOR

---

MEMBRO

---

MEMBRO

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais, **João e Maria**, que souberam me proporcionar os simples saberes da vida e acreditaram que educação e cultura transformam os seres.

À minha esposa, **Tânia**, sempre amiga, companheira, disposta e compreensiva aos meus desafios e ausências.

Aos meus filhos, **Ana Elisa, Bruno Antônio, Israel, Larissa e Susana**, que tiveram paciência e equilíbrio na minha ausência, estando eu no trabalho, nos estudos, nas idas e vindas ao local da pesquisa.

## **AGRADECIMENTOS**

A **Deus** pelo espírito de vontade, prudência, sabedoria e inteligência na solução dos desafios da vida.

A **Profª Drª Ivani Ferreira de Faria** por aceitar o trabalho de orientação desta Dissertação.

Ao **Profº Dr. José Aldemir de Oliveira**, por ter e delimitado a área da pesquisa.

Ao amigo e colaborador **Prof. Msc. Vanderlan Santos Mota**, ao auxílio disponibilizando o seu acervo bibliográfico, pela motivação e esclarecimentos relevantes à temática, estando sempre aberto às discussões.

Aos amigos deste Mestrado com quem dividi momentos de dificuldades e de alegria, agradeço pela amizade e colaboração.

Aos professores, que tive a honra de aprender, conhecer e conviver, desta universidade, obrigado pela valiosa construção.

A estes minha sincera gratidão.

Toda cidade se habita  
como lugar de viver.  
Só Manaus é diferente  
pois em vez de habitá-la  
é ela quem me habita.  
Queria esse privilégio  
(ciúme comum do amante)  
sem dividir com ninguém.  
Mas além dos seus encantos  
descobri que é generosa  
na morada, em seu abrigo,  
nos mimos de seus mistérios  
há lugares para todos.

Aníbal Beça (Abaixo-assinado por amor a Manaus).

## RESUMO

Diversas políticas e o crescimento desordenado determinaram a mudança da forma e da funcionalidade da cidade de Manaus. As políticas de urbanização implementadas nestes últimos cem anos marcaram temporal e estruturalmente os espaços delimitados pelos interesses classistas elitizados. Com isso, aqueles com menos posse econômica ficaram desprovidos de espaços para moradia, atividade física e lazer, sendo deslocados para áreas distantes. Dentre estes podemos destacar os igarapés, ação que até nos dias atuais é mantida como forma de apropriação do solo no entorno dos igarapés de nossa cidade. O balneário do Parque 10 representou por muito tempo o tipo de espaço de lazer vivido nesta época, onde a relação com o natural ainda permanecia estabelecida sem impactar tanto. O período de crescimento acelerado entrou em decadência, durante a primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918. A cidade que fora recriada para abrigar estrangeiros e brasileiros vindos do sudeste do país inspirada nas ruas de Paris na época possuíam apenas 35 mil habitantes, agora teria que assumir aqueles oriundos das fazendas produtoras de borracha, tornando sua população ainda maior, e com isso, o surgimento de novos bairros. A Zona Franca de Manaus teve papel fundamental no ordenamento espacial da cidade, enquanto modelo de política econômica e prática social, que proporcionou grandes mudanças na paisagem urbana da cidade. A área de estudo realizada neste trabalho foi o Igarapé do Mindu dividindo seus três cursos: curso inferior, curso médio e curso superior. A proposta era estudar e analisar os espaços utilizados para prática de atividade física e de lazer no seu entorno. Verificou-se que no curso inferior ainda se usa os campos de várzea para a prática esportiva e lazer, e que a poluição de seu corpo d'água está acelerada, causada pela rede de esgotos e lixo ali destinados pelas residências. No curso médio as políticas de esporte e lazer foram bem aplicadas, sendo esquecida a questão ambiental, quando esgotos comerciais e residenciais estão sendo destinados para dentro do Parque dos Bilhares, Parque e Passeio do Mindu, diminuindo assim a qualidade de vida de seus moradores e morte da mata ciliar do seu entorno. O curso superior é uma área que carece dessas intervenções e de ser estruturada, visto que pertence a uma zona de maior adensamento populacional. Nele foram encontrados parques infantis itinerantes, campos de chão batido e quadras de areia. Pelo fato de está inserida nas proximidades da nascente do Mindu necessita de maior vigilância. Nos índices de massa corporal verificado nas populações dos três cursos, aquele que houve maior variação foi o do curso médio quando atingiu a taxa de 23,69 que é classificada como pré-obeso pela Organização Mundial de Saúde. Baseado nos resultados do IMC e indicadores ambientais ficou determinado que qualidade de vida dos moradores do entorno do Igarapé do Mindu é de má qualidade, quando se estabelece a relação corpo, ambiente urbano e cotidiano.

**Palavras chave:** campo de várzea, igarapé do Mindu, espaços, lazer.



## ABSTRACT

Several politics and the disordered growing of Manaus city determined the changing in its form and operation. The urbanization politics these last a hundred years marked the spaces made by the elite class interest in a time and structural form. Going this way, the ones with no economical conditions had no spaces for house, physic and leisure activities and were dislocated to distant areas. A lot of these spaces were the "igarapes", an action that remains until nowadays as an appropriation form of the "igarape" soil of our city. The park 10 spa represented the leisure space for a long time, on which the relation with the environment had no impact. The accelerated crowing and abundance period decreased during the First World War, between 1914 and 1918. The city that was recreated to shelter foreign and Brazilian people from the South-east part of the country inspired in the Paris streets had only 35 thousand people that time and was supposed to assume the ones from the rubber productions farms, increasing, this way, its population and the appearance of new districts. The Manaus Free Zone had a fundamental role in the space city order, as a economic politic modal and social practice, and let to great changes in the Manaus urban landscape. The studios area of this work was the "Mindu Igarapé ", divided in three points: the lower course, the medium course and the upper course. The proposal was to analyze spaces used to physical and leisure activity practice in its bank. We can note that in the lower course the area is still used with this objective, and the water pollution is accelerated, not only by the swage system but also by the residential trash. In the medium course the sport and leisure politics were applied, but the environmental worry was forgotten, where the commercial and residential swage are being through in the Bilhares Park and the Mindu Park, decreasing the life quality of people who live in this area and destroying the forest in its bank. The upper course is an area on which there is not many of these intervention and needs to be more structured, due it belongs to high a populated area. We could find children itinerants parks, soil camp and land squash. Due the fact its near the Mindu's source, it needs more vigilance. Talking about corporal mass index (IMC) of the three course population, the medium course was the one that had the biggest variation, culminating the tax of 23,69, which classified as pre-obese by the Health World Organization. Based on the IMC results and the environment indicator it was determinate that life qualities of Mindu Igarapé people is low taking on consideration body, environment and daily relationship.

**Key words:** varzea land, igarape of Mindu, space, leisure.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Imagem geoprocessada dos pontos de estudos da pesquisa.....	23
FIGURA 2 - Planta da cidade de Manaus.....	27
FIGURA 3 - Lugar atual do antigo Matadouro Municipal.....	29
FIGURA 4 - Catraia no curso inferior do Igarapé do Mindu.....	30
FIGURA 5 - Ponte dos Bilhares no Mindu (na Chapada).....	31
FIGURA 6 - Palafita no bairro de São Raimundo (Igarapé do Mindu).....	36
FIGURA 7 - Banho e passeio no Igarapé do Mindu no bairro do Parque 10...	41
FIGURA 8 - Campo de várzea da Beira-mar na foz do Mindu.....	42
FIGURA 9 - Campo de várzea atrás da Fundação Nacional de Saúde.....	47
FIGURA 10 - Crianças brincando de pular corda e bola no campo de várzea	48
FIGURA 11 - Competição de remo na baía do Rio Negro em 1950.....	49
FIGURA 12 - Garotos pulando da ponte Fábio Lucena no São Raimundo.....	50
FIGURA 13 - Cervejaria Miranda Corrêa no bairro de Aparecida.....	53
FIGURA 14 - Igreja de São Raimundo.....	54
FIGURA 15 - Ponte Fábio Lucena (bairros de São Raimundo e Aparecida)...	55
FIGURA 16 - Imagem do antigo Matadouro Municipal da cidade.....	56
FIGURA 17 - Igreja e praça do bairro da Glória.....	57
FIGURA 18 - Criança brincando de ginástica olímpica.....	61
FIGURA 19 - Antigo Balneário do Parque 10 de Novembro.....	64
FIGURA 20 - Millennium Shopping Center e pista para caminhada no Parque dos Bilhares.....	67
FIGURA 21 - Imagem aérea do Parque do Mindu.....	80
FIGURA 22 - Ponte dos Bilhares em 1902.....	82
FIGURA 23 - Imagem da duplicação da Ponte dos Bilhares.....	83
FIGURA 24 - Vista aérea do Parque dos Bilhares.....	84
FIGURA 25 - Espaço para cultura e leitura no Parque dos Bilhares.....	85
FIGURA 26 - Igarapé do Mindu na invasão Monte Sião em 2003.....	91
FIGURA 27 - Imagem do Igarapé do Mindu no bairro Monte Sião em 2007..	93
FIGURA 28 - Centro de Monitoramento e Vigilância da Nascente do Mindu.	96
FIGURA 29 - Trecho de abrangência do Parque Linear do Mindu.....	97

FIGURA 30 - Corredor Ecológico do Mindu.....	98
FIGURA 31 - Trecho de recuperação do Parque 10 até ponte de São Jorge.	99
FIGURA 32 - Parque de diversão no bairro Monte Sião.....	102
FIGURA 33 - Campo de barro no Monte Sião.....	104
FIGURA 34 - Campo do areal no bairro Cidade de Deus.....	104

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Média do IMC nos cursos: inferior, médio e superior.....	114
GRÁFICO 2 - Percentual do local de origem e nascimento no curso inferior.	116
GRÁFICO 3 - Percentual do local de origem e nascimento no curso médio..	116
GRÁFICO 4 - Percentual do local de origem e nascimento no curso superior	117
GRÁFICO 5 - Formas de deslocamento nos três cursos do Mindu.....	119
GRÁFICO 6 - Espaços utilizados para prática esportiva nos cursos: inferior, médio e superior.....	120
GRÁFICO 7 - Motivo de se praticar atividade física fora do bairro.....	122
GRÁFICO 8 - Motivo pelo qual pratica atividade neste espaço.....	123
GRÁFICO 9 - Espaço utilizado no período da cheia no curso inferior.....	124
GRÁFICO 10 - Escolha da atividade praticada.....	126
GRÁFICO 11 - Frequência do período de prática.....	127
GRÁFICO 12 - Composição da dieta diária.....	130
GRÁFICO 13 - Quantidade de dieta no período diário.....	132
GRÁFICO 14 - Fatores de poluição ambiental nos cursos: inferior, médio e superior.....	134

## LISTA DE TABELAS

TABELA 01 - Percentual de incremento médio anual, segundo Região e UF..	71
TABELA 02 - Mortalidade proporcional por faixa etária, segundo Grupo de Causa.....	90
.	
TABELA 3 - Média de idade dos praticantes de atividade física e lazer.....	11
	2
TABELA 4 – Percentual do nível de escolaridade.....	11
	3

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Valores médios de Temperatura, pH e Oxigênio Dissolvido.....	78
QUADRO 2 - Valores médios de Temperatura, pH e Oxigênio Dissolvido (curso superior).....	94
QUADRO 3 - Classificação do IDH segundo a ONU.....	107
QUADRO 4 - Classificação IMC.....	110
QUADRO 5 - Principais categorias de fatores de risco à saúde.....	128

## LISTA DE SIGLAS

ACSM – American College Sport of Medicine

APA – Área de Proteção Ambiental

COHABAM – Companhia de Habitação do Amazonas

CSU – Centro Social Urbano

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

ICV – Índice de Condições de Vida

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IDH – M - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IMC – Índice de Massa Corporal

IMPLURB – Instituto Municipal de Planejamento Urbano

INPA – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

IQV – Índice de Qualidade de Vida

MMA – Ministério do Meio Ambiente

OMS – Organização Mundial de Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

PIBIC – Programa Institucional de Bolsa e Iniciação Científica

PIB – Produto Interno e Bruto

PNUD – Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas

PNCSU – Programa Nacional de Centros Sociais Urbanos

SEMMA – Secretaria Municipal do Meio Ambiente

SIM – Sistema de Informação sobre Mortalidade

SINSC – Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos

SESI – Serviço Social da Indústria

SNUC – Sistema Nacional de Unidade de Conservação

SUFRAMA – Superintendência da Zona Franca de Manaus

RMM – Região Metropolitana de Manaus

RDH – Relatório de Desenvolvimento Humano



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO I - CIDADE DE MANAUS E SUA RELAÇÃO ASCENDENTE AOS IGARAPÉS CURSO INFERIOR.....</b>	<b>25</b>
1.1 Espaços para o lazer no curso inferior do Igarapé do Mindu: lazer e futebol nos campos de várzea.....	37
1.2 Os bairros: Aparecida, Glória e São Raimundo.....	52
1.3 Ausência de políticas para o lazer no curso inferior do Igarapé do Mindu: lazer e futebol nos campos de várzea.....	58
<b>CAPÍTULO II - CORPO, LAZER E INTERAÇÕES SOCIAIS – CURSO MÉDIO .....</b>	<b>63</b>
2.1 Os bairros de São Geraldo, Chapada e Parque 10 .....	71
2.2 Políticas públicas urbanas: ambiente e lazer.....	76
2.3 O Parque e Passeio do Mindu.....	79
2.4 O Parque dos Bilhares.....	82
<b>CAPÍTULO III - REQUALIFICAÇÃO E REFUNDAÇÃO DOS ESPAÇOS E SUA UTILIZAÇÃO - CURSO SUPERIOR.....</b>	<b>88</b>
3.1 O Corredor Ecológico do Mindu como forma de política pública socioambiental.....	96
3.2 Atividade física e lazer no entorno do Igarapé do Mindu.....	100
3.3 Qualidade de vida: análise do corpo através do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e Índice de Massa Corporal (IMC).....	105
3.3.1 Índice de Massa Corporal (IMC) e qualidade de vida.....	109

<b>CAPÍTULO IV – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>112</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>135</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>139</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>144</b>

## **CAPÍTULO I - CIDADE DE MANAUS E SUA RELAÇÃO ASCENDENTE AOS IGARAPÉS-CURSO INFERIOR**

Manaus surgiu em 1669 com o nome Forte de São José do Rio Negro. Ao passar do tempo, foi elevada a categoria de Vila em 1832 com o nome de Manáos, que significa mãe dos deuses, em homenagem à nação indígena dos Manaós. No dia 24 de outubro de 1848 foi elevada desta vez à categoria de cidade com o nome de *Cidade da Barra do Rio Negro*. Sempre foi caracterizada pela alternância de nomes que nem mesmo os seus descritores, viajantes que por aqui passavam, conseguiam entender a sua real grafia e significado. Após sofrer vários processos, passar vários governos e intervenções políticas, em 4 de setembro de 1856 foi denominada finalmente cidade de Manaus pelo então governador Herculano Ferreira Pena (MOTA, 2007, p.12).

Por ser mais próxima da província do Grão-Pará, propícia para caça, abundante para a pesca e agricultura, e por está no centro da confluência de dois grandes rios: Negro e Solimões, foi considerada ideal para ser a sede administrativa da capitania pelo Ouvidor Sampaio no ano de 1774. Começou a ser ordenada e crescer como a capital da região com Lobo D'Almada retirando a primazia de capital de Barcelos. Já em 1786 poderia ser notada a sua divisão em dois agrupamentos separados pelos bairros Igarapés da Tapera dos Maués e Tapera dos Manaós (MOTA, 2007, p.18).

A cidade de Manaus a partir do final do século XIX, não exibia a natureza antes descrita por Bates em 1850; Avé-Lallemant, em 1859 e por Agassiz em 1865. Sua origem é datada do ano de 1669 de um aglomerado de grupos indígenas como passé, paisana, urequena, manaós e juri, no entorno do Forte

São José do Rio Negro. Neste mesmo período, Manaus passou a ser conhecida apenas como o Lugar da Barra. No seu espaço urbano conviviam ricos e pobres, brancos, índios e mestiços. Toda sua forma de rotina envolvia o seu centro, a vida da cidade era experimentada por todos aqueles que a compõem sem distinção (DIAS, 2007, p.27).

Manaus não apresentava qualquer possibilidade de sair do estado de harmonia e equilíbrio social, para o que lhe esperava, o *boom* do período da Borracha, o que explica não existir até aquele momento tensões entre os que ali habitavam, contrariamente, havia harmonia entre os diversos elementos, homem, natureza e trabalho. O período da borracha vai propiciar a Manaus o alargamento do seu espaço e redefinição de sua organização. Pela cidade passavam milhares de toneladas para exportação, vindas dos mais distantes seringais da região amazônica e circulavam variados tipos de mercadorias.

A capital do látex vai adquirindo nova fisionomia corrige-se terrenos acidentados, organiza-se o diagrama de nivelamento da cidade a fim de estabelecer normas aos novos projetos de construção. Aterra-se igarapés, estes muitas vezes usados como via de comunicação, fonte de abastecimento de água e local de lazer (DIAS, 2007, p.34).

Sendo impulsionado pelo ciclo econômico da borracha, o primeiro momento de crescimento, atingindo seu auge no governo de Eduardo Ribeiro, com a construção do seu ícone, o teatro Amazonas, o que representou o sentido do estilo da urbanização da cidade. Eduardo Ribeiro já tinha sido governador interino por duas vezes, mas, foi no mandato de 1892 a 1896, que ocorreram as maiores transformações na cidade. Ele elaborou todo planejamento urbanístico que envolveu calçamento de pedra de liós, arborização, prédios verticalizados

como o da alfândega, modelo que não era específico de Manaus, mas sim de todas as cidades dos trópicos (DIAS, 2007, p.35).

Neste período, como durante todo o apogeu da Borracha, quase tudo que era consumido em Manaus era importado da Europa, desde as pedras cravadas nas ruas, a bebida, o fumo e as roupas, que eram lavadas na Europa e não nas águas de nossos rios e igarapés (VIEIRA, 2007, p.2).

De 1900 a 1920 a cidade, apesar de sofrer alterações com os novos investimentos proporcionados pelas políticas públicas de urbanização do seu espaço, ainda conservava muito da antiga fisionomia observada pelos viajantes que por aqui passaram.

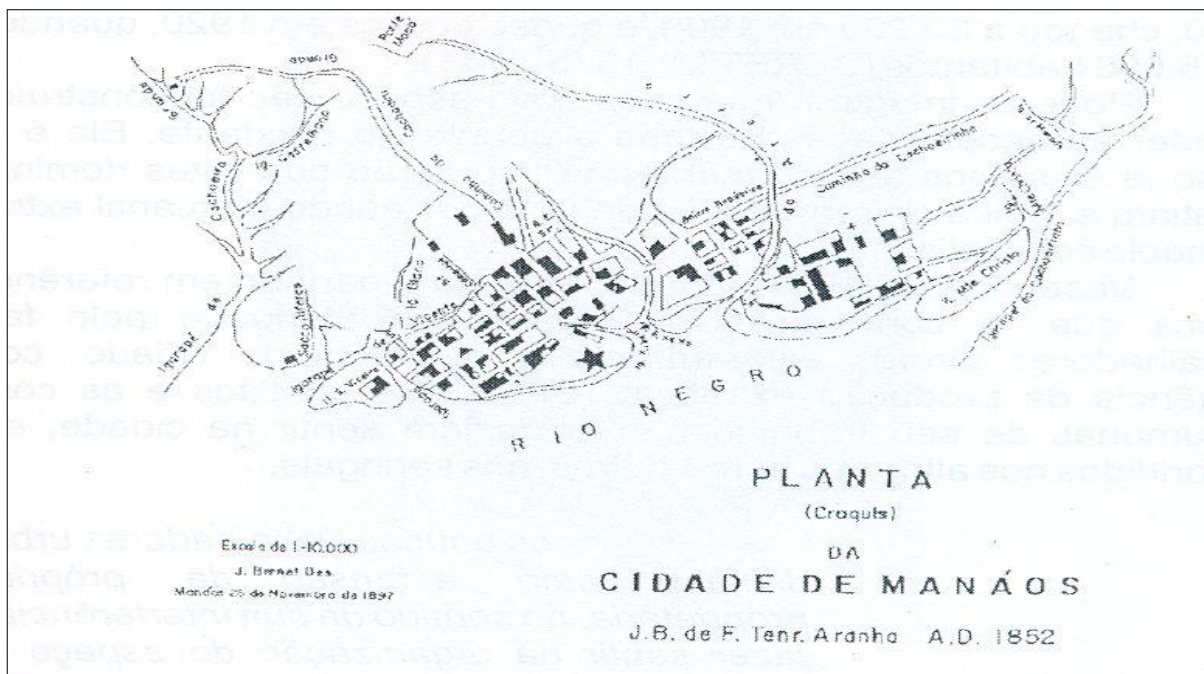


Figura 2: Planta da cidade de Manaus.  
Fonte: Oliveira *et al.*, 2003.

Manaus é uma cidade de vários contrastes e um deles são as antigas e as novas formas de urbanização do seu espaço, e porque não dizer, as construções. A atividade humana origina-se no homem e para o homem se

ordena. O trabalho não apenas modifica os seres e a sociedade, mas, aperfeiçoa-se a si também. Igualmente, tudo quanto os homens fazem para obter maior justiça, fraternidade mais larga e uma ordem mais humana nas relações sociais, tem maior valor do que os progressos técnicos.

Esses progressos foram cristalizados pela sociedade industrial e urbana ao criar a cidade como seu horizonte. A sociedade produz as metrópoles, as conurbações<sup>1</sup>, cidades industriais, conjuntos habitacionais. No entanto, fracassa na ordenação desses espaços (LE CORBUSIER, 1983, p.3).

Nos anos vinte ainda é possível encontrar a ocupação da terra urbana no seu centro histórico, através dessas construções que estreitam os espaços que ainda estavam vagos na cidade. As moradias populares eram incentivadas para o norte da cidade no bairro de Presidente Vargas (antiga Matinha) que está situado na margem esquerda do Igarapé do Mindu na micro bacia de São Raimundo, e para o leste o da Praça 14 indo até o limite do Boulevard Amazonas e o bairro da Cachoeirinha. Os palacetes, as casas dos segmentos dos ricos concentravam-se na parte sudeste da cidade, ou seja, no seu **centro**<sup>2</sup>.

Os bairros de São Raimundo e Educandos concentravam segmentos populares, no São Raimundo encontrava-se o Matadouro Municipal às margens do antigo Igarapé da Cachoeira Grande (Mindu) que se constituiu numa área de importante relação econômica e social (Figura 3).

---

<sup>1</sup> O termo foi criado por Patrick Geddes para designar as aglomerações urbanas que invadem uma região, pela influência atrativa de uma grande cidade. O mesmo autor em *Cities in Evolution*, sustenta que é necessário um nome para designar esses agrupamentos urbanos, essas agregações às cidades. In LE CORBUSIER. A Carta de Atenas. São Paulo: Hucitec, 1983. p.34.

<sup>2</sup> O centro a que se refere o texto é o centro histórico da cidade, haja vista, que as periferias também têm o seu centro.



Figura 3: Imagem do lugar onde era o antigo Matadouro Municipal, lugar atual da Fundação Nacional de Saúde no Igarapé de São Raimundo no período da cheia.  
Foto: Pinheiro, 2007.

O período de crescimento acelerado e fartura entraram em decadência, durante a primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918, e devido à baixa no preço do látex no mercado internacional e o surgimento de novos mercados produtores da borracha na Ásia, mais especificamente na Malásia, concorrendo diretamente com a borracha produzida na Amazônia.

A cidade foi recriada para abrigar estrangeiros e brasileiros vindos das diversas regiões do país. Na época possuía apenas 35 mil habitantes, hoje, é apropriada por 1.646.602 habitantes (IBGE/2007). Quase toda a cidade era servida por linhas de bonde excetuando os bairros de São Raimundo e Educandos sendo que a população destes locais servia-se do serviço do Pano Inclinado, completando com os serviços diários deslocando-se de uma margem à outra através da catraia<sup>3</sup> (OLIVEIRA, 2003, p.110).

---

<sup>3</sup> As catraias dos igarapés não tinham perfil único (eram canoas adaptadas), na maioria delas,

As catraias eram formas de transporte e comunicação partindo do centro da cidade a outros bairros como São Raimundo, Educandos, Glória e outros, assim como, a necessidade de se estabelecer relações comerciais e serviços. Nas tardes de domingo as pessoas iam visitar parentes na outra margem, nesse sentido, a travessia assumia o caráter de lazer e interação social.



Figura 4. Catraia no curso inferior do igarapé do Mindu (micro bacia do São Raimundo).  
Fonte: Corrêa Lima, 1983.

A cidade é o *lócus* para analisar as escalas do corpo. Busca-se neste ponto esclarecer o corpo também como a idéia de coletividade experimentado nas associações, partidos e cooperativas. Por isso, a relação produzida na cidade vai além do imaginário. A figura da cidade surge como uma idéia utópica. Ao se produzir coletivamente uma cidade, temos a possibilidade de reproduzir a nós mesmo (HARVEY, 2001, p.87).

---

transportavam o maior número de pessoas possível, era coberta de lona, com nome para identificação pintado na sua fâquia, geralmente nomes de clubes da cidade (figura 4).



Neste sentido, se o espaço está correlacionado à realidade total-global, inserindo-se no plano do abstrato, e relaciona-se ao plano do conhecimento, sua produção social, a ação do homem, dirige-se ao plano do concreto, da urbanização, ou seja, da transformação. Assim, o espaço urbano não resulta apenas da reprodução daqueles que vivem nas cidades não é somente um produto do tempo presente, mas de tempos experimentados pela história, fixados nas suas paisagens. O estudo do processo histórico de produção do espaço sugere a sobreposição e contigüidade de vários níveis da realidade urbana e social das cidades (CARLOS, 2001, p.12).

A configuração urbana empregada nos anos sessenta é produzida num processo que retoma a morfologia da cidade do final do século com o aterro dos igarapés do centro da cidade e a construção de três pontes na Avenida Sete de setembro e da ponte da estrada de Epaminondas (ponte dos Bilhares) na Cachoeira Grande (São Jorge com a Chapada), o que possibilitou a expansão da cidade no sentido leste e norte.

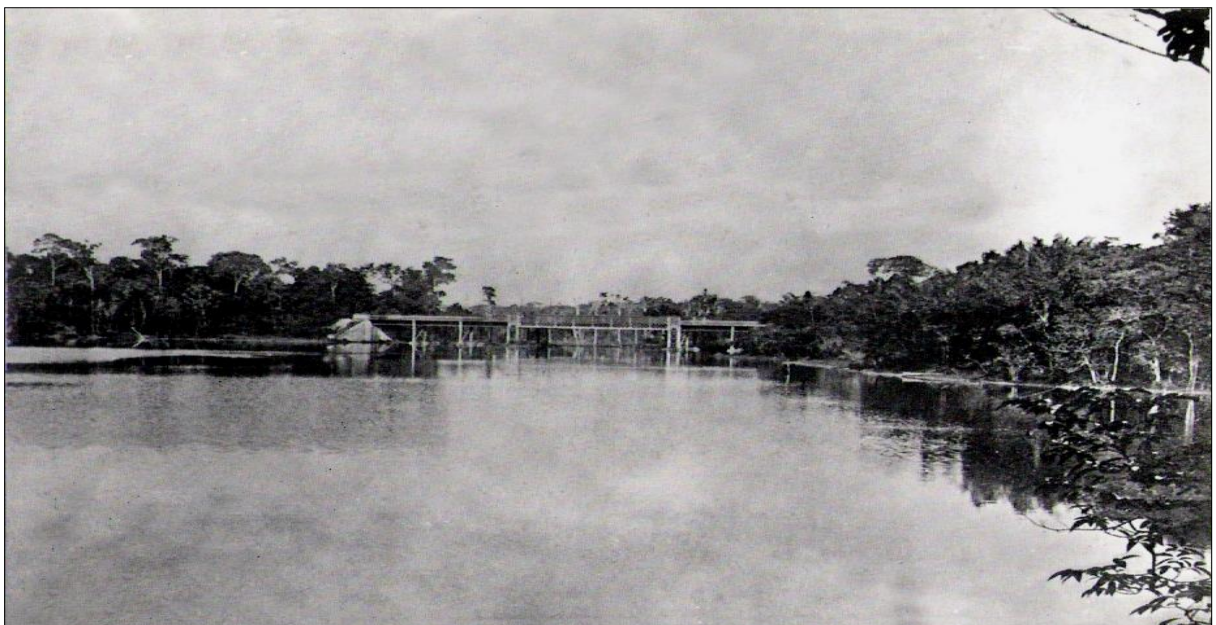


Figura 5 - Ponte dos Bilhares no igarapé do Mindu no bairro da chapada com o São Geraldo e São Jorge, local de formação da antiga Cachoeira Grande.  
Fonte: Corrêa Lima, 1983.

Manaus encontra-se a 03°08' S e 60°00' W à altitude de 21 m acima do nível do mar à margem esquerda dos rios Negro e Amazonas, próximo de sua confluência com o rio Solimões. Está situada sobre a Formação Alter do Chão, de idade Cretácea. O Holoceno está representado por depósitos aluvionares ao longo dos rios e igarapés Silva (1999, p.14). Segundo a classificação de Köppen-Geiger, o clima é do tipo quente e úmido. A temperatura média anual é de 25,6°C e o índice pluviométrico médio anual é de 2.300 mm. A umidade do ar é relativamente alta durante o ano, os meses com maior (inverno) e menor (verão) intensidade pluviométrica são de novembro a abril e junho a outubro, respectivamente (PRANCE; LOVEJOY, 1985, p.4).

Segundo Ab`Saber (1952, p.20), o sítio urbano de Manaus apresenta perfil sistemático de colinas tabuliformes, pertencentes a vasta seção de tabuleiro de sedimentos Terciários que separam os igarapés. As formas topográficas de Manaus são caracterizadas por planície, com amplitude altimétrica variando entre 20 a 105 metros acima do nível médio do rio Negro. Para perceber este perfil topográfico no tempo e no espaço vejamos o que diz o relatório do governo do Estado do Amazonas acerca de tal característica em composição com o fenômeno da vazante nos igarapés da cidade de Manaus:

Bem sabemos que, à proporção que o volume das águas diminui, vai ficando a descoberta nas margens do rio Negro e dos igarapés existentes na Cidade e circunvizinhança, uma área que tende sempre a aumentar de extensão (...) <sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Relatório apresentado ao Governador do Estado do Amazonas Dr. Fileto Pires Ferreira, pela Junta de Higiene pelo Dr. S. Matos, 1896. Administração de 1898-1900. p.74. In OLIVEIRA *et al.* Cidade de Manaus. Visões interdisciplinares. Manaus: EDUA, 2003. p.164.

A cidade é recortada por densa malha de igarapés que formam o sistema fundamental das bacias de drenagem. A precariedade das moradias nas margens desses igarapés, despejando parte do lixo e esgotos sanitários nessas águas, e o lançamento de despejos de origem industrial, principalmente no Igarapé do Quarenta, provocam impactos ambientais, verificados através das condições físico-químicas destas águas (Silva, 1996; Elias; Silva, 2001). Nos igarapés é verificável contaminação de origem antrópica, com baixo teor de oxigênio dissolvido e altas concentrações de ferro, manganês, zinco, cobre e nitrato, além da presença de coliformes fecais e totais acima das taxas permissíveis para recreação e consumo humano e doméstico, consequência da ocupação desordenada nas margens dos igarapés.

Estima-se que cada quilômetro quadrado da Amazônia Central contenha de 2 a 4 km de igarapés, o que torna essa rede hidrográfica a mais densa do mundo. Os elevados índices de chuvas na região (2 mil a 3,5 mil mm por ano) contribuem para a existência dessa extensa teia de rios e riachos. Os diversos tipos de solos existentes nas bacias de drenagem fazem com que os tipos de água desses igarapés sejam também diferentes, embora a maioria dessas águas seja pobre em nutrientes dissolvidos. Esse fato, somado à baixa penetração da luz solar até a água (que limita a chamada produção primária, ou seja, a proliferação de organismos fotossintetizantes), determina a existência de uma cadeia alimentar aquática basicamente bentônica formada por organismos que vivem sobre e no interior dos sedimentos do fundo e fortemente dependente do material proveniente da floresta. Nesses pequenos corpos d'água, os fungos e a liteira (folhiço submerso) são as fontes primárias de alimentos que sustentam a fauna aquática diversificada. Além dos aspectos nutricionais, a floresta é

fundamental para a existência da extensa rede de igarapés da Amazônia (SILVA, 1996, p.20).

Na região, metade das chuvas tem origem na evapotranspiração da floresta, e os demais 50% vêm do oceano Atlântico. A cobertura florestal ajuda a manter a integridade do solo (textura, porosidade) e a capacidade de infiltração da água, o que reduz o escoamento superficial e minimiza a erosão. Assim, na Amazônia Central, os igarapés mantêm seus fluxos mesmo em períodos mais secos (SILVA, 1996; ELIAS; SILVA, 2001).

Em Manaus, os igarapés que eram vidas, passaram a ser sinônimo de morte, as matas ciliares das baixas faixas laterais eram responsáveis pelas inúmeras doenças, como podemos perceber no relatório de repartição de Obras e Higiene e nas mensagens dos governadores.

Deve, contudo, lembrar, como cousas de urgente necessidade, a limpeza dos igarapés, que penetram o coração da capital, pois como todos sabem, é uma poderosa causa de moléstia o contato com a água de vegetais arrancados da terra<sup>5</sup>.

Não era somente o foco de doenças que incomodava o poder público, mas, como a cidade atraía muitas pessoas vindas de diferentes partes do Brasil e do mundo, o espaço oferecido na cidade não correspondia à demanda exigida por causa da grande dinâmica econômica e comercial experimentada pela cidade. Neste contexto, o surgimento de vários problemas sociais como o ócio, a vadiagem, a prostituição, mendigagem e a pobreza, levou o poder público a criar

---

<sup>5</sup> Relatório sobre o Estado Sanitário da Província do Amazonas. Cidade da Barra do Rio Negro. 16 de julho de 1854. Elaborado por Dr. Antônio José Moreira, Anexo do Relatório da província do Amazonas, volume I, 1852-1857, reeditado em 1906, p.327-330. *In* A cidade de Manaus: análise da produção do espaço urbano a partir dos igarapés.

órgãos que pudessem monitorar de forma viril esses problemas. Aos que não tinham condições de moradia na *urbe* foram postos a construir suas casas nos matagais e campinas no entorno da cidade, onde muitas vezes, a casa era apenas uma cobertura de palha sem paredes, um local sem qualquer higiene e segurança (DIAS, 2007, p.30).

A realidade urbana constituída analisa a vida cotidiana como lugar de produção num sentido amplo nas escalas e nas especificidades da vida do lugar com persistências nas antigas relações. O que existe na cidade e o que se impõe como novo está na forma das transformações das metrópoles, aonde os lugares vão se integrando de modo sucessivo e simultâneo como uma nova lógica (CARLOS, 2001, p.14).

A paisagem urbana não se resume ao conjunto de objetos, os que se diferenciam, pois eles possuem modos de viver que são frutos das relações de produção e criação inseridas nas dimensões históricas da sociedade.

A cidade de Manaus é uma das cidades que cresceu de forma desordenada<sup>6</sup> e construída sem planejamento urbano que pudesse abranger todas as camadas das sociedades, e, assim são as demais cidades da Amazônia. Isso vai acontecer desde a criação de malhas viárias, grandes conjuntos habitacionais, pontes, até o aterro e desaterro de igarapés que cortam o seu sítio urbano (AZEVEDO FILHO, 2004, p.72).

Como o ritmo das ações era acelerado em virtude do crescimento imediato, não se planejou ações para os possíveis problemas que poderiam surgir com o seu processo de urbanização. Foi necessário aterrar vários igarapés que cortavam a cidade na sua parte frontal e entre os principais estavam os igarapés

---

<sup>6</sup> O desordenado na paisagem urbana pode ser considerado como a ordem do possível, onde o planejamento não resolve tudo, é parte de um problema social.

da Ilha de São Vicente, do Espírito Santo, dos Remédios ou Aterro, de Manaus, de Monte Cristo, da Bica de Boa Vista e o da Ribeira das Naus. Estes igarapés impediam o avanço da cidade servindo como limite natural de ocupação da cidade (OLIVEIRA; VALLE, 2003, p.153).

Ao confirmar tal fato o poder público visualizou de imediato a possibilidade ou não de ocupação de área futura. Isso se completa com a produção da cidade flutuante e a construção de palafitas nas encostas do rio Negro e igarapés inicialmente na parte central da cidade e posteriormente se ampliando para as áreas mais distantes. O poder municipal não imaginou isto apenas como conseqüente erro ou disputa de acessibilidade ao centro histórico da cidade. Isto se confirma como realidade concreta através de pessoas que vêm do interior do nosso Estado e por famílias ligadas a elas economicamente, que usufrui do lugar e suas relações.



Figura 6 - Palafita no bairro de São Raimundo, na foz do igarapé do Mindu de frente para o Rio Negro, no período da vazante.  
Foto: Pinheiro, 2007.

Como alguns destes igarapés não tinham largura extensa, optou-se em aterrar para facilitar o crescimento populacional e estabelecer ligações com outras partes da cidade que eram de difícil acesso. Nas cidades os espaços para a moradia, trabalho e locomoção estão cada vez mais escassos, o espaço e o tempo reservado ao lazer estão sendo reduzido com o avançar do tempo de trabalho e também com a idéia de que o esporte e lazer não produzem algo que renda lucro. Le Corbusier (1993, p.4), “teoriza a cidade funcional, onde se desenvolve a idéia de zona industrial e de consumo, local onde se produz:”. “De outro lado, há os bairros residenciais, onde se descansa; os bairros comerciais, onde se fazem as compras e as zonas de lazer, onde se brinca e se diverte”, assim surge um novo conceito de cidade, cidade como “máquina de morar”, viver e de se estabelecer relações (DE MASI, 2000, p.61).

Toda cidade possui em sua periferia<sup>7</sup> local capaz de corresponder ao que realmente a sociedade necessita, aos quais, através de um projeto bem pensado e adequado a aquela localidade, incluindo meios de transportes para facilitar o acesso do público e estruturas para a alimentação e higiene. Embora já tenha se passado mais de cem anos Manaus ainda padece em muito das mazelas que possuía desde o início do seu processo de urbanização, basta olhar ainda as palafitas de sua frente.

## **1.1 ESPAÇOS PARA O LAZER NO CURSO INFERIOR DO IGARAPÉ DO MINDU:**

---

<sup>7</sup> a) Segundo Ferreira (1999), num sentido figurativo esse termo assume um aspecto geométrico de contorno, no sentido social,

de vizinhança, e no espacial, de proximidade.

b) Numa cidade, é a região mais afastada do centro urbano e histórico, em geral carente em infra-estrutura e serviços urbanos, e que abriga os setores de baixa renda da população.

c) Em outro contexto podem-se verificar marcas da periferia no centro da cidade, bem como,

## LAZER E FUTEBOL NOS CAMPOS DE VÁRZEA

Le Corbusier (1993, p.34), pressupõe que as horas livres semanais deveriam transcorrer em locais adequadamente preparados como florestas, parques, áreas de esporte, estádios e praias, para melhor atender às necessidades das pessoas. Para ele, na década de vinte, esses espaços deveriam, antes de tudo, ter um papel útil de funcionalidade com instalações de caráter coletivo ocupado com atividades físicas variadas, pistas de corridas. Em outras palavras, elas seriam os prolongamentos da habitação, e como elas, deveriam estar sob o estatuto do solo.

As grandes metrópoles tanto da antiguidade como as atuais são carregadas de intenções onde praticamente, não há espaço para determinados programas que desenvolvam o lazer e a consciência de qualidade de vida. Contrariamente, essas políticas não planejadas, originam-se pifamente quando a estrutura já está pronta.

No entanto, quando os técnicos impõem suas impressões, ao idealizarem e sintetizarem seus projetos arquitetônicos numa determinada localidade da cidade, poucas propostas são previstas para o lazer. O que era natural e que foi perdido, já não poderá ser mais reconstruído.

No espaço de várzea produzido joga-se o futebol, mas, nele é também percebida a prática do empinar papagaio de papel (conhecido também como pipa noutras regiões do Brasil) e nas regiões onde aparecem as praias, o tempo de transeuntes e moradores é apropriado com a contemplação do rio Negro, com a presença de barcos que singram o rio, com as antigas e novas construções do



seu entorno, como a ponte Fábio Lucena, e também, com o ir e vir das pessoas no seu porto fazendo comércio.

A maioria das cidades contemporâneas oferece a imagem do caos. Essas cidades não correspondem de modo algum à sua destinação, que seria satisfazer as necessidades primordiais, biológicas e psicológicas de sua população. Esta situação revela, desde o comércio da era da era industrial, o crescimento incessante do interesse privado. O seu desenvolvimento no dispositivo urbano só pode ser regido pela escala humana (LE CORBUSIER, 1993, p.86).

A cidade representa no campo social o encontro e a reunião daquilo que existe nos arredores, na vizinhança (bens e produtos, atos e atividades nela inseridos) e, por conseguinte a sociedade urbana como *lócus* socialmente privilegiado, como sentido das atividades produtivas e consumidoras, é a síntese da obra e do produto.

O uso principal da cidade, isto é, das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a festa, que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro (LEFEBVRE, 2006, p.114).

Quer dizer, fica estabelecida a troca daquilo que a cidade oferece com as necessidades do consumo. O urbanismo enquanto prática permite a determinação de resultados ao conhecimento parcial ou global. A obra produzida através da história foi corroída por estratégias de classes, preocupadas com a criação de produtos. Esses produtos são feitos a aqueles que deles possam usar e nesta relação se produz também o imaginário.

Portanto, fica claro que a ocupação de um espaço leva ao confronto de classes que se sobrepõem, onde fica reservado a aquele de menor poder de

compra da obra em forma de produto. E os espaços dos igarapés são mercadorias neste enfrentamento.

O crescimento urbano e conseqüente ocupação “desordenada” da cidade de Manaus ocasionaram impactos diretos ao meio ambiente, assim como o agravamento de problemas sociais, em especial a ocupação dos igarapés que cortam a cidade, conforme notado por (AB’SABER, 1952, p.21).

O termo *desordenado* aqui colocado é segundo Gottdiener (1997 apud Oliveira, 2003, p.34-35), a ordem do possível, e está relacionado com a lógica da produção da cidade numa sociedade desigual em que os espaços são ocupados de acordo com as possibilidades de cada um. Como o espaço da cidade é uma mercadoria, as pessoas têm que pagar por isso. Desse modo, a ocupação de áreas como os igarapés, deve ser considerada não uma aberração, mas a conseqüência desta lógica de produção.

A maneira como ocorreu a ocupação dos igarapés em Manaus, pode-se considerar um exemplo. A urbanização seguiu a lógica de produção onde aos de maior poder aquisitivo, foram destinados os melhores espaços; e para os pobres e sem perspectiva, restou a ocupação de áreas, muitas vezes impróprias para moradia, neste caso, os igarapés.

Para compreender essa ocupação é importante ressaltar sua localização e em que estrutura a cidade foi sendo construída, tendo os igarapés como fronteira. Através dessa forma de ocupação, a cidade perdeu espaços saudáveis que eram utilizados pela população para o lazer e pesca, excluindo-se recursos ambientais que lhe poderiam ter dado fisionomia diferente (VALLE, 2003, p.179).

A natureza, ou aquilo que é tido como tal, aquilo que dela sobrevive, torna-se o gueto dos prazeres, o lugar separado do prazer, representa a

aposentadoria da criatividade. Com relação a essa visão, (LEFEBVRE, 2006, p.116) discorre:

Os urbanos transportam o urbano consigo, ainda que não carreguem a urbanidade. Por eles colonizado, o campo (a natureza), perde suas qualidades, propriedades e encantos da vida natural. O urbano assola o campo.

Embora hoje sua população conte com balneários dotados em estrutura de alimentação, lazer e higiene, produtos do urbano, os seus habitantes não deixaram o costume que lhe foi peculiar sendo homem habituado à natureza, ele não se esqueceu de se refrescar na beira dos igarapés (ANDRADE, 1984, p.63).

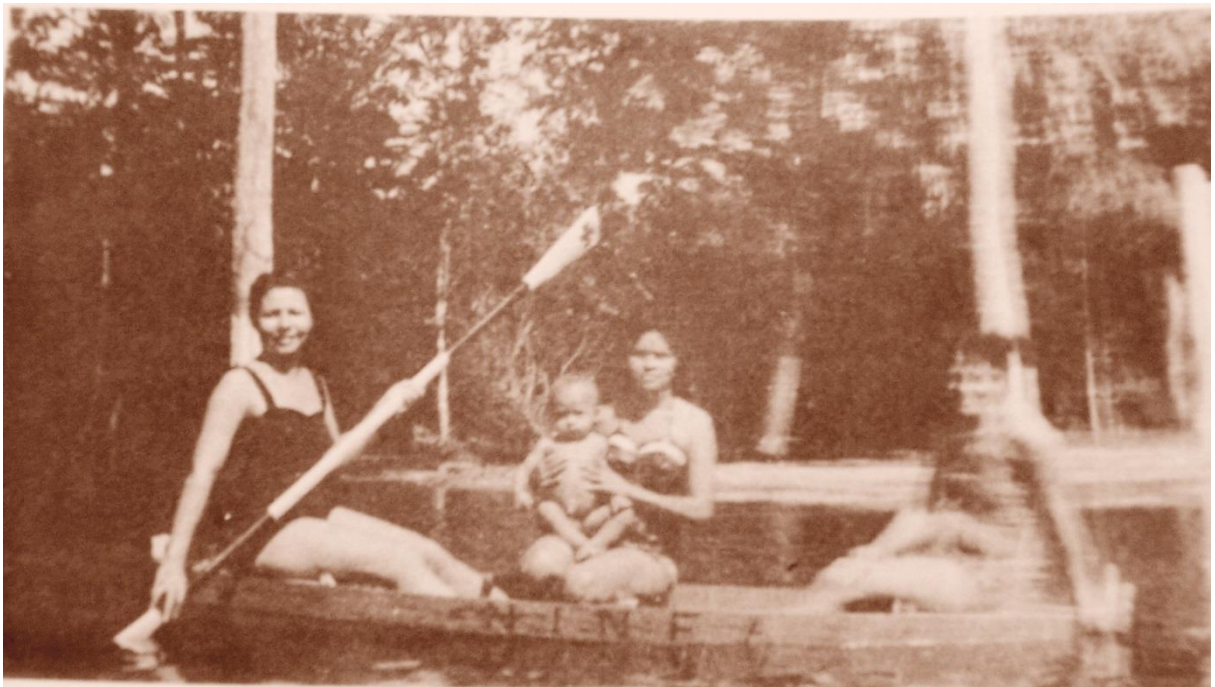


Figura 7 - Banho e passeio no Igarapé do Mindu no bairro do Parque 10.  
Fonte: Corrêa Lima, 1983.

O rio era o espaço servido ao lazer como balneários e servindo como

ruas, enquanto que no período da vazante<sup>8</sup> do rio Negro e a conseqüente seca na bacia de São Raimundo, apareciam os campos de várzea<sup>9</sup> onde se praticava o futebol onde se organizava até campeonatos com notícias publicadas nos principais jornais da cidade. Esses campos assumiam a condição de espaço público onde a regra para utilizá-lo é consuetudinária, as atividades ali desenvolvidas eram desprovidas de regras escritas visto que, o que realizavam era lazer num espaço que ainda não era apropriado nem pelo Estado e nem pelo privado.



Figura 8 – Campo de Várzea (campo da Beira-mar) na foz do Mindu.  
Foto: Pinheiro, 2007.

Fisicamente, o espaço público<sup>10</sup> é, antes de tudo, o lugar, a praça, a rua, a

---

<sup>8</sup> Escoamento, saída, vazão.

Terreno baixo e úmido, grande vale ao longo dos rios, baixa próxima de aguadas e de lagoas em

geral, enfim, qualquer terra baixa e plana, temporariamente alagada pelas enchentes dos rios.

<sup>9</sup> Local especialmente preparado e demarcado pela natureza para a prática do futebol. Caracteriza-se pelos espaços que aparecem com a baixa dos rios; muita das vezes representa o fundo do igarapé com a descida das águas.

<sup>10</sup> Normalmente a sociedade aplica o conceito de espaço público a aquilo que não é privado.

praia, qualquer tipo de espaço, onde não há obstáculos à possibilidade de acesso e participação de qualquer tipo de pessoa. Espaço público é o lugar das indiferenças, onde as afinidades sociais, os jogos de prestígio, as diferenças, quaisquer que sejam, devem se submeter às regras de civilidade, porém não necessariamente necessitam estar escritas (GOMES, 2001, p.162).

O espaço urbano é produzido segundo a lógica baseada na expansão do capital. A natureza passa a desempenhar o papel de recurso natural que pode ser apropriado pelo homem, este se torna distinto do recurso a ser apropriado, separando-se, portanto, da natureza. Caracterizam-se, nesse momento, dois mundos distintos: o social e o natural, onde vivem respectivamente sujeito e objeto, gerando contradições de interesses das classes (CARLOS, 1994, p.75).

Como resultado dessas relações, o ambiente das cidades é estressante assim como a rotina de seus moradores. O trânsito, as filas, as desordens sociais, o mau hábito alimentar, e outras preocupações negativas tornam o homem urbano mais fragilizado e exposto às doenças. As práticas no cotidiano definem as necessidades do uso da cidade.

De acordo com Featherstone (1991 apud Marinho; Bruhns, 2003, p.25), a vida cotidiana deve ser entendida como um processo historicamente definido, no qual há ênfase naquilo que se faz todos os dias, nas crenças e práticas destacando-se os momentos presentes que proporcionam sentido não reflexivo de imersão na imediatez de experiência e atividades usuais.

Os esportes realizados na natureza podem apresentar um novo cenário, que não é o da destruição, mas, é reflexivo e antropológico. O esporte age, portanto neste campo, da interação e necessidade, como um elemento que reduz

o risco patológico futuro e também funciona como agente multidimensional que compõe o indivíduo sejam elas preocupações emocionais ou sociais.

Pensa-se na qualidade de vida do cotidiano, como possibilidade de resistência frente ao processo de racionalização, promovendo a socialização, na intensificação do momento, na qual o presente e as formas de vida frívolas e imaginativas proporcionam um senso de coletividade, reagindo ao individualismo. Deste modo, observa-se a importância do lazer na reintegração e no aprofundamento das relações ora cristalizadas, interrompidas e suprimidas em consequência da urbanização.

As formas de manifestações da atividade física em determinadas escalas são realizadas como lazer reconhecendo o esporte como cultura. Brincar, buscar formas de prazer e lazer além do mundo do trabalho, sempre simbolizou e manifestou aspectos importantes da cultura, ainda que não fossem elementos incomuns na construção do imaginário que relacionasse linearmente essas práticas humanas fundamentais (MELO; ALVES JÚNIOR, 2003, p.23).

Portanto, há de se perceber que a prática cotidiana da atividade esportiva na várzea do curso inferior do igarapé do Mindu, nas mediações de São Raimundo, Glória e Aparecida assumiu uma conotação sociocultural e que a vontade manifestada era desejo internalizado muitas vezes pela mídia que enaltecia o futebol deixando outras práticas desconhecidas pela população.

O lazer é um fator social moderno surgido da artificialização do tempo de trabalho, típica do modelo de produção desenvolvido a partir da revolução Industrial. Também pode ser entendido como, um momento de ócio, de ficar parado, quando não um momento de alienação da realidade.

Segundo Dumazedier (2001, p.293), o lazer pode ser descrito como uma

situação social e cultural e não como um comportamento isolado. Assim sendo o indivíduo, de acordo com o seu status social, familiar, sua idade e caráter, vive a cultura que tem sua própria estrutura. E a prática do futebol nos campos de várzea obedece esta regra, determina a ação do corpo em combinação com aquilo no qual ele exerce como propriedade, o espaço, o lugar.

O lazer é desenvolvido por uma clara tensão entre as classes sociais e da ocorrência contínua e complexa de controle, resistência, adequação e subversão. Os momentos de lazer não são somente mecanicamente determinados pelas condições econômicas, mas não pode se deixar de perceber tais influências (MELO; ALVES JÚNIOR, 2003, p.56).

O caráter parcial e restrito como se foca a questão do lazer é uma problemática abrangente e complexa. Quando um escultor faz sua atividade é trabalho, para quem frequenta uma mostra é lazer. Nesse sentido busca-se estabelecer uma diferença entre trabalho e lazer (MARCELLINO, 2001, p.7).

Assim, o significado de cultura e lazer foi tomando formato e inseridos na história das sociedades. Com a chegada do homem europeu trazendo consigo a idéia de desenvolvimento no continente, logo, os espaços urbanos construídos foram tomando o lugar dos espaços naturais, pressionando igarapés, rios, florestas e praças.

Na ausência de complexos construídos, pois quem praticava atividades esportivas neles eram as classes mais abastadas, ao passo que os mais pobres foram obrigados a usar os espaços debaixo das pontes, no período da seca, e ruas e campos afastados do centro histórico da cidade no período da cheia de rios e igarapés.

**O futebol na cidade de Manaus deixava de ser de várzea e passava a ser na várzea, devido aos igarapés que cortavam a cidade e até hoje cortam. Os chamados “peladeiros” que moravam às suas margens aproveitavam o período de seca dos rios, para construir verdadeiros campos de futebol para sua comunidade. Tudo motivado pela mais intensa vontade de praticar o esporte preferido (MOTA, 2003, p.64).**

Os campos de várzea não tinham grama nem cobertura vegetal, o terreno era de lama seca, areia, misturados a sacos plásticos, garrafas de vidros, tocos de árvores, em vez de grama. Na falta de arquibancadas, os espectadores se acomodavam nas encostas dos igarapés ou nas laterais dos campos. Como todo campo de várzea, as traves eram feitas de madeiras improvisadas que na maioria das vezes iam ao chão com facilidade.

**Os campos de várzea eram comuns nos igarapés que cortavam a Avenida Sete de Setembro, mais conhecida como Igarapé de Manaus, Caxangá, Educandos, Morro da Liberdade, Matinha e Igarapé do Quarenta, assim como outros campos localizados sob as pontes de Manaus e às margens de outros igarapés, na falta de locais para prática de esportes acessíveis às pessoas de baixa renda. Se depender de gente humilde e bem humorada que dá vida a esses locais, alguns deles continuam a surgir nas margens de alguns igarapés poluídos de Manaus, enquanto a cidade cresce ao seu redor, entretanto, o poder público continua com a construção de estradas como ocorre atualmente com chamada Manaus Moderna, contribuindo para o fim desses espaços.**

**Mas o futebol não era apenas apreciado como espetáculo, também era praticado intensamente por garotos e adultos em inúmeros campos de peladas. Em pleno centro da cidade havia, por exemplo, a Baixa do JG, no terreno hoje ocupado pelo edifício Palácio do Rádio; os dois campos do Igarapé de Manaus, entre a Lauro Cavalcante e a Ipixuna, que ficavam descobertos quando as águas baixavam (...). Mais afastados, tínhamos o campo do São Raimundo, o Labor, em Educandos, o da Casa Amarela, na Cachoeirinha (...). Eram campos abertos sem muros ou cercas, em terrenos públicos ou particulares, franqueados a qualquer pessoa (PÉRES, 2003, p.161).**

Atualmente, foi constatado a existência de três campos de futebol de várzea na micro bacia do São Raimundo, sendo localizado na foz, na confluência



com o rio Negro, outro debaixo da ponte Fábio Lucena (ponte que liga o bairro de Aparecida ao de São Raimundo e por último, um que se localiza no bairro da glória. Estes campos são ocupados pela prática do futebol, voleibol e brincadeiras como pular corda, no período da tarde a partir da dezesseis horas e aos domingo no período da manhã. Há, ainda um campo de várzea que foi localizado no igarapé do Franco no bairro de São Jorge, tributário do igarapé do Mindu. Neste trecho este tributário é o único que participa para a formação da micro bacia do São Raimundo.



Figura 9 – Campo de várzea atrás da Fundação Nacional de Saúde, antigo Matadouro Municipal. Foto: Pinheiro, 2007.

Através das visitas de campo constatou-se que, os campos de várzea estão sendo substituídos por campos improvisados em ruas, becos e avenidas da cidade, assim como por campos construídos por grama sintética como o do 3B no bairro de Aparecida. Este modelo é constituído por banheiros, lanchonetes, iluminação e arquibancada, podendo ser ocupado até altas horas da madrugada

por uma minoria que pertence às classes de maior poder aquisitivo, não ainda no entorno do Mindu, na micro bacia do São Raimundo, mas, já há na cidade uma quantia grande desses empreendimentos. Os espaços do igarapé não apenas servem para moradia e o jogo de peladas, mas servem também, como espaço para brincadeiras das crianças como acrobacias e pular corda. Todas essas ações são feitas à base do improviso, onde o que realmente vale é a prática do lazer naquilo que se gosta.



Figura 10 – Crianças brincando de pular corda e bola (16 horas 3 39 minutos) no campo de várzea na foz do igarapé do Mindu (micro bacia do São Raimundo).  
Foto: Pinheiro, 2007.

Os esportes aquáticos também eram praticados intensamente nos anos 40 na cidade de Manaus. O remo era praticado por três clubes, bem equipados e mantinham entre si acirrada rivalidade. Existiam clubes como o Clube do Remo, antigo Ruder, fundado por alemães, tinha sua garagem num flutuante no Igarapé de Manaus, ao qual se tinha acesso através da Passagem Cabral. O Clube

Amazonense ficava à margem do rio Negro, no começo da Joaquim Nabuco. E o Náutico Clube de Regatas tinha sua sede também na orla do rio Negro (PÉRES, 2003, p.166).



Figura 11 – Competição de remo na baía do rio Negro com largada na foz do igarapé do Mindu 1950.

Fonte: Moacir Andrade, 1984.

Esses eventos da modalidade de remo, principalmente o campeonato estadual, que era realizado na baía do rio Negro tinha sua partida bem em frente aos coqueiros da praia do bairro de São Raimundo, e, como linha de chegada, flutuadores colocados em frente ao Roadway. O porto de Manaus ficava tomado por grande público, que vibrava com a disputa. Havia equipes nos naipes masculinos e femininos (MOTA, 2002, p. 99).

Segundo Péres (2003, p.167) além do remo, esses clubes cultivavam a prática do water-pólo<sup>11</sup> em raias marcadas e armadas ao lado das sedes, e

---

<sup>11</sup>Jogo realizado numa piscina podendo ser de 25m ou 50m. Cada equipe é composta por sete jogadores no qual um é o goleiro, objetivando marcar um gol na equipe adversária. Há uma trave com rede em cada linha de fundo da piscina. Este tipo de esporte já era bastante praticado na Europa, aportaram aqui com a chegada dos ingleses, que implementaram a sua prática

chegavam a formar representações, que disputavam em igualdade com times de navios-escola da marinha inglesa. Nessa época havia apenas duas piscinas de águas paradas (piscinas construídas) em Manaus, a do Estádio General Osório e a do Stand de tiros, faziam parte a do 27º BC e nenhuma olímpica<sup>12</sup>.

No rio Negro eram praticadas as provas de resistência. As provas de velocidade que não eram muito freqüentes eram disputadas na piscina do General Osório, mesmo sendo inadequadas pelas suas dimensões.

Nas investigações de Péres (2003, p. 173), a natação era praticada mesmo, em grande escala, como lazer, nos balneários, dos arredores e nos igarapés da cidade, principalmente no Parque 10 de novembro, a grande piscina de água corrente, construída com o represamento do igarapé do Mindu.

No curso inferior do Mindu é comum a brincadeira de saltar da ponte Fábio Lucena, prática esta realizada por crianças e adolescentes que se submetem a atirar-se nas águas poluídas deste igarapé, principalmente no período da manhã.

---

(FERREIRA, 1999).

<sup>12</sup> Piscina que possui dimensão igual a 50m de comprimento.



Figura 12 - Garotos pulando ao igarapé, da ponte Fábio Lucena no São Raimundo.  
Foto: Pinheiro, 2007.

Em dados de monitoramento numa pesquisa realizada pelo Instituto nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA) mostraram que o igarapé do Mindu (na micro bacia do São Raimundo) os valores de temperatura da água variaram de 26,7,0 a 29,8°C. Estes altos valores foram relacionados à falta da mata ciliar nesses igarapés, oxidação biológica da matéria orgânica e lançamento de despejos industrial e doméstico, dados semelhantes aos encontrados por Silva (1996, p.54) em igarapés urbanos de Manaus. Os valores de pH da água apresentaram valores que variam de 5,8 a 6,9, constatando que esses ambientes apresentam águas ácidas, os demais pontos de coleta do Mindu apresentaram valores que variam de 3,2 a 5,6 constatando que esses ambientes apresentam também águas ácidas (CLETO FILHO, 1998, p.34).

Estes dados confrontados com as percepções históricas do período da Borracha acerca da higienização dos igarapés sugerem que o igarapé necessita

com urgência de um programa de revitalização, bem planejado, sério e que seja aplicável, obedecendo a padrões internacionais. Com esta ação não somente o igarapé ganharia vida, mas também, presente e futuramente vidas serão preservadas, não mais pelas moléstias do presente, mas pela poluição e mau cheiro ocasionado pela oxidação de algumas matérias biológicas (bioindicadores) causando a morte da mata ciliar e dos micros-organismos presentes naquela área.

Os desmatamentos e a ocupação humana ao longo de suas margens, aliados à poluição orgânica doméstica, alteraram drasticamente a qualidade da água e a fauna de invertebrados do igarapé Mindu, que nasce em área de floresta não urbanizada e atravessa Manaus. Esses fatores resultaram na eutrofização desse curso d'água (entrada em excesso de nutrientes) e em mudanças marcantes na composição da fauna (CLETO FILHO, 1998, p.39).

Dessa maneira, não fica descartada a idéia de se propor à municipalidade e ao Estado a construção de estações de tratamento em pontos estratégicos ao longo dos cursos do igarapé do Mindu. Em conformidade com os dados do INPA não levará muito tempo para que a água do Mindu fique em níveis desqualificáveis, pois ainda existem aqueles que se beneficiam do seu espaço ambiental como é o caso dos *meninos da ponte*, dos moradores do seu entorno, e a cidade.

## **1.2 OS BAIRROS: APARECIDA, GLÓRIA E SÃO RAIMUNDO**

### **1.2.1 O BAIRRO DE APARECIDA**

Tem seu início no Igarapé de São Vicente com o rio Negro até o Igarapé

de São Raimundo, seguindo a Rua Luiz Antony e Rua José Clemente retornando ao igarapé de São Vicente até o Rio Negro. O bairro de Aparecida, na zona centro-sul adotou em sua origem nomes como Cornetas, Cajazeiras ou bairro dos Tocos. O primeiro por conta do contingente do Exército antes localizado no igarapé que cortava o bairro. O segundo em função da grande quantidade de árvores desta espécie na localidade e o terceiro em virtude da derrubada das árvores para a abertura das ruas, deixando à mostra os troncos serrados.

Com a chegada dos primeiros missionários em 1943, o bairro começou a aumentar. A missão dos religiosos era de instalar uma nova paróquia e iniciar o processo de evangelização. Com o trabalho desenvolvido pelos missionários, o bairro adotou de vez o nome de Aparecida. Em 1944 foi oficialmente fundada a paróquia do bairro pelo bispo Dom João da Mata Andrade e Amaral recebendo o nome de Nossa Senhora da Conceição Aparecida (BESSA, 2001, p.12).



Figura 13 – Bairro de Aparecida antigo Plano Inclinado apresentando em destaque, o prédio da cervejaria Miranda Corrêa.

Foto: Pinheiro, 2007.

### **1.2.2 O BAIRRO DE SÃO RAIMUNDO**

O bairro de São Raimundo tem como início de seu perímetro urbano o igarapé que recebe o mesmo nome com o rio Negro, seguindo à margem esquerda até o ponto final da Rua São José até a Avenida Presidente Dutra, passando pela 5 de Setembro. Com a chegada cada vez de interioranos a procura de terras e oportunidades de emprego, o perímetro urbano do bairro São Raimundo foi ampliado surgindo no período da década de 60 a comunidade da Glória com seu ponto inicial na Avenida Presidente Dutra. A ocupação do lugar onde hoje está localizado o bairro do São Raimundo teve início em 1849, quando o governo do estado doou ao Seminário São José o terreno que foi incorporado ao patrimônio da instituição religiosa. Na época, o bispo Dom Lourenço da Costa Aguiar resolve lotear parte das terras para pessoas de baixa renda, que construíram as primeiras casas nos terrenos, pagos com quantia mensal denominada de "foros da igreja", cuja administração e cobrança, em nome da diocese (BESSA, 2001, p.26).





Figura 14 – Como toda cidade da Amazônia o bairro de São Raimundo estruturou-se também a partir do entorno de uma igreja.  
Foto: Pinheiro, 2007.

Os primeiros moradores sanaram as dívidas com a diocese em cerca de trinta anos. Segundo o livro de tombo da paróquia de São Raimundo, uma das primeiras famílias a se estabelecer na área do bairro foi a de Bernardino de Sena e Cândida Maria Anunciação, ambos do Ceará, que vieram para Manaus a procura de trabalho e, posteriormente, trouxeram também seus filhos Elizardo, José, Antônio, Joaquim, Martino, Tereza, Luis e Joana (BESSA, 2001, 35).

Mais tarde, já no final da década de 1960, muitos dos moradores da Cidade Flutuante, que se estendia do Roadway até a foz do igarapé do São Raimundo, se instalaram no bairro quando foram obrigados a deixar suas casas montadas em balsas. Novamente a paróquia distribuiu terras aos desabrigados, aumentando assim ainda mais a população do bairro.

Em 1982, o São Raimundo é finalmente ligado a Aparecida pela ponte Senador Fábio Lucena, construída para diminuir a distância da Zona Oeste até o Centro da cidade. Com a construção da ponte, o meio de transporte tradicional do

bairro, as catraias, deixa de existir por falta de passageiros, que cruzavam agora a pé o Igarapé do São Raimundo.



Figura 15– Ponte Fábio Lucena que liga o bairro de São Raimundo ao centro da cidade de Manaus, foi construída no ano de 1982.  
Foto: Pinheiro, 2007.

O bairro de São Raimundo possui pouca atividade comercial, com os estabelecimentos se reduzindo as pequenas tabernas e mercadinhos. A maior parte dessa atividade está concentrada nas proximidades do porto da balsa que liga o bairro ao município de Iranduba.

### **1.2.3 O BAIRRO DA GLÓRIA**

Está localizado na Zona Oeste, tendo seu ponto inicial na Avenida Presidente Dutra, seguindo até o Igarapé do São Raimundo retornando pela Lourival Muniz. A Glória faz fronteira com os bairros do São Raimundo e Santo Antônio. O matadouro municipal deu o primeiro nome à comunidade. A área,

como ainda não era habitada, serviu para habitação dos operários das indústrias de cortumes, que passaram a morar próximo ao trabalho.

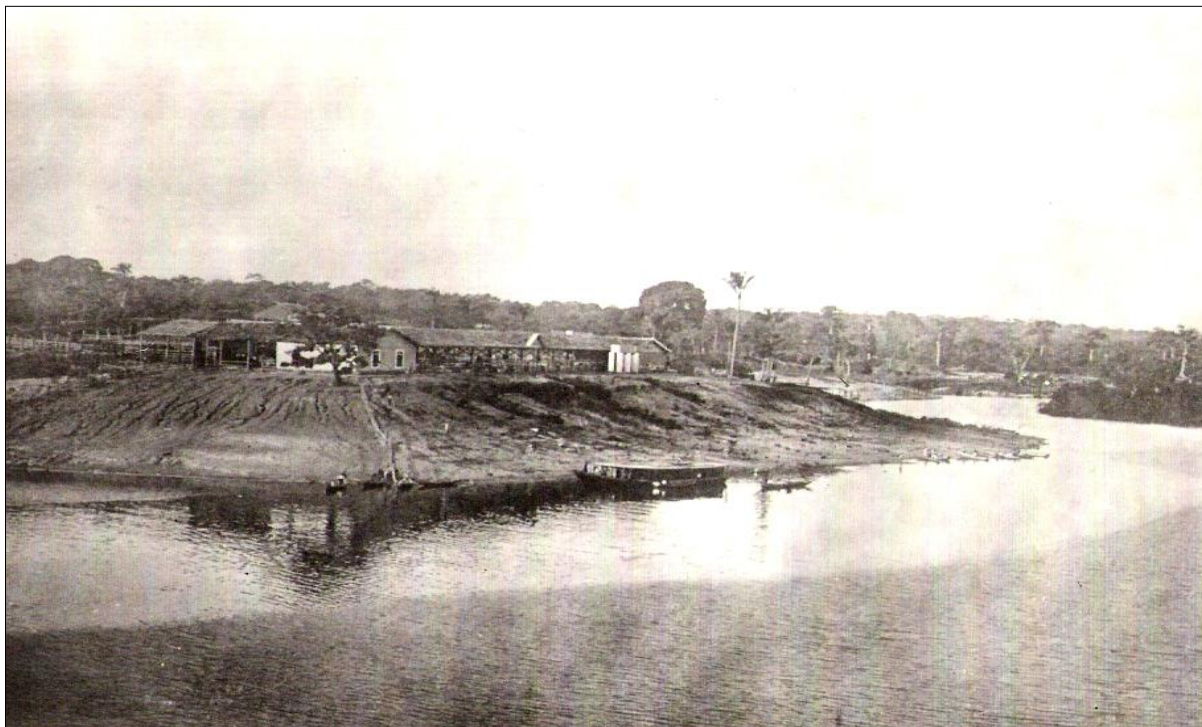


Figura 16 – Imagem do antigo Matadouro Municipal da cidade, no hoje bairro da Glória, lugar onde se encontra atualmente a FUNASA.  
Fonte: Corrêa Lima, 1983.

No ano 1953, o bairro começa a crescer com a chegada dos interioranos fugidos da grande enchente, quando os padres que serviam na paróquia de São Raimundo iniciaram a assistência aos desabrigados. Em forma de mutirão, os comunitários ergueram a igreja de Nossa Senhora da Glória e, em homenagem à santa, o bairro passou a se chamar Glória. O bairro, por ser próximo ao Centro, teve logo suas ruas principais asfaltadas e água encanada.



Figura 17 – Praça no bairro da Glória e ao fundo a Igreja da Padroeira do mesmo bairro.  
Foto: Pinheiro, 2007.

Nas décadas de 80 e 90, com o advento da Zona Franca de Manaus, o bairro sentiu algumas transformações urbanas, como a construção do Mercado da Glória, da quadra poliesportiva e construção da praça, que é conhecida pelos festejos do dia da Santa e do bairro, como também por festas com apresentações de danças típicas, nacionais e internacionais, sendo freqüentada pelos moradores dos bairros vizinhos.

Há a necessidade de o poder público agir com mais freqüência através de melhoria do sistema de transporte para dentro do bairro e não só na rua principal, e principalmente de saneamento básico, pois o bairro ainda é carente de sistema de esgoto. O bairro conta também com o mercado municipal, que fica ao lado do tradicional campo do Sul América, com boxes de venda de pescado e mercadorias. O lugar onde antes funcionava o matadouro, hoje cedeu lugar para as instalações da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA). Assim, a urbanização dos bairros que compõem este curso vai oferecer oportunidades de novos

espaços para moradia na cidade.

### **1.3 AUSÊNCIA DE POLÍTICAS PARA O LAZER NO CURSO INFERIOR DO IGARAPÉ DO MINDU: LAZER E FUTEBOL NOS CAMPOS DE VÁRZEA**

A política pública enquanto dever do Estado prescinde de planejamento e adequação à sua área e operacionalização. Na atualidade, a sociedade, com objetivo do uso dos avanços tecnológicos produzidos na era industrial, procura se expor o mínimo possível a esforços físicos mais intensos quando da realização das tarefas do cotidiano e durante as atividades voltadas ao lazer. Optam, por um estilo de vida essencialmente sedentário.

Outras pessoas, no entanto, mesmo já tendo incorporado no seu cotidiano a realização de exercícios físicos, muitas vezes o fazem de maneira inadequada e sem orientação ou controle, não produzindo os efeitos que buscam a saúde.

A sociedade atua por meio de fatos políticos. Diversas correntes da teoria geral do Estado estudam os fenômenos ou fatos políticos como fatos sociais e não como fatos históricos. Para compreender o sentido dos fatos políticos, a utilização do termo política de Estado e política de Governo, faz parte os fatos através de uma relação numa justa medida. Desse modo, os fatos, mesmo mantendo a sua natureza, tornam-se políticos, toda vez que apresentarem interseções diretas com o Estado, na abrangência do seu domínio e responsabilidade.

Os discursos são entendidos como práticas geradoras de significados que se apóiam em regras históricas para estabelecer o que pode ser dito num certo campo discursivo e num dado contexto histórico. Essa prática discursiva possível

resulta de um complexo de relações com outras práticas discursivas e sociais. O discurso, portanto, relaciona-se simultaneamente, com suas regras de formação, com outros discursos e com as instituições sociais e o poder que elas expressam (FOUCAULT, 2001, p.52).

Todo discurso contém procedimentos de seleção e exclusão que estabelecem os limites do permitido e do proibido, do que é aceito e rejeitado, do que é considerado verdadeiro ou falso numa certa configuração histórico-cultural. Sendo assim, o modo como falamos e pensamos afetam profundamente a vida social, condicionando nosso comportamento e experiência, nossa visão de mundo e, por fim, o próprio mundo que ajudamos a criar (FOUCAULT, 2001, p.72).

Numa perspectiva literal, a ação do Estado na sociedade pela incapacidade das leis para conduzir ao equilíbrio social desejável, ao contrário levando sempre à irracionalidade do Estado. Somente o aprimoramento de técnicas administrativas, econômicas, de programação de decisões, pode neutralizar os efeitos disfuncionais de um desenvolvimento econômico e social não controlado. Ao analisar a relação Estado, sociedade e lazer são explicadas parte das necessidades individuais. Entre essas necessidades, encontram-se as atividades esportivas, que devem receber pelo menos condições mínimas, o que justifica a presença dos poderes como protagonista e o crescente papel dos poderes públicos nas questões do esporte e do lazer (MOTA, 2003, p.27).

Os poderes públicos têm que apoiar tanto econômica como política e socialmente o esporte popular e as práticas de lazer, como valor que deve ser colocado à disposição e com facilidade a todos os cidadãos. O Estado demonstra-se sensível através do discurso às questões do esporte e lazer, contudo, não dá devida atenção aos projetos de lazer, a menos que, estes projetos e programas

possam tornar um meio de cooptação de votos e benefício financeiro daqueles os compõem.

Nesse sentido, o que se deseja explicar é que, mesmo vivendo hoje em um mundo globalizado onde as macro estratégias do capitalismo costumam pelo alto as ações locais e em todo o mundo, não se pode ousar em fazer uma análise geográfica do lazer que sirva de parâmetro imutável para todos os recintos do mundo. Evidentemente, as implicações socioespaciais que se processam em lugares inseridos no processo global de decisões não serão iguais em países subdesenvolvidos (PORTUGUEZ, 2001, p.7).

O papel dos lugares na configuração dos estratos sociais é o de determinar e estimular o que e onde consumir em cada nível de inserção ou de exclusão dos atores do meio urbano. Na cidade é necessário evidenciar determinada quantidade de características que exigem análises mais detalhada.

Nas sociedades pós-modernas o lazer se converte cada vez mais em tempo de consumo, motivo pelo qual este se tem mostrado objeto de investigação na escolha dos lugares, pois cada pessoa escolhe o tempo que permanece praticando esporte em forma de lazer.

Por meio de pesquisa de campo foi verificada a produção de três campos de várzea pela natureza (com a vazante) no ano de 2007 na micro bacia do São Raimundo. Um que fica atrás da Fundação Nacional de Saúde, outro na foz do Igarapé do Mindu e outro no bairro da Glória, onde foi notada a prática do futebol, e a brincadeira de crianças, nestes campos.



Figura 18 – Crianças brincando de acrobacia num colchão improvisado retirado do fundo igarapé quando do período máximo de vazante (bairro da Glória).  
Foto: Pinheiro, 2007.

A prática é realizada de forma improvisada, e a maioria dos participantes joga descalço, objetivando o gol com uma rede velha colocada ao fundo da trave. No campo da beira mar a visão é mais abrangente, porque, além de contemplar o rio, a mata, a passagem dos barcos, visualiza-se também construções que fizeram parte da sua história antiga, como a cervejaria Miranda Corrêa, e da atual, a ponte Fábio Lucena e as palafitas no entorno da frente do bairro São Raimundo.

Os espaços e a mercadoria que eles oferecem tornam as pessoas consumidoras, sem que se analise o poder de compra.

As pessoas vivenciam a ilusão da vida privada instituída pela mídia, principalmente pela televisão, quando na verdade têm seus hábitos e necessidades balizadas e padronizadas pelas grandes estruturas responsáveis pela reprodução do capital. Ir ao cinema, ir ao jogo, passear no shopping, e até mesmo ir à praia, tornam-se atividades necessárias para sair do estresse gerado pela dinâmica e forma da vida urbana (PORTUGUEZ, 2001, 23).



Nos tempos atuais, isso é tão importante quanto à própria alimentação.

Os espaços de lazer são definidos, e são para esse oásis de felicidade que as pessoas se dirigem durante o tempo de descanso, para fazer exatamente o que tantas outras fazem. As pessoas se apropriam do tempo nos campos de várzeas porque gostam e porque não têm outra opção de espaço.

O espaço (campo de várzea) lhe é imposto não por escolha, mas, por opção. Quando ocorre período da cheia, crianças, jovens e adultos não têm para onde ir consumir o seu tempo no lazer ou na prática de atividade física. A maioria dos adultos consumidores do espaço dos campos de várzeas são trabalhadores, alguns no próprio local, como carregadores e pescadores, outros trabalham no distrito industrial e no comércio. Buscam estes espaços para o lazer e esporte com o objetivo de relaxar depois de uma jornada de trabalho.

Neste curso, trabalho, esporte e lazer estabelecem relações a qualquer hora do período. Na noite são os botecos com os jogos de salão: sinuca e baralho, e até a própria dança, durante o dia o futebol nos campos de várzea, assim como, atividades infantis de pular corda, voleibol de areia e manja. Evidentemente, morar nesses espaços pressupõe há desigualdade naqueles que habitam a cidade. A escolha não é programada, mas, resultado da falta de moradia. Assim, o cotidiano daqueles que habitam nas encostas do igarapé estão ligados a falta de estruturas socioespaciais promovida pelo Estado.

## **CAPÍTULO II - CORPO, LAZER E INTERAÇÕES SOCIAIS – CURSO MÉDIO**

A Zona Franca de Manaus teve papel fundamental no ordenamento espacial da cidade, enquanto modelo de política econômica e prática social, e que proporcionou inúmeras mudanças na paisagem urbana de Manaus, a cidade flutuante é removida quando não havia sido consolidado a Zona Franca de Manaus nos anos 70 e a construção de conjuntos habitacionais, no final do mesmo ano. O conjunto habitacional de Flores foi um desses em que a promessa era da aquisição de uma casa neste conjunto para quem saísse da “cidade flutuante” naquela época, fato este não cumprido na sua íntegra.

O curso médio é marcado pela urbanização dos bairros de São Jorge, São Geraldo, Chapada e a modernização do balneário da Ponta Negra, com a construção de órgãos militares e suas vilas e segmentos sociais de elevado *status*. Parte do curso médio do Igarapé do Mindu foi ocupada pelas elites com residências e condomínios fechados e, a “Paris dos trópicos”, característica da cidade herdada pelo ciclo da borracha, deu lugar à desordem e falta de planejamento, tanto no que diz respeito ao crescimento da população quanto da área urbana em si (RIBEIRO FILHO, 1999, p.43).

Nos limites da cidade estavam as chácaras (em Flores e a antiga Estrada do Mindu, atual Avenida Darcy Vargas) que geralmente pertenciam às famílias ilustres da cidade e os balneários públicos. Todos inseridos nas localidades nos igarapés do entorno da cidade.

Dentre os balneários que mais ficou conhecido e o mais utilizado, principalmente na década de quarenta, era o balneário público do Parque 10 de Novembro, na Estrada do Mindu, que o povo chamava de Estrada do Parque 10,

tornou-se a atual Avenida Darcy Vargas (PÉRES, 2003, p.150).

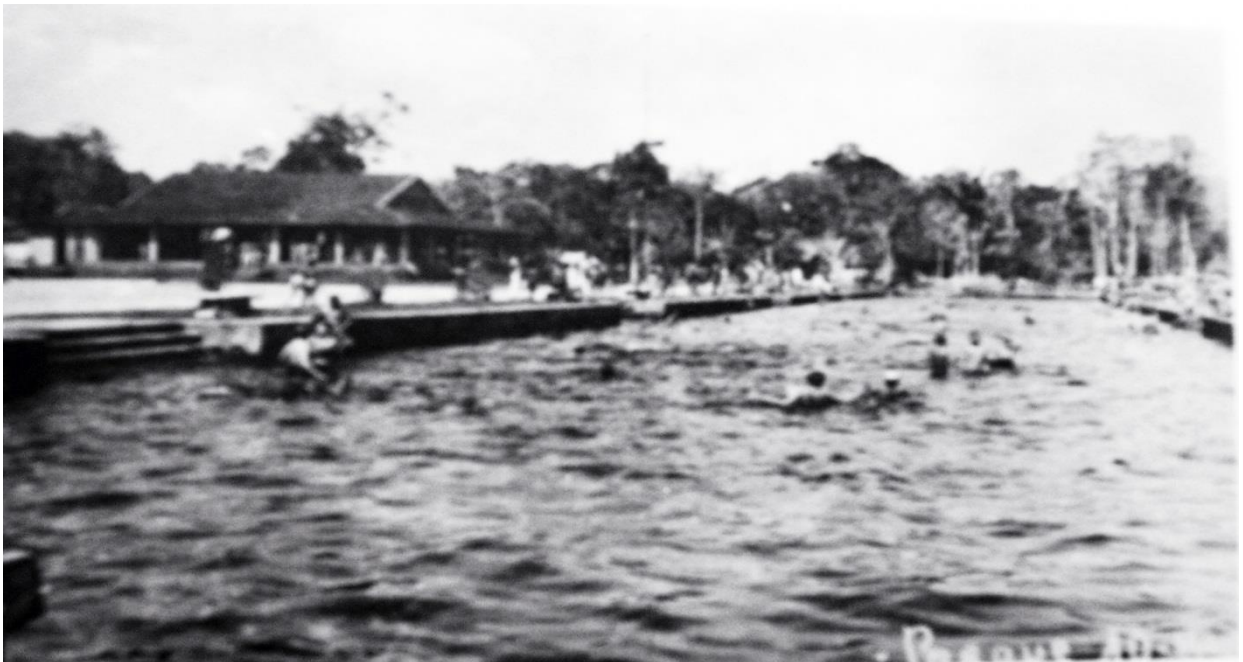


Figura 19. Balneário do Parque 10 de novembro.  
Fonte: Corrêa Lima, 1983.

Morar nas margens dos igarapés não era uma opção pessoal, mas a falta de opção dos migrantes que vinham do interior e também por aqueles que não tinham poder econômico suficiente para adquirir uma moradia na cidade e se sustentar nos padrões sociais estabelecidos pelo capital como o de vestir, o de morar e consumir. Para muitos, o igarapé representa a lembrança do contato com a natureza, porém, isso não é o determinante da ocupação. Os igarapés do ponto de vista do lugar de morar significam o espaço de relações que são construídas pela necessidade do conviver e o morar na cidade.

A mudança da paisagem da cidade se deu de forma rápida e apoiada pelo Estado sem que pareça uma ação orquestrada em comum acordo dos muitos interesses das grandes corporações e em nome do desenvolvimento. Esta necessidade é respaldada pelo fato de se ter que suprir as condições de

existência do homem na cidade e no interior. Ao produzirem os seus meios de existência, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material (LEFEBVRE, 2006, p.29).

Entretanto, convém salientar que a produção da vida material do indivíduo inclui relações para além da pura reprodução física, constitui um modo determinado de vida. Este fazer-se (a ação) aniquila o que já está produzido a fim de criar mais e, infinitamente novas formas. A cidade representa a estrutura complexa e dinâmica e seu entendimento não pode simplesmente se fundamentar no momento atual observado. É necessário, acima de tudo, desvendar sua história e capacidade. Portanto, é preciso apreender quais processos deram conformação à complexidade de sua organização e explicam a extensão da urbanização neste século, exige a volta às suas origens e a tentativa de reconstruir, ainda que de forma sintética, a sua trajetória.

De acordo com Carlos (1994, p.75), a Revolução Industrial criou as condições necessárias para que o capital acumulado pudesse se reproduzir e a sociedade deixa então de ser fundamentalmente rural para se transformar em urbana. O sistema capitalista se apropria do espaço urbano. Esse, então, passa a ser produzido segundo a lógica baseada na expansão do capital. A natureza passa a desempenhar o papel de recurso natural que pode ser apropriado pelo homem, este se torna distinto do recurso a ser apropriado, separando-se, portanto, da natureza. Caracterizam-se, nesse momento, dois mundos distintos: o social e o natural, onde vivem respectivamente sujeito e objeto, gerando contradições de interesses das classes.

Procurando ainda entender esta produção e relação que se dá no espaço, Harvey (2001, p.87), afirma que a cidade é o *lócus* para analisar as escalas do

corpo. Busca-se neste ponto esclarecer o corpo também como a idéia de coletividade experimentado nas associações, partidos e cooperativas. Por isso, a relação produzida na cidade vai além do imaginário. A figura da cidade surge como uma idéia utópica. Ao se produzir coletivamente uma cidade, temos a possibilidade de reproduzir a nós mesmo, ou seja, nossa estrutura social.

Nessa interação homem-cidade fixam-se marcas que são impressas no corpo e nas estruturas físicas das cidades, tornando o que foi vivido e construído a fazer parte do repertório evolutivo na sociedade. Essas lembranças podem ser lançadas mão a partir do momento em que homens e mulheres necessitam desenvolver (novas tecnologias) novos instrumentos, transformar novos espaços, refletindo naquilo que já foi experimentado na vida em sociedade.

Na cidade as relações acontecem por interesse e necessidades. As modificações nela realizadas partem de ajustes ao ideário capitalista de consumo. Portanto, se há quem produz há também a necessidade de quem comprar.

Viver o cotidiano já não representa ficar à disposição do tempo, porque a vida não é assegurada pela simples existência como se imaginava na idade média. O trabalho, as relações sociais, as necessidades, modificam e modelam novas formas de viver o contemporâneo e estimam o modelo do futuro.

Maffesoli (1995 apud Marinho; Bruhns, 2003, p.25), ressalta a qualidade da vida do cotidiano, apontando possibilidades de resistência frente ao processo de racionalização, promovendo a socialização, na intensificação do momento, na qual o presente e as formas de vida frívolas e imaginativas proporcionam um senso de coletividade, reagindo ao individualismo.

Nesse sentido, observa-se a importância do lazer na reintegração e no aprofundamento das relações ora cristalizadas, interrompidas e suprimidas em

consequência da urbanização. No modelo atual da prática da força de trabalho contempla espaços e lugares onde esse esforço momentaneamente possa ser recompensado pelo lazer e pela satisfação. Os shoppings demonstram todo esse bem de consumo, determina e estimula ao que o corpo deve se apropriar.



Figura 20. Millennium Shopping Center e pista para caminhada no Parque dos Bilhares.  
Foto: Pinheiro, 2007.

Por outro lado, lazer e esporte agem no campo, da preocupação e da necessidade, como um elemento que reduz o risco patológico futuro e também funciona como agentes psicossociais que compõem o indivíduo sejam preocupações de abrangência emocional ou social. O trânsito, as filas, as desordens sociais, o mau hábito alimentar, e outras preocupações negativas tornam o homem urbano mais fragilizado e exposto às doenças. Nisso, as atividades esportivas em forma de lazer realizados na natureza podem apresentar um novo cenário, que não é o da destruição, mas, é reflexivo e antropológico.

O lazer é um fator social moderno surgido da artificialização do tempo de trabalho, típica do modelo de produção desenvolvido a partir da revolução

Industrial.

Antes da era industrial não era reconhecido como artifício de apropriação do tempo ou alienação. Na atualidade pode ser entendido como, um momento de ócio, de ficar parado, quando não um momento de alienação da realidade. E nisso aposta o interesse do capital, na produção e no consumo desenfreado, seja de objetos, seja de comer, ou de morar, homem e capital se apropriam da natureza e dos seus desejos.

E assim poderíamos exemplificar com o pintor, o animador e outros modelos para fazer referência às formas de manifestação do lazer dentro da cidade de Manaus, nos parques, podendo ser de passeio, contemplação ou a prática de uma atividade física. O lazer abrange várias horas do nosso cotidiano mesmo quando assumimos intervalos temporais não produtivos, quando optamos em não se ocupar com nada, mesmo sendo o tempo uma construção social.

Os grandes doutrinadores sociais do século XIX, com menor ou maior acuidade, pressentiram o aparecimento do lazer, mas nenhum deles, porém, previu a sua ambigüidade: lazer, hobby ou bricolage (DUMAZEDIER, 2001, p.29).

Porém, esses doutrinadores concordam que lazer, hobby ou bricolage envolvem o cotidiano da humanidade mesmo que em menor escala, as sociedades apresentam tempos em que seus participantes que deles utilizam. A religião determinou ao longo dos séculos a forma de como deveria se comportar o homem diante de suas responsabilidades, principalmente a do trabalho. Por isso, esse pensamento estava atrelado aos ideais da indústria e da produção, onde essa característica ficou mais evidente no período pós-industrial.

Para Marx, o lazer constitui o espaço que em se promove o desenvolvimento humano. Enquanto que hobby apenas compreende as

atividades fúteis relacionadas com a sociedade, com a cultura e a personalidade do homem. Autores como o norte-americano Larrabee inclui entre os hobbies como o gosto de nada fazer (ANDRADE, 2001, p.40).

Hobby é tratado pelos pensadores sociais algo como passatempo, é o que vai dizer Friedemann (1990 apud Dumazedier, 2001, p.23), enquanto que o *bricolage* (termo francês que significa algo próximo da prática de todos os ofícios e execução no lar de pequenos trabalhos ligados a esses ofícios. Ex.: Concerto, recuperação, instalações sem fins lucrativos ou de produção), é abrangente e cultural podendo esta atividade se tornar um verdadeiro lazer.

No início da era industrial, após as longas horas de trabalho diário, só restou o repouso, no qual Marx o definiu como extensão da produção da força de trabalho. Nesse tempo a ideologia refletia a realidade, nos tempos de hoje, o repouso foi substituído por um conjunto integrado pelas mais diversas atividades e intencionalidades não ligadas às responsabilidades (DUMAZEDIER, 2001, 32).

O lazer pode ser situado nas escalas do tempo e do espaço que se interrelacionam no cumprimento das obrigações sociais e profissionais. O trabalho sistemático exerce pressões sobre as estruturas ideológicas e econômicas da civilização industrial, cujos interesses impõem a constrangedora filosofia do trabalho constante e compulsório e o entende como expressão maior do homem, considerado feito para o trabalho (ANDRADE, 2003, p.41).

Contudo, o lazer aparece como realidade integrante da vida pessoal, da mesma forma que o trabalho, a cultura, a religião, que naturalmente ou por aquisição cultural, compõem o cotidiano humano.

Assim, o significado de cultura e lazer foi tomando formato e inseridos na história e nas sociedades. Com a chegada do homem europeu trazendo consigo a



idéia de desenvolvimento (exploração, a urbanização, o modo de consumo, o comércio, a produção) no continente, logo, os espaços urbanos construídos foram tomando o lugar dos espaços naturais, pressionando igarapés, rios, florestas e praças.

A partir dessa análise há a necessidade da aplicação de políticas públicas para construção e remonte daquilo que se perdeu e das estruturas que hoje se fazem necessárias às práticas esportivas e de lazer, sejam elas no entorno dos igarapés ou em lugares estabelecidos como é o caso do Passeio e Parque do Mindu, e Centro Social e Urbano do Parque 10.

Os complexos construídos pelo poder público têm o objetivo do uso do espaço específico por meio da atividade física e do lazer, na promoção do bem-estar.

Há menos de meio século, educação e saúde estavam integradas no mesmo ministério no Brasil. Podemos imaginar que, naquela época, foi natural entender, que as políticas públicas de educação e saúde que gera a qualidade de vida<sup>13</sup> numa cidade, deviam e podiam ter um comando unificado, pois, ambas faziam parte dos instrumentos disponíveis para cuidar da população e dotar o povo de conhecimentos relacionados à sua identidade e saúde corpórea (LOVISOLO, 2000, p.27).

No século XIX a cidade de Manaus viveu nesse tempo não havia atenção para a questão da preservação ambiental, sendo que a intensificação da demanda acabou por estimular as construções e o crescimento imobiliário, as quais, hoje, caracterizam o centro turístico antigo de Manaus com os da Europa. Como a corrida era contra o tempo e contra a natureza preocupou-se em apenas construir sem que se pensasse na conseqüência imediata na urbanização da

---

<sup>13</sup> É entendida como a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e do sistema de valores que vivem em interação aos seus objetivos, expectativa, padrões e

cidade ou na conseqüente aplicação das políticas sociais.

A política de urbanização atual não se distancia muito daquela proporcionada por Eduardo Ribeiro. Entre os anos de 2005 e 2006 já foram licenciados de 2,5 e 3,6 milhões de metros quadrados de áreas da cidade para a construção civil.

Esta forma de crescimento estimula a procura por empresas, incorporadoras e construtoras oriundas de outros Estados do Brasil. O que representa para governantes e empresários que este é um indicador de que a economia está crescendo. Na realidade comete-se o mesmo erro, ao invés de desenvolver as cidades do interior opta-se por inchar Manaus.

Enquanto o percentual de incremento médio anual demográfico do estado do Amazonas foi de 2,90, a cidade de Manaus apresentou um percentual de 3,17, levando-se em conta somente as pesquisas segundo as capitais da região. Nesta análise, das capitais da Região Norte, Manaus está entre aquelas em que o incremento médio vem crescendo em percentuais elevados (Tabela 1).

**Tabela 1 - Percentual de incremento médio demográfico anual, segundo Capitais**

<b>Capital</b>	<b>1991-2000</b>	<b>2001-2005</b>
Porto Velho	1,72	2,24
Rio Branco	2,83	3,99
<b>Manaus</b>	<b>3,76</b>	<b>3,17</b>
Boa Vista	3,77	3,81
Belém	0,32	1,89
Macapá	5,23	4,69

necessidades, segundo a Organização Mundial de Saúde.

---

Fonte: IBGE/Contagem populacional e projeções demográficas preliminares. 2006.

## **2.1 OS BAIROS DE SÃO GERALDO, CHAPADA E PARQUE 10**

### **2.1.1 O BAIRRO DE SÃO GERALDO**

O São Geraldo está localizado entre os bairros de Flores e São Jorge e ainda faz fronteiras com os bairros Presidente Vargas, Chapada e Nossa senhora das Graças. Tem como vias principais as avenidas Constantino Nery e Djalma Batista, parte da Rua Pará e João Valério. O tradicional bairro de São Geraldo deve sua origem à existência da companhia de transporte Villa Brandão, de 1893, proprietária de uma linha de bondes que fazia o percurso do mercado público até a Cachoeira Grande, antiga fonte de abastecimento de água para a cidade de Manaus, construída em 1888 e localizada no início de onde hoje está bairro de São Jorge. A antiga estrada da Cachoeira Grande compreendia a atual Avenida Constantino Nery. A vida ritmada pelo bonde e as estradas de piçarra remontam a primeira metade do século XX. O lugar estava localizado entre as Avenidas, João Coelho e estrada João Alfredo, hoje Djalma Batista, e ganhou fama pelo fato de haver um antigo estabelecimento de jogos de bilhar, que vendia também vinhos e outras bebidas alcoólicas. A partir daí, os populares passaram a chamar toda a área de bairro dos Bilhares, até a mudança para São Geraldo, na segunda metade do século (PMM, 2006).

Mário Ypiranga relata em seu livro "Roteiro Histórico de Manaus" que a casa de bilhares fechou suas portas e o prédio ruiu. Outras lembranças do bairro

estão ligadas a antiga pedreira e ao balneário conhecido como Verônica, localizado nas proximidades da ponte dos Bilhares, que funcionou até meados da década de 1970. No local, hoje se ergue o Shopping Millennium Center. Segundo depoimento de Benedito dos Santos, 75 anos, um dos mais antigos moradores, a ponte que liga o bairro à Chapada era ponto de encontro de homens que se reuniam para se divertir. Existia um prostíbulo conhecido como Cabaré da Verônica, em Flores, na localidade conhecida como Bom Futuro. Benedito relata que chegou na região em 1950 e que seu pai era estivador do Porto de Manaus e funcionário da prefeitura quando comprou um terreno na área e ali ergueu uma casa.

A ocupação do trecho se deu por meio de venda direta com os proprietários, no caso de Maria Wanderlei, que loteou a terra e depois foi indenizada. A Congregação das Irmãs Adoradoras do Sangue de Cristo, a qual pertence o tradicional Colégio Preciosíssimo Sangue, ajudaram a dar as feições do bairro, como é o caso da "Vila do Preciosíssimo", loteada e vendida, cuja outra parte dos terrenos foram arrendada.

As transformações durante os últimos quinze anos trouxeram bastante desenvolvimento e vantagens, as passagens de nível, a duplicação das avenidas mostra o ritmo acelerado da vida moderna, ao menos para uma parcela dos moradores do bairro. Porém, em outras localidades como a Rua Pico das Águas, a modernidade demora a chegar, a insegurança devido a violência das grandes metrópoles é fonte de preocupação da comunidade.

O passado e a modernidade convivem num mesmo lugar, servindo como memória para os tempos futuros. O bairro divide a moradia entre casas populares e estabelecimentos comerciais como postos de gasolina, salões de beleza,

restaurantes, pizzarias, concessionária, e tantos outros que dão uma feição particular a localidade. Algumas instituições públicas fazem parte do bairro como o posto médico da prefeitura, na rua Pico das Águas, uma Agência dos Correios, escolas públicas como Sólon de Lucena e Vicente Telles e particulares como o Ciec, e a escola Preciosíssimo Sangue.

Porém, a religião católica não está só no bairro, hoje, igrejas e congregações protestantes têm forte presença, a Igreja Universal do Reino de Deus tornou-se uma referência arquitetônica no bairro, assim como, a Assembléia de Deus Tradicional, construída num prédio que antes pertencia à rede de supermercados Royale. O Olímpico Clube um importante espaço da prática de esporte das décadas de 60 e 70, é o principal espaço de atividade física e lazer neste bairro.

### **2.1.2 O BAIRRO DO PARQUE 10**

O Parque 10 está localizado na Zona Centro Sul de Manaus, fazendo fronteira com os bairros de Flores, Cidade Nova, Aleixo, Adrianópolis, Nossa Senhora das Graças e Chapada.

Foi criado em 1938 para homenagear um dos regimes políticos mais tiranos da história brasileira. Um ano antes, em 10 de novembro de 1937, o presidente Getúlio Vargas havia fechado o Congresso Nacional, instalando o Estado Novo, eliminado as liberdades individuais dos brasileiros e enchendo as cadeias de presos políticos. O endurecimento do regime não impediu que, em Manaus, fosse criado o balneário do Parque 10 estruturado para receber as famílias amazonenses em sua piscina natural, abastecida pelas águas límpidas

do igarapé do Mindu, em vasta área verde, com zoológico e um restaurante para a satisfação gastronômica dos freqüentadores.

O acesso ao balneário se dava pela Rua Recife, que descia do bairro de Adrianópolis, em pista pavimentada de cimento, até o Parque 10. Nas imediações, onde hoje está aberta a Avenida Efigênio Sales, uma vereda, antigamente conhecida por V-8, levava às inúmeras chácaras, todas tendo ao fundo o igarapé do Mindu, formando balneários particulares. O bairro estava nos limites extremos de Manaus e, ao atravessar o igarapé, a floresta predominava em toda sua extensão. O local permaneceu por muito tempo como grande área de lazer, onde os manauenses se refrescavam dos dias quentes e se esqueciam do mormaço econômico que insistia em medrar na capital do Amazonas (PÉRES, 2003, p. 179).

No entanto, a área do Parque 10 sofre todas as conseqüências advindas de nova mudança de regime político, agora com o golpe de Estado de 1964, praticado pelos militares, que resultou na criação da Zona Franca de Manaus e na edificação do conjunto residencial Castelo Branco, para atender a política habitacional do novo governo. Construído pela Cohabam (Companhia Habitacional do Amazonas), com recursos federais, o conjunto é inaugurado em 1969 e começa a receber seus primeiros moradores, que ocupam as casas sem a infra-estrutura desejada para moradias. As casas, de um, dois e três quartos, tinham banheiro, cozinha, uma varanda na frente e quintal sem muro. Construídas em área totalmente desmatada, as casas estavam expostas às ventanias e temporais que arrancavam telhados e causavam destruição no conjunto.

As melhorias urbanísticas não tardaram a chegar. As ruas foram asfaltadas em 1973 e, no ano de 1977, atendendo ao pedido da comunidade que

sentia necessidade de um local que proporcionasse entretenimento e prestação de serviço, o então prefeito Jorge Teixeira de Oliveira deu início à construção do CSU (Centro Social Urbano), com recursos do PNCSU (Plano Nacional de Centros Sociais Urbanos). O CSU seguiu o mesmo protocolo de homenagens do período e recebeu o nome do primeiro presidente do regime militar, marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, inaugurado em 25 de julho de 1977.

O projeto beneficiava a comunidade com uma extensa área verde, duas piscinas, quadra polivalente e dois campos de futebol. Foi construída também uma creche em tempo integral, atendendo a crianças com idade de três a cinco anos de idade. Enquanto o balneário do Parque 10 perdia seu esplendor dos primeiros tempos, esquecido pela população que buscava novos recantos de lazer pela cidade, favorecida agora com abertura de novas vias de acesso para a Ponta Negra e o Tarumã. No entorno do conjunto Castelo Branco se formou uma grande área de conjuntos habitacionais.

A comunidade está atendida por agências bancárias, casa lotérica, restaurantes, casas de show e toda a infra-estrutura básica proporcionada pelo poder público. Possui escolas públicas e particulares, uma delegacia especializada, a Delegacia da Mulher, Delegacia do idoso e uma efervescente vida cultural e noturna, como pode ser notado na Praça do Caranguejo, no conjunto Eldorado.

O Parque 10 faz de sua vocação econômica a principal razão para receber tantos visitantes de outras localidades, que buscam no bairro os serviços de restaurantes e outras atrações proporcionadas pelas empresas instaladas na região. O bairro está próximo de grandes shoppings centers e é servido por variadas linhas de transporte coletivo, que se dirigem para todas as direções da

cidade.

### **2.1.3 O BAIRRO DA CHAPADA**

A Chapada é um dos maiores bairros da zona centro-sul da cidade de Manaus, também sendo um dos mais bem localizados e nobres da cidade. Surgiu em 1900, com a grande concentração da elite manauense da época. Neste período, O Estado do Amazonas encontrava-se no meio do ciclo da borracha. Seus vizinhos são o Flores, Parque das Laranjeiras, Vila Amazonas, São Jorge e São Geraldo. Sua população é de 12.201 habitantes (2007), recebeu no passado, o seu ilustre morador o então governador do Amazonas Eduardo Gonçalves Ribeiro em sua chácara onde encontra-se hoje o hospital psiquiátrico Eduardo Ribeiro.

Sua história confunde-se em parte com a de Flores. Na época, parte onde se encontra o bairro da Chapada chamava-se Flores. A sua urbanização foi devida ao processo acelerado de crescimento que se deu na cidade no Período da Borracha, mas, principalmente com o advento da Zona franca de Manaus, onde foi necessário construir novas casas e abrir novas avenidas para acolher o contingente de pessoas vindas em grande parte do interior do Estado.

O bairro da Chapada tem espaços para atividades físicas e de lazer como o Bosque Clube, Círculo Militar, o clube Sírio Libanês e o Parque dos Bilhares com suas praças, quadras poliesportivas e campo de futebol.

## **2.2 POLÍTICAS PÚBLICAS URBANAS: AMBIENTE E LAZER**



O igarapé do Mindu é o principal igarapé da cidade de Manaus, porque corta a cidade de norte (Reserva Ducke) a sul, e é através dele que é formada a micro bacia do São Raimundo, recebendo de outros igarapés como o do Franco (curso inferior) e dos Franceses (no curso médio), cursos d'água que desembocam no Mindu e seguem até a sua foz no rio Negro. Eles formam a micro bacia e que atualmente está poluída. Neste curso (Ponte dos Bilhares) o igarapé do Mindu tem como tributário o igarapé dos Franceses quem vem do bairro da Alvorada, e com ele efluentes dos bairros Alvorada I e II, Sapolândia, Tropical, conjuntos habitacionais e casas residenciais da Chapada. O principal tipo de poluição que afeta o igarapé é de origem orgânica, resultado do despejo de dejetos humanos sem tratamento.

O trecho crítico do igarapé é o que corta o bairro do Parque 10, onde segundo levantamentos da Prefeitura de Manaus existem mais de 50 conjuntos habitacionais e condomínios despejando vários tipos de efluentes no igarapé do Mindu. A poluição por minerais alcalinos terrosos indica que a poluição é consequência dos esgotos nele jogados. O índice de coliforme fecal (de origem humana) e total (de origem humana e animal) pela mensuração do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia está alguns pontos acima do nível recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). A recuperação do Mindu é cara porque não existe saneamento básico eficiente em nossa cidade e as fezes de 310 mil famílias vão parar nos cursos d'água (VIEIRA, 2007, p.2).

O igarapé do Mindu é classificado como igarapé natural de 1ª ordem conforme o estudo de hierarquização das bacias e sub-bacias hidrográficas de Strahler (1952), em que os menores canais sem tributários são considerados

como de primeira ordem, estendendo-se desde a nascente até a confluência; os canais de segunda ordem surgem da confluência de dois canais de primeira ordem e só recebem afluentes de primeira ordem.

Os valores de temperatura, pH e oxigênio dissolvido (OD) diferenciam-se em cada curso, principalmente entre os cursos inferior e médio em relação ao curso superior (nascente do Mindu) por estar próximo da Reserva Ducke (tabela 2). Os dados de Cleto Filho (1998) e Vieira (2007) confirmam o estado de intensa poluição do igarapé nos pontos estudados, e traduz a urgência com que a sociedade deve tomar nas políticas de intervenções urbanas e ambientais.

#### **QUADRO 1: Valores médios de temperatura (°C), pH e oxigênio dissolvido.**

<b>Cursos</b>	<b>TEMPERATURA</b>	<b>pH</b>	<b>O.D</b>
<b>Inferior</b>	28,3	6,4	1,8
<b>Médio</b>	27	6,3	2,5

Fonte: Cleto Filho, 1998.

Cerdeira (2003, p.15), apresentou valores médios de pH entre 4,5 e 5,5 para o curso médio. É uma média considerada baixa em relação ao valor médio encontrado por Cleto Filho (1998) no mesmo ponto. No relatório de Cerdeira (2003) apresentam equívocos de identificação de localização geográfica quando considera nascente, área de seu estudo, a área próxima do SESI, ao passo que a nascente do igarapé do Mindu é na Reserva Ducke, constatada por esta pesquisa por meio de imagens geoprocessadas e por visita de campo.

Esta variação também pode ser explicada pela distância temporal em que foram realizadas as pesquisas, uma com dados de 1998 e outra com dados referentes ao ano de 2003. Mesmo sendo mais recente, esta explicação não caberia porque os valores de Cerdeira (2003) decresce, ao passo que o de Cleto

Filho (1998) é superior, só se tivesse sido realizada alguma política de intervenção ambiental para o equilíbrio do pH da água do Mindu neste ponto de investigação, fato este, não ainda concretizado, pois somente em 2010 a Prefeitura irá implantar o Corredor Ecológico do Mindu onde se poderá ver alterações positivas em relação ao pH e outros índices.

Neste curso (médio) por ser uma zona de alta urbanização, vários outros fatores influenciam para o baixo teor de oxigênio em suas águas. Como o igarapé sofre com o despejo dos resíduos domésticos, o volume de matéria orgânica (vindo dos esgotos), juntamente com a decomposição de plantas aquáticas, a intensa atividade microbiológica e a elevada temperatura, indicam que possivelmente são fatores que contribuem para o baixo teor de oxigênio nessas águas.

### **2.3 O PARQUE E PASSEIO DO MINDU**

Parque urbano é um espaço, comumente chamado de "área verde", normalmente livre de edificações e caracterizado pela abundante presença de vegetação, protegido pela cidade, pelo Estado/Província ou pelo País onde está localizada, seja para fins de recreação dos habitantes da cidade, seja para fins de preservação do meio ambiente natural. Desta forma, um parque pode ser caracterizado como urbano ou natural. Parques urbanos, geralmente são livre de edificações, denominado de espaço público, no qual há tipicamente abundância de vegetação e áreas não pavimentadas, mas sobretudo localizado dentro de uma região urbana. Ele propicia lazer e recreação aos habitantes da cidade, assim como uma apropriação lúdica do espaço público. O Parque do Mindu é

o parque urbano da cidade de Manaus. Localiza-se no bairro do Parque 10, na zona urbana num trecho do igarapé do Mindu (curso médio), fazendo conexão com o bairro do Aleixo. Foi uma intervenção positiva do Poder Público objetivando a preservação e conservação ambiental para fins de uso científico, cultural e educativo. O parque representa melhora concreta para o igarapé, na preservação da qualidade da água, na valorização da área e na qualidade da vida humana.



Figura 21 – Imagem aérea do Parque do Mindu.  
Fonte: SEMMA, 2007.

O Parque do Mindu ocupa uma área de 31 hectares do bairro do Parque 10. Originalmente a área era coberta por floresta primária densa com dois tipos de ecossistemas florestais: um de terra-firme e outro de mata de baixo que sofre inundações no período de precipitações dos igarapés e dos rios (CAVALCANTE, 2003, P.90).

Considerado uma reserva de área verde dentro da cidade de Manaus, o Parque Municipal do Mindu surgiu como reivindicação de moradores do bairro

preocupados em bloquear a invasão de grileiros, que tentavam transformar a área em faixa de especulação imobiliária. Foram desmatados cerca de 15% da floresta original. A Prefeitura de Manaus juntou-se ao apelo popular para preservação da área e no dia 18 de março de 1992, na gestão de Arthur Virgílio Neto, foi iniciado o projeto de construção do Parque do Mindu. Em 1993, pela Lei Municipal n.º 219 (11/11/1993), passou a “área de interesse ecológico”, vinculada a Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Meio Ambiente - SEDEMA na época, atual Secretaria Municipal de Meio Ambiente - SEMMA, passando a integrar desde então o Sistema Municipal de Unidades de Conservação, na categoria “Parque Municipal”, regido pela regulamentação de Parques Nacionais Brasileiros (CAVALCANTE, 2003, p.97).

Sua arquitetura procurou ser ambientalmente correta, visando a imagem de modernidade ligada às preocupações com o futuro da Amazônia. O projeto das edificações combina o uso inteligente das madeiras amazônicas com o concreto, o aço e o alumínio, fazendo do desenho a forma de integração com os exuberantes espaços da mata.

As trilhas levam à praça principal, a da Sumaúma, em torno da qual foram erguidas coloridas edificações, como o Centro de Atividades, o Anfiteatro e o Chapéu de Palha, um espaço de sombra e descanso para o visitante, cujo teto lembra figura de um grande chapéu. As trilhas servem para se praticar a caminhada e *jogging* (corrida lenta com intervalos curtos). A presença de pessoas que optam por este lugar é mais freqüente às seis horas da manhã e a partir das dezoito horas. Numa parte fora do Parque, paralelamente ao igarapé, local onde foram realizadas desapropriações pela Prefeitura, já urbanizado, há o Passeio do Mindu. Nele foi feito o arruamento num trecho que compreende a ponte que liga a

rua Paraíba ao bairro do Parque 10 ao viaduto Miguel Arraes, que dá continuidade da rua Recife (atual Avenida Mário Ypiranga). Atualmente este local tornou-se pouco procurado para a prática da caminhada e corrida, diferente quando de sua inauguração, que era muito procurada pela população do bairro nestes horários.

## **2.4 O PARQUE DOS BILHARES**

A Ponte dos Bilhares foi construída e projetada pelo engenheiro americano Frank Hirst Hebblewhite, o mentor das obras no governo de Eduardo Ribeiro. Foi inaugurada no dia 18 de setembro de 1895 (PÉRES, 2003). A ponte também já recebeu outro nome como o presidente do Brasil de 1898 a 1902, Campos Sales. O nome fora dado originariamente, à Colônia Campos Sales, destinada à colocação dos nordestinos que vinham para Manaus, e foi inaugurada em 1899, localizada na Estrada de Epaminondas, atual Constantino Nery (parte após a Ponte dos Bilhares).



Figura 22 – Ponte dos Bilhares. Após a ponte, a Avenida Constantino Nery era denominada de Estrada de Epaminondas.  
Fonte: Corrêa Lima, 1983.

Em 04 de julho de 1896, o nome oficial da Ponte dos Bilhares passou a se chamar Ponte Prudente de Moraes, sucessor civil de Floriano Peixoto e quem presidia o país naquele momento. Mas, o nome também não pegou, ficando mais conhecida pela população através do tempo como Ponte dos Bilhares. No ano de 2004, a Ponte dos Bilhares recebeu um complemento, paralelo à antiga, fazendo com que o trânsito flua com maior rapidez, oferecendo maior trafegabilidade. A duplicação da Ponte dos Bilhares foi motivada pela especulação financeira através da construção do Shopping Center Millenium e pelo conjunto imobiliário Maria da Fé que foi construído às suas margens, despejando sua rede de esgoto no igarapé do Mindu.



Figura 23 – Imagem da duplicação da Ponte dos Bilhares. No lado direito encontra-se o Shopping Center Millennium, local de consumo por meio do lazer.  
Foto: Pinheiro, 2007.

O urbanismo é uma política. Esta é uma realidade que os nossos

administradores parecem ignorar, comprovado pela decadência de nossa capital quando ao planejar e de pensarem políticas urbanísticas necessárias e imprescindíveis à nossa população. O que aconteceu com Manaus foi muito grave, quando se permitiu crescimento sem as ordenações do planejamento, sem que as subseqüentes administrações se antecipassem frente ao fluxo de migração interna e até mesmo para o crescimento populacional normal.

Os ingleses deram a partida para iniciar a contestação do conceito de urbanização mudando a paisagem que representavam uma ideologia, o absolutismo. O desenho das cidades, com isso mudou, com bairros sendo projetadas com arquitetura uniforme (conjuntos habitacionais), praças para o recreio da população e locais para a prática de atividades físicas (SOUZA, 2007, p.5).

O Parque dos Bilhares foi um desses surgidos da compensação para necessidade do lazer e pelo avanço do capital. Uma área histórica e abandonada, coberta pelo lixo e pela mata, estendida no igarapé do Mindu, deu lugar ao Parque dos Bilhares, localizado no bairro da Chapada. É um local de lazer feito para todas as categorias, classes e gêneros, que tem como objetivo aliviar o estresse causado pelo cotidiano, comum nas grandes metrópoles.





Figura 24 – Imagem aérea do Parque dos Bilhares.  
Fonte: SEMMA/2007.

Manaus tem outro agravante, as altas temperaturas e umidade relativa do ar durante o ano numa faixa entre 90 e 100%, o que leva a muitos procurarem espaços para prática do lazer e esportes em parques e balneários. Pelo fato de estar próximo da floresta do 1º BIS (Batalhão de Infantaria e Selva) torna seu ambiente mais agradável, além da sua boa estrutura.

Para ser projetado o Parque dos Bilhares, a Prefeitura lançou concurso nacional por meio do Instituto Municipal de Planejamento Urbano (IMPLURB), com anteprojeto de arquitetura para concepção do Parque. Construído em uma área com mais de 60 mil metros quadrados, entre dois grandes corredores viários, as avenidas Constantino Nery e Djalma Batista, o Parque dos Bilhares, foi inaugurado em duas etapas, a primeira em 2006, no aniversário da cidade de Manaus, e a segunda no dia 28 de julho de 2007, tornando-se a partir daí referência e um dos locais freqüentado pelos moradores de vários bairros da cidade.



Figura 25 – Parte do Parque dos Bilhares destinada à cultura da leitura e pintura, composta ainda por playground e lanchonetes.  
Foto: Pinheiro, 2007.

Durante toda a semana o movimento é intenso, seja nos quiosques e restaurantes, seja nas quadras poliesportivas e no campo de futebol society (um campo de areia e um de barro no fundo do Parque). Músicas e outras artes são oferecidas à população no Teatro de Arena e Anfiteatro com programações que, além de animar o público, dão oportunidades a novos talentos da nossa terra.

A estrutura do Parque oferece pista para caminhada, praça de skate, estacionamentos com acesso pelas Avenidas Constantino Nery e Djalma Batista, área com aparelhos de ginástica, pontos para tomar banho ao ar livre (duchas) e banheiro social. Como o fluxo de pessoas é grande a partir de quinta-feira, a ciclovia para bicicletas e a faixa para caminhada seus espaços tornam-se insuficientes para o uso, projeto que não foi pensado para uma cidade que hoje possui uma região metropolitana (RMM). As lixeiras foram fixadas muito próximas das vias de caminhadas e passeio de bicicletas.

Nas quadras e nos campos de futebol ocorre o ganha-chama (a equipe que segue ganhando permanece no jogo e chama a que está de fora, na vez). Esse sistema é comum nas ruas onde ocorrem as peladas, seja de futebol ou de qualquer outro esporte. Simultaneamente, fazendo parte do ambiente destinado ao esporte e ao lazer, estão as praças com brinquedos para as crianças, onde há também a presença do pipoqueiro, do vendedor de algodão doce, de banana e batata frita, e programações com palhaços contratados para animar a festa das crianças.

A respeito do uso do tempo para o lazer, Yurgel (1983, p.5), afirma que o tempo do descanso foi concebido como uma necessidade social, destinado ao prazer. Na verdade essas chamadas conquistas sociais se concretizaram

independentemente dos movimentos trabalhistas, não só para evitar a superprodução, uma vez que automatização da indústria amplia a produtividade da empresa, mas também para contornar o grave problema social do desemprego em massa, e indiscutivelmente, para a reposição da energia das forças de trabalho, da rotina do cotidiano.

O lazer abre um campo educativo não para se aprender coisas, mas, para se exercitar equilibradamente as possibilidades de participação social lúdica. A esse processo denomina-se educação sociocultural. Seu objetivo é mostrar que o exercício das atividades voluntárias, desinteressadas, prazerosas e liberatórias do corpo pode ser o momento para abertura de vida cultural intensa, diversificada e equilibrada com as obrigações profissionais, familiares, religiosas e políticas (CAMARGO, 1992, p.75).

O Parque dos Bilhares é o tipo de política pública que deveria ser implantada em cada zona da cidade de Manaus com a finalidade de atender as populações por promover a qualidade de vida, a cultura, a motricidade e regular o ócio (não produção), em fim, desenvolver o seus habitantes de forma integral e harmônica.

### **CAPÍTULO III - REQUALIFICAÇÃO E REFUNDAÇÃO DOS ESPAÇOS E SUA UTILIZAÇÃO CURSO SUPERIOR**

Até 1975 Manaus dividia-se em vinte e nove bairros, todos sem grandes povoamentos e ordenamento. Com a criação e permanência do fortalecimento da Zona Franca de Manaus, a cidade começou a receber investimentos e constantes migrações de pessoas de várias regiões do País e do interior do Estado. Assim, vários bairros foram surgindo na cidade, muitos a partir de invasões de terra (MOTA, 2007, p.46).

O crescimento populacional e a expansão urbana de Manaus capaz de transformar a cidade em moderna metrópole acarretaram também os seguintes problemas: abastecimento de água insuficiente; alta poluição da maioria de seus igarapés; diminuição da permeabilidade do solo; poluição do ar; aumento crescente nos índices de criminalidade, pobreza e violência; comprometimento da fluidez viária em razão do incremento permanente da frota de veículos e do mau planejamento viário urbano.

Atualmente a cidade abrange uma área de 11.458,5 km<sup>2</sup> com população de 1.646.602 habitantes, apresentando uma densidade demográfica de 144,4 hab./km<sup>2</sup> segundo estimativas do (IBGE/2007), considerada alta em relação às últimas cinco décadas e a outras capitais brasileiras. Em poucos anos, Manaus saiu da categoria de cidade de médio porte para metrópole, guardando em si todos os problemas que essa condição traz. Para se ter idéia, em apenas um ano, de 2001 para 2002, Manaus registrou o maior índice médio de crescimento populacional do país, 2,54%. De acordo com o IBGE/2007, Recife registrou 0,83%, Porto Alegre 0,74% e Rio de Janeiro 0,67%, sendo que a média nacional foi de 1,3%.

Esse crescimento acelerado significa para qualquer administração pública a necessidade cada vez maior de recursos e investimentos para o desenvolvimento de projetos e programas sociais que atendam às áreas mais necessitadas, conseqüência de qualquer processo evolutivo urbano desordenado. Por isso mesmo, os investimentos que a Prefeitura de Manaus necessita fazer para melhoria da qualidade de vida da população não podem se restringir somente às áreas de saúde e educação, mas avançar na estruturação de uma metrópole de acordo com as peculiaridades e características culturais do Município, e que essas obras sejam de grande porte, devido ao surgimento da Região Metropolitana de Manaus. A Região Metropolitana de Manaus (RMM) agrega sete municípios e possui 1.814.489 habitantes segundo estimativas (IBGE/2007).

No entanto, são os indicadores sociais que colocaram Manaus numa posição de destaque no *ranking* das melhores cidades do país. Atualmente, o Município tem um dos menores índices de mortalidade infantil do Brasil com uma marca de 22,7 mortes em cada mil crianças nascidas vivas, decrescendo em muito o índice aceitável pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que é de 32 e também o de capital do porte de Belo Horizonte onde 23,3 bebês morrem, distanciando-se da média nacional que é de 29,2. No entanto percebe-se que no grupo de causas na faixa etária entre 15 a 19, e 20 a 49 possuem índices elevados de causas externas de morbidade e mortalidade (Tabela 4) possuindo percentuais acima dos demais grupos, o que leva a entender que a componente longevidade fica comprometida para análise no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

**Tabela 2. Mortalidade proporcional (%) por faixa etária, segundo Grupo de Causas.**

**Município de Manaus - 2004**

Grupo de Causas	Menor 1	1 a 4	5 a 9	10 a 14	15 a 19	20 a 49	50 a 59	60 e mais	Total
Doenças infecciosas e parasitárias	9.7	21.4	9.6	5.0	4.2	11.0	5.2	4.3	7.2
Neoplasias (tumores)	9.7	21.4	9.6	5.0	4.2	11.0	5.2	4.3	7.2
Doenças do aparelho circulatório	0.5	1.8	2.7	5.0	1.2	10.9	27.1	34.9	21.4
Doenças do aparelho respiratório	8.5	18.8	5.5	1.7	2.4	4.7	7.4	18.4	11.0
Afecções originadas no período perinatal	51.3	-	-	-	-	-	-	-	5.1
Causas externas de morbidade e mortalidade	2.1	20.5	52.1	45.0	70.9	42.5	8.4	3.7	17.9
Demais causas definidas	26.8	25.9	16.4	21.7	12.7	14.8	22.1	19.4	19.4
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: SIM, SINASC/Ministério da Saúde. 2007.

Embora os índices de mortalidade sejam um dos melhores, isso ainda não reflete em políticas públicas de urbanização eficiente. As invasões provocando o surgimento de novos bairros na periferia têm demonstrado a ineficiência do Poder Público na solução política questão. A invasão Cidade de Deus, Valparaíso e Monte Sião que são áreas de estudo neste trabalho, foram produzidas no ano de 2003, atualmente, são bairros formados com arruamento, sem as especificações

e estruturas de urbanização necessárias para moradia, além de provocar sérios problemas ambientais à cidade, mas, principalmente ao igarapé do Mindu (figura 28). Graças a Reserva Ducke que serve como barreira natural, hoje, existiriam outros novos bairros nessa zona da idade.



Figura 26 - Igarapé do Mindu na invasão Monte Sião em 2003.  
Foto: Cavalcante, 2003.

A administração pública tem que interferir na questão das invasões, porque elas são planejadas por grileiros desafiando o ente público, logo, o ambiente invadido é degradado abrangendo todos os seus componentes: água, solo, florestas e ar. Os gestores têm que fazer presente o Estado, como eles na maioria das vezes não são inibidos, o desordenamento continua e com eles a miséria, a violência, doenças e a dificuldade de acesso à educação.

A Zona Leste de Manaus é a região que possui o maior centro comercial popular da periferia da cidade, além de ser a zona mais populosa e possuir o

maior colégio eleitoral do Amazonas e da Amazônia (TRE, 2007). Também é na Zona Leste que estão alguns dos bairros mais populosos da Cidade, como o São José, Jorge Teixeira, Zumbi e Mutirão. A ocupação da Zona Leste é diversa, possuindo tanto bairros pobres como bairros de classe média.

O crescimento da cidade, no entanto, não veio sem o aparecimento ou agravamento de alguns problemas. Manaus vem perdendo cada vez mais sua área verde e, com isso, a grande biodiversidade encontrada na Amazônia. Entre as principais ameaças encontra-se a perda ou diminuição dos poucos fragmentos de floresta nativa na área urbana que acompanha o sentido do igarapé dentro da Cidade.

As zonas Leste e Norte que passaram a ser efetivamente ocupadas na década de 1980 são as mais atingidas atualmente pela degradação ambiental. As zonas Norte e Leste sofreram impactos ambientais significativos, ocorridas devido ao intenso processo de ocupação que ocasionou perdas de cobertura vegetal, assoreamento e poluição de igarapés.

Enquanto que na década de 70, boa parte dessas áreas não existiu enquanto cidade e eram utilizadas como locais de lazer, no início dos anos 80 o processo se inverte, a zona urbana de Manaus passa a modificar-se por meio de mudanças rápidas e agressivas ao meio ambiente.

A maior tolerância e condescendência em relação à produção ilegal do espaço urbano vêm dos governos municipais, aos quais cabe a maior parte da competência constitucional de controlar a ocupação do solo (MARICATO, 2002, p.24).

Na década de 90 revelaram que mesmo com aplicação de uma política ambiental de proteção aos recursos naturais as intervenções nas margens dos



mananciais ainda persistiam, provocando a devastação de áreas verdes, impactos ambientais e degradação dos corpos d'água, que não monitorados adequadamente afetam o bem-estar, a segurança e a saúde da população, além da destruição da natureza (CAVALCANTE, 2003, p.78).



Figura 27 – Imagem atual do Igarapé do Mindu no bairro Monte Sião, observando-se o avanço das moradias no seu entorno e o destino do esgoto doméstico.  
Foto: Pinheiro, 2007.

No curso superior, a água do igarapé do Mindu mostra-se totalmente poluída devida receber resíduos do esgoto doméstico das moradias do seu entorno, fruto da ocupação desordenada, falta de planejamento urbano e aplicação de políticas ambientais. Os valores obtidos em pesquisa realizada, diferenciam-se dos outros pontos estudados (cursos inferior e médio), revelando alteração da temperatura e no pH da água (Quadro 2). A extensão do igarapé influencia diretamente na dissolução de oxigênio devido ao menor volume da água neste trecho (CLETO FILHO, 1998, p.33).

**QUADRO 2: Valores médios de temperatura (°C), pH e oxigênio dissolvido – curso superior**

<b>PONTOS (cursos)</b>	<b>TEMPERATURA</b>	<b>pH</b>	<b>O.D</b>
<b>Inferior</b>	28,3	6,4	1,8
<b>Médio</b>	27	6,3	2,5
<b>Superior</b>	26	7,4	5,9

Curso Inferior= Área de estudo corresponde à micro bacia do São Raimundo; dados previamente descritos no capítulo 1. Curso médio= Área de estudo que corresponde ao Parque do Mindu e Ponte dos Bilhares. Curso Superior= Área de estudo que corresponde à nascente do igarapé do Mindu, nos bairros Cidade de Deus, Valparaíso e Monte Sião. Pontos selecionados como área de estudo pelo dissertante no ano de 2007.

Fonte: Cleto Filho, 1998.

Em 1989, o Poder Público Municipal criou na Zona Leste, um loteamento planejado (hoje o bairro Jorge Teixeira), distribuído em quatro etapas. Nesta área as áreas verdes que compreendem os cursos d'água e as encostas do igarapé, foram preservadas pelo Poder Municipal, sendo posteriormente invadidas e ocupadas como ocorreu em 1995, fazendo surgir mais uma invasão na cidade, a invasão Cidade de Deus, que atualmente já se encontra urbanizada desordenadamente, onde também se encontram às nascentes do Igarapé do Mindu, na Reserva Ducke. Ainda na década de 80 neste curso, era percebida a presença de fragmentos florestais composto por mata de encosta e de vale, e pequenos sítios. No entorno da Reserva Ducke, local das nascentes, há casas que formam um cinturão de proteção permitido pelo Poder Público, não podendo mais assentar novos moradores. Foi a forma com que o ente Municipal encontrou para não permitir novas invasões, além disso, não podem explorar comercialmente a madeira responsabilizando-os em protegê-la.

O Poder Público Municipal teve que implantar a Unidade de

Conservação<sup>14</sup> Adolpho Ducke para que de forma oficial não permita que invasores futuros viessem a se multiplicar e dá continuidade ao adensamento populacional naquela zona. Seus moradores não podem caçar e nem retirar madeira.

É nesta Unidade de Conservação que se encontra a nascente do Igarapé do Mindu. Dentro da reserva sua nascente encontra-se protegida, oferecendo longevidade ao igarapé neste trecho.

### **3.1 O CORREDOR ECOLÓGICO DO MINDU COMO FORMA DE POLÍTICA PÚBLICA SOCIOAMBIENTAL**

Corredores Ecológicos são áreas que unem os remanescentes florestais possibilitando o livre trânsito de animais e a dispersão de sementes das espécies vegetais. Isso permite o fluxo gênico entre as espécies da fauna e flora e a conservação da biodiversidade. Também garante a conservação dos recursos hídricos e do solo, além de contribuir para o equilíbrio do clima e da paisagem. Os corredores podem unir Unidades de Conservação, Reservas Particulares, Reservas Legais, Áreas de Preservação Permanente ou quaisquer outras áreas de florestas naturais (MMA/1999).

Sua aplicação é de extrema importância para a recuperação e preservação dos fragmentos de matas no entorno do Igarapé do Mindu, que atingirá os 20 km deste importante curso d'água da cidade de Manaus e consumirá a cifra de R\$ 118 milhões de reais nos próximos três anos. Sua primeira etapa vai do conjunto habitacional Colinas do Aleixo na Zona Leste até o

---

<sup>14</sup> É definida pela Lei 9.985, de 18 de julho de 2000, como sendo um espaço territorial e seus recursos ambientais, instituídas pelo poder público, com objetivos de conservação e proteção.

Parque do Mindu, na zona centro-sul (PMM/2007).

As intervenções que serão executadas pela Prefeitura Municipal de Manaus no Igarapé do Mindu que corta a cidade de leste a sul, foram divididas em cinco partes: primeira parte, o Centro de Vigilância; segunda parte, o Parque Linear, terceira parte, o Corredor Ecológico, e duas Áreas de Recuperação Ambiental.

A implantação do Centro de Vigilância já se encontra em fase de licitação. O centro será construído na APA (nascente do Mindu), no bairro Cidade de Deus, Zona Leste da cidade de Manaus, visando proteger a nascente de qualquer tipo agressão ambiental.

Neste ponto as voçorocas<sup>16</sup> e as erosões são intensas, necessitam ser contidas, já que as matas ali existentes foram queimadas por conta do aumento dos contingentes populacionais (SEMMA, 2007).



<sup>16</sup> Tipo de erosão grave causada pela extinção da mata ciliar e primária do entorno de um igarapé, lago ou rio.

Figura 28 – Determinação da área de implantação do Centro de Monitoramento e Vigilância da Nascente no Igarapé do Mindu. Recuperação de áreas atingidas por erosão e voçorocas no bairro Cidade de Deus.

Fonte: SEMMA/2007.

Os fragmentos (pequenas florestas) que ali existiam serviam de ilhas de biodiversidade que guardavam informações biológicas necessárias para a restauração dos diversos ecossistemas que integram o Bioma. Neste sentido, sempre que não existe ligação entre um fragmento florestal e outro, é importante que seja estabelecido um corredor entre estes fragmentos e que a área seja recuperada com o plantio de espécies nativas ou por meio da regeneração natural.

Assim que sai da APA (nascente do Mindu), o igarapé entra nos bairros Jorge Teixeira (etapas: 1, 2 e 3). A partir desses bairros começa o Parque Linear (segunda parte), e se encerra no conjunto habitacional Colina do Aleixo. Na região futura do parque, serão remanejadas 2.052 famílias que atualmente moram na área de preservação permanente. Ainda neste parque, serão construídas duas ruas marginais, pontes, trilhas e faixas de preservação.

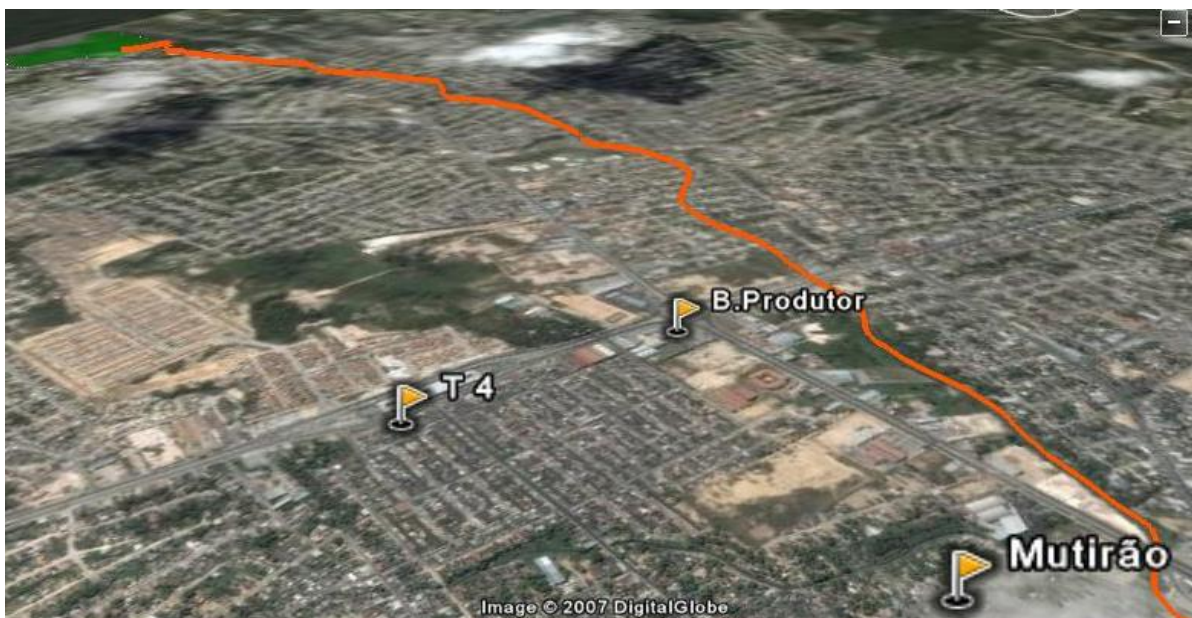


Figura 29 - Recuperação ambiental e requalificação social e urbanística no Igarapé do Mindu, delimitando o trecho de abrangência do Parque Linear do Mindu.  
Fonte: SEMMA/2007.

A área de lazer do Parque Linear contempla a construção de equipamentos lúdicos e esportivos numa altura superior a cota 30 de inundação. São quadras poliesportivas, ciclovias e praças com equipamentos para ginástica, pista de skate, corridas e caminhadas.

Do conjunto Colina do Aleixo até a entrada do Parque do Mindu, no bairro do Parque 10, será o entorno de abrangência do Corredor Ecológico do Mindu. Nesta parte o igarapé e seu entorno receberá obras de recuperação ambiental e serão remanejadas famílias para que seja consolidada a faixa de preservação permanente, bem como, a construção de trilhas, ciclovias, e equipamentos para ginástica.



Figura 30 – Imagem delimitada do trecho do Corredor Ecológico do Mindu.  
Fonte: SEMMA/2007.

O trecho do igarapé na Avenida Darcy Vargas, no bairro do Parque Dez que vai até a Avenida Djalma Batista, haverá a primeira parte da Área de Recuperação Ambiental. Nesse trecho será necessário remanejar famílias. São imóveis de classe média alta, como o conjunto Haydea, empreendimentos privados, parte do Amazonas Shopping e do TVLândia Mall. O canal do igarapé será desassoriado e terá investimentos em infra-estrutura semelhante ao do Corredor Ecológico. A ponte que existe atualmente ligando o bairro de Vieiralves e o shopping TVLândia Mall será eliminada e será construída outra com o objetivo de evitar o estrangulamento do igarapé (VIEIRA, 2007 p.2).

A segunda parte será entre a Avenida Constantino Nery e a ponte de São Jorge. Neste trecho será necessário o remanejamento de 788 famílias, que com a desocupação das moradias das margens do igarapé, vão ganhar estruturas como trilhas e passeio ecológico. Um pouco acima do Mindu no trecho do Parque dos Bilhares, na confluência com o igarapé dos Franceses, está previsto a construção de uma ponte que ligará a Vila Militar do Bafururu, Constantino Nery, Círculo Militar e o bairro de São Jorge. As intervenções ambientais e urbanísticas serão semelhantes à primeira etapa do projeto.



Figura 31 – Recuperação do trecho que vai do bairro do Parque 10 até a ponte de São Jorge.  
Fonte: SEMMA/2007.

Após a ponte do bairro de São Jorge, o igarapé do Mindu receberá intervenções do governo do Estado, que o incluiu na segunda fase do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (PROSAMIM). O projeto prevê a desapropriação das duas margens do Mindu neste trecho, totalizando a retirada de 3.164 famílias em toda a sua extensão.

A área ao redor do igarapé do Mindu, em toda sua extensão, foi instituída pela Prefeitura de Manaus no ano de 2007 como áreas de preservação ambiental (corredor ecológico), e foi inclusa no Plano Diretor da cidade através de decreto Municipal. Esta área possui aproximadamente 80 mil árvores, que agora passam a ser protegidas pelo poder público e completamente livre da ação de posseiros e empreendedores imobiliários. Além disso, esse espaço servirá para expandir o *habitat* das várias espécies da fauna existentes no local, onde se destaca o Sauim Manaus. O Corredor Ecológico do Mindu é o primeiro de cinco corredores que a Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMA) pretende implantar em Manaus, proporcionando à cidade melhor qualidade de vida e espaços para a prática de atividade física e lazer.

### **3.2 ATIVIDADE FÍSICA E LAZER NO ENTORNO DO IGARAPÉ DO MINDU**

Diante da necessidade do incremento e efetivação de um trabalho de consciência ambiental a Prefeitura criou por meio do Decreto nº 5.230/2000 o Jardim Botânico e um parque com trilhas que serve para caminhada e passeio ecológico dentro da Reserva Ducke. Com essa intervenção de política pública



que promove a saúde, a população beneficiou-se tendo onde praticar o lazer, os esportes de aventura, o turismo ecológico, educação ambiental e a realização de pesquisas científicas. No Jardim Botânico encontra-se uma biblioteca. A responsabilidade de gestão da Reserva Ducke é dividida entre a Prefeitura de Manaus e o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA).

Os pontos escolhidos para fazer análise acerca do lazer e atividade física no seu entorno, foram os bairros Cidade de Deus, Monte Sião e Valparaíso, por estabelecerem relação de proximidade com a Reserva Ducke, local das nascentes do igarapé do Mindu.

Nos bairros Cidade de Deus e Monte Sião foram verificados apenas três espaços para a prática do futebol, enquanto que no bairro Valparaíso não foi notado a existência de nenhum campo. No bairro Monte Sião, o campo de barro que fica distante 150 metros do igarapé e uma quadra de “chão batido” para a prática do voleibol (encontra-se ao fundo do campo). Além disso, há um espaço preenchido por gramíneas que serve de uso para outras formas de lazer como parques de diversão infantil itinerante (no momento da visita de campo, havia um sendo instalado no dia 16 de novembro de 2007 (Figura 34).



Figura 32 – Parque de diversão infantil itinerante no bairro Monte Sião sendo testado simultaneamente ao jogo de futebol (pelada).  
Foto: Pinheiro, 2007.

Para compensar a falta de espaços específicos que promovem a criança, foi registrada a presença de um parque de diversão infantil no bairro Monte Sião, conforme visto na figura 34. Os parques de diversão infantis desenvolvem aspectos psicomotor e social das crianças e jovens, num ambiente adequado ao seu desenvolvimento, estatura, necessidades de criar e experimentar, estimulando a sua imaginação, auto-imagem e confiança em si.

Os parques infantis devem representar um mundo de cor e movimento onde a criança estabelece todo o tipo de jogos de aventura interagindo com outras crianças, pondo em jogo todo o seu universo social. A criança encontra um universo de oportunidades na imediata resposta lúdica dos equipamentos, escolhendo os seus próprios percursos dentro dos elementos dos jogos do parque submergindo numa floresta de cores e fantasia (FARIA, 1994, p.62).

No bairro Cidade de Deus observou-se o espaço de dois campos de areia na margem direita do igarapé. O encontro para prática do futebol acontece a partir das 16 horas. A população que pratica o futebol é composta por trabalhadores, jovens estudantes e desempregados. Durante a semana, ocorre a tradicional pelada e nos finais de semana há o campeonato de “pelada” em cada campo, ou seja, naqueles encontrados no bairro Cidade de Deus e no Monte Sião. Este sistema de disputa é longo e dura o ano inteiro, o que exige e pressupõe-se boa forma física aos seus participantes, haja vista, que a duração em média diária é de duas horas de prática (Figura 35 e 36).



Figura 33 – Campo de barro no Monte Sião, distante 150m da margem direita do igarapé do Mindu.  
Foto: Pinheiro, 2007.



Figura 34- Campo do areal no bairro Cidade de Deus.  
Foto: Pinheiro, 2007.

Nesse sentido, a ausência de políticas públicas faz-se notória nos bairros estudados, contribuindo para o elevado índice de violência vivenciado nesta zona, assim como, bloqueia o acesso à cultura e outros benefícios como o da educação. Cabe ainda destacar que, na ausência de políticas públicas esses parques de diversão estipulam o tempo e o custo de uso. Como não se tem o espaço e aparelhos públicos, tem que pagar para seus administradores pelo tempo de lazer.

O ambiente escolar por si só não garante a prática da atividade física e do lazer, logo, crianças, jovens e adultos buscam nos espaços alternativos para efetivarem essa prática mesmo que de forma improvisada.

Nas pesquisas de campo realizadas nos três cursos, o curso superior foi o que demonstrou maior carência de espaços e políticas públicas, determinando assim a implantação urgente por parte dos poderes Municipal e Estadual, projetos que visem suprir essa ausência.

### **3.3 QUALIDADE DE VIDA: ANÁLISE DO CORPO ATRAVÉS DO ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO E ÍNDICE DE MASSA CORPORAL**

O conceito de desenvolvimento humano é a base do Relatório de Desenvolvimento Humano, publicado anualmente, e também do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da Organização das Nações Unidas (ONU). Ele parte do pressuposto de que para aferir o avanço de uma população não se deve considerar apenas a dimensão econômica, mas também outras características sociais, culturais e políticas que influenciam a qualidade da vida humana.

O IDH se baseia na noção de *capacidades*, isto é, tudo aquilo que uma

pessoa está apta a realizar ou fazer. Nesse sentido, o desenvolvimento humano teria como significado mais amplo, a expansão não apenas da riqueza, mas da potencialidade dos indivíduos de serem responsáveis por atividades e processos mais valiosos e valorizados. Assim, a saúde e a educação são estados ou habilidades que permitem expansão das capacidades. Inversamente, limitações na saúde e na educação seriam obstáculos à plena realização das potencialidades humanas (PNUD/1990).

Apesar das justas críticas que tem recebido, o IDH tem sido bastante utilizado, inclusive no Brasil, e inspirado outros como o Índice de Condições de Vida (ICV), desenvolvido pela Fundação João Pinheiro, em Belo Horizonte, para estudar a situação de municípios mineiros, ampliado em consórcio com o IPEA, o IBGE e o PNUD, para a análise de todos os municípios brasileiros. Além deste conhecido indicador composto, identificam-se diversos outros, objetivos e subjetivos, que expressam alguma dimensão da qualidade de vida. Os considerados objetivos pelo instituto referem-se sempre a situações como renda, emprego/desemprego, população abaixo da linha da pobreza, consumo alimentar, domicílios com disponibilidade de água limpa, tratamento adequado de esgoto e lixo e disponibilidade de energia elétrica, propriedade da terra e de domicílios, acesso a transporte, qualidade do ar, concentração de moradores por domicílio e outras.

Os de natureza subjetiva respondem a como as pessoas sentem ou o que pensam das suas vidas, ou como percebem o valor dos componentes materiais reconhecidos como base social da qualidade de vida. Deste último caso pode ser exemplo, o Índice de Qualidade de Vida (IQV) de São Paulo, criado pelo jornal *Folha de S. Paulo*, que inclui um conjunto de nove fatores (trabalho, segurança,

moradia, serviços de saúde, dinheiro, estudo, qualidade do ar, lazer e serviços de transporte).

O enfoque sobre qualidade de vida foi apresentado e debatido desde 1990 nos Relatórios de Desenvolvimento Humano (RDH) da ONU, que propõem uma agenda sobre temas relevantes ligados ao desenvolvimento humano e reúnem tabelas estatísticas e informações sobre o assunto. A cargo do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD), o relatório foi idealizado pelo economista paquistanês Mahbub ul Haq (1934-1998). Atualmente, é publicado em dezenas de idiomas e em mais de cem países. O IDH pode ser classificado através dos seguintes intervalos (Quadro 3).

### **QUADRO 3. Classificação do IDH segundo a ONU.**

<b>ÍNDICES</b>	<b>CLASSIFICAÇÃO</b>
0 a 0,499	Baixo
0,500 a 0,799	Médio
0,800 a 1	Alto

Fonte: ONU/2007.

O objetivo da elaboração do Índice de Desenvolvimento Humano é oferecer um contraponto a outro indicador muito utilizado, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita, que considera apenas a dimensão econômica do desenvolvimento. O IDH pretende ser em regra, uma medida geral, sintética, do desenvolvimento humano de determinada localidade. Não abrange todos os aspectos de desenvolvimento e não é uma representação da "felicidade" das pessoas, não indica "o melhor lugar no mundo para se viver".

Este aspecto realmente não reflete, nem abrange e nem determina o

grau da qualidade de vida das populações, apenas apresenta indicadores que revelam dados limitados à face da abrangência da problemática social das sociedades. Desenvolver não pode ser descrito ou significado apenas por componentes sociais como renda, longevidade e educação. Essas três dimensões têm a mesma importância no índice, que varia de zero a um, conforme valores apresentados no quadro 3.

Em 2010, Manaus terá 1.818.808 habitantes e em 2015 terá 2.061.821 habitantes segundo estimativas (IBGE/2007), o que requer de seus administradores atuais e futuros tenham sensibilidade com relação às áreas de planejamento, meio ambiente e urbanização da cidade.

A taxa de mortalidade infantil até cinco anos de idade é de 21,26 a cada mil crianças. Sua taxa de fecundidade é de 3,74 filhos por mulher, o que representa uma taxa elevada em relação a outras capitais brasileiras. Apresenta ainda taxa de alfabetização de 94,63%, com seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH-M) de 0,788, considerado médio pela classificação da tabela da ONU, configurando-se como um ótimo lugar para investimento pelas instituições econômicas, mas, os estudos acerca da qualidade de vida de sua população ainda são insuficientes.

O aspecto nutricional poderia ser introduzido como critério de extrema importância para revelar este perfil. As preocupações com o que comer, onde morar e o que vestir são preocupações antigas que norteiam a humanidade ao longo da história.

Com relação à temática, o Índice de Massa Corporal (IMC), um índice que é utilizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para avaliar o estado nutricional para determinar a saúde e que não entra nos critérios do IDH poderia



ser agregado na análise, o que tornaria os dados mais efetivos das populações na determinação da qualidade de vida. Assim, o IDH não consegue incorporar a essência do conceito central que tenta medir.

A esse respeito se refere Minayo (2000, p.7), quando sustenta que *desenvolvimento* é um processo mais amplo que o mero aumento da promoção, melhoria de produção e de índices. Envolve a direção, o sentido e, sobretudo o conteúdo do crescimento econômico.

Atualmente, essa dimensão anímica do processo econômico faz a diferença entre o crescimento e o desenvolvimento. Um país pode crescer ou deixar de crescer. Mas uma nação desenvolvida nunca pode deixar de sê-lo, porque o desenvolvimento se incorpora às estruturas, às instituições e às mentalidades de seus administradores.

Da mesma forma, o campo semântico da qualidade de vida na tradição ocidental, além da idéia de desenvolvimento, transita pela crença na democracia. Quanto mais aprimorada a democracia, mais ampla é a noção de qualidade de vida, do grau de bem-estar da sociedade e da equidade ao acesso aos bens materiais e culturais. A força da democracia é um fator de resistência à redução de todas as esferas da vida, ao fato econômico (MATOS, 1998, p.3).

### **3.3.1 Índice de Massa Corporal (IMC) e Qualidade de Vida**

No século XIX, o estatístico belga Adolphe Quetelet criou o Índice de Quetelet, que mede a obesidade que consiste em dividir o peso da pessoa (em quilogramas) pelo quadrado de sua altura (em polegadas). Antes de 1980, os médicos normalmente usavam tabelas de peso por altura (uma para homens e uma para mulheres), que incluíam faixas de pesos para cada polegada de altura.

Essas tabelas eram limitadas porque se baseavam somente no peso e não na composição corporal. O IMC se tornou um padrão internacional para medição da obesidade na década de 80 e o público aprendeu sobre ele no final da década de 90, quando os governos lançaram iniciativas para incentivar alimentação saudável, fomento à prática de exercícios e prevenção contra a obesidade.

Segundo McArdle (1984, p.49), a obesidade<sup>17</sup> pode ser definida como o aumento excessivo da quantidade de gordura corporal. A obesidade, portanto, consiste no depósito excessivo de gordura no tecido adiposo. Há cerca de 25 bilhões de células adiposas num indivíduo com peso normal versus 60 bilhões num indivíduo extremamente obeso. Quando uma pessoa é submetida a uma restrição dietética, o tamanho da célula diminui, mas não a sua quantidade. Se todo mundo tivesse um peso ideal, haveria uma redução de 25% das coronariopatias e 35% dos acidentes vasculares cerebrais (POWERS; HOWLEY, 2000, p.339).

A atividade física diária pode ser um redutor do percentual de gordura desde que feita com intensidade e segurança. Para se fazer a predição de um estado de saúde faz-se necessário a consulta a um médico endocrinologista, aqui não cabe apenas a classificação do IMC (Quadro 4).

#### **QUADRO 4. Classificação do Índice de Massa Corporal (IMC) da OMS.**

<b>IMC</b>	<b>CLASSIFICAÇÃO</b>
< 18,5	Magreza
18,5 – 24,9	Saudável (normal)
25,0 – 29,9	Sobrepeso
30,0 – 34,9	Obesidade Grau I
35,0 – 39,9	Obesidade Grau II
≥ 40,0	Obesidade Grau III

<sup>17</sup> A obesidade pode ser classificada pela Organização Mundial de Saúde quando indivíduo está acima de 30. É uma alta porcentagem da gordura corporal.

Fonte: OMS, 2008.

Um município, uma cidade ou uma comunidade saudável é aquela em que os diferentes atores, do governo às organizações locais públicas e privadas se comprometem e se envolvem em um processo que objetiva o desenvolvimento socioeconômico e a preservação ambiental, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida da população.

Assim sendo, os indicadores de qualidade ambiental urbana devem avaliar a capacidade (que envolve disponibilidade e acesso) da estrutura, da infraestrutura, dos equipamentos e serviços urbanos de uma determinada localidade, como mostrado no transcurso da pesquisa na área que incluiu o igarapé do Mindu.

O conceito de qualidade ambiental urbana está intrinsecamente ligado ao de qualidade de vida urbana e refere-se à capacidade e às condições do meio urbano em atender às necessidades de seus habitantes (LUENGO, 1998, p.32).

Deste modo, a saúde de uma população está relacionada à determinação de vários índices de diferentes áreas que pressupõem a forma do bem-estar e sua classificação dentro de referenciais estipulados por organizações e institutos. Portanto, o problema da avaliação da qualidade de vida urbana coloca-se como uma questão complexa e que implica tanto na análise dos diversos componentes do ecossistema urbano, por meio de um sistema de indicadores, quanto nas metodologias de quantificação e sistematização desses indicadores em índices que sintetizem e traduzem o grau de comprometimento ambiental da cidade, de forma a oferecer parâmetros confiáveis para a tomada de decisão nas políticas públicas.

No capítulo seguinte será discutido como o resultado dessas políticas influencia na qualidade de vida das pessoas, tendo como parâmetros para mensurar o indivíduo, índices que omitem informações que são determinantes na qualificação do estado de viver de determinada localidade.

## CAPÍTULO IV – RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira questão a ser formulada para os entrevistados diz respeito à localidade de nascimento, moradia, gênero, idade, peso, estatura, escolaridade, e como o entrevistado desloca-se para ir à escola, ao trabalho e para fazer a prática esportiva e de lazer. Na Tabela 3 as amostras de idade e gênero nos três cursos revelaram que no curso inferior a média de idade foi de 25 anos e quatro meses, sendo que 92% dos praticantes pertencem ao gênero masculino e 8% ao feminino.

No curso médio esta média foi de 25 anos e oito meses, já quanto ao gênero 54% pertencem ao gênero masculino e 46% ao gênero feminino. No curso superior 100% dos praticantes (futebol e voleibol de areia) eram do gênero masculino e apresentou média de idade de 25 anos e sete meses.

**Tabela 3 – Média de idade dos praticantes de atividade física e lazer, apresentando também classificação quanto ao gênero.**

<b>CURSOS</b>	<b>IDADE (mx)</b>	<b>GÊNERO (%)</b>	
Curso Inferior	25,4	f=8%	m= 92%
Curso Médio	25,8	f=46%	m= 54%
Curso Superior	25,7	-	m=100%

Fonte: Pinheiro, 2007.

Estes dados demonstram que o público praticante de atividades esportivas no entorno do igarapé do Mindu é relativamente jovem assemelhando-se nas médias de idade diferenciando-se quanto à participação feminina. Esta diferenciação é explicada porque a mulher ainda sente-se retraída quanto à prática esportiva em ambientes abertos, privilegiando os ambientes fechados

como as academias.

Quanto ao item nível de escolaridade (Tabela 4) foram investigados os três níveis de ensino oficial do governo, mais as opções ensino incompleto e não estuda. Aqueles que possuem nível superior (ES) foram apenas 4% no curso médio, nos demais cursos esta opção não houve representação. Ainda neste curso, foi o que apresentou elevado índice de pessoas que possuem ensino incompleto (EINC), 34% dos entrevistados.

Quanto ao ensino médio a variação dos percentuais foi discreta entres os três cursos, variou de 42% (curso médio) a 54,54% (curso inferior) daqueles que já concluíram o ensino médio (EM). O maior percentual daqueles que ainda estão cursando o ensino fundamental corresponde ao curso inferior (43,18%), percentual considerado alto para uma média de idade de 25 anos.

**Tabela 4 – Percentual do nível de escolaridade nos três cursos.**

<b>CURSOS</b>	<b>EF</b>	<b>EM</b>	<b>ES</b>	<b>EINC</b>	<b>NES</b>
Curso Inferior	43,18%	54,54%	-	6,18%	-
Curso Médio	20,00%	42,00%	4,00%	34,00%	-
Curso Superior	30,23%	52,27%	-	14,00%	1,00%

Legenda: EF= ensino fundamental EM= ensino médio ES= ensino superior EINC=ensino incompleto NES= não estuda.

Fonte: Pinheiro, 2007.

Os dados referentes à estatura e peso dos entrevistados, são informações antropométricas e morfológicas corporais, de onde foi obtido o IMC médio em cada curso. O Índice de Massa Corporal é calculado através da fórmula:

$$\text{IMC} = \frac{P}{A^2}$$

Onde: P= expressa a massa corporal (peso) em quilogramas.

$E^2$                        $E^2$  = representa a estatura do indivíduo ao quadrado.

Sua unidade de medida é  $\text{kg/m}^2$ .

Ao submeter-se a um programa de atividade física ou praticar esportes de forma esporádica é necessário realizar vários exames médicos para dá segurança ao praticante. O IMC além de ser um desses exames também é uma referência para se estipular o estado nutricional do indivíduo. Este índice é realizado por meio da quantificação da massa corporal (peso) e estatura do indivíduo.

O IMC médio observado (Gráfico 1) além de fornecer e estimar o estado de saúde, também determina o nível de qualidade de vida. No entanto, verificou-se *in lócus* que os praticantes de atividades físicas, esporte e lazer dos três pontos passam em média de uma a duas horas fazendo atividade. Isto provoca um gasto calórico considerável levando a concluir que o IMC médio obtido pode está influenciado pela perda de lipídeos durante a execução de uma atividade física e não pelo ótimo estado de saúde ou performance física<sup>18</sup> obtida (ZAKHAROV, 1992, p.272).

---

<sup>18</sup> Ou forma física retrata a correlação ótima de todos os aspectos da preparação do desportista, levando e conta os aspectos físicos e psicológicos.

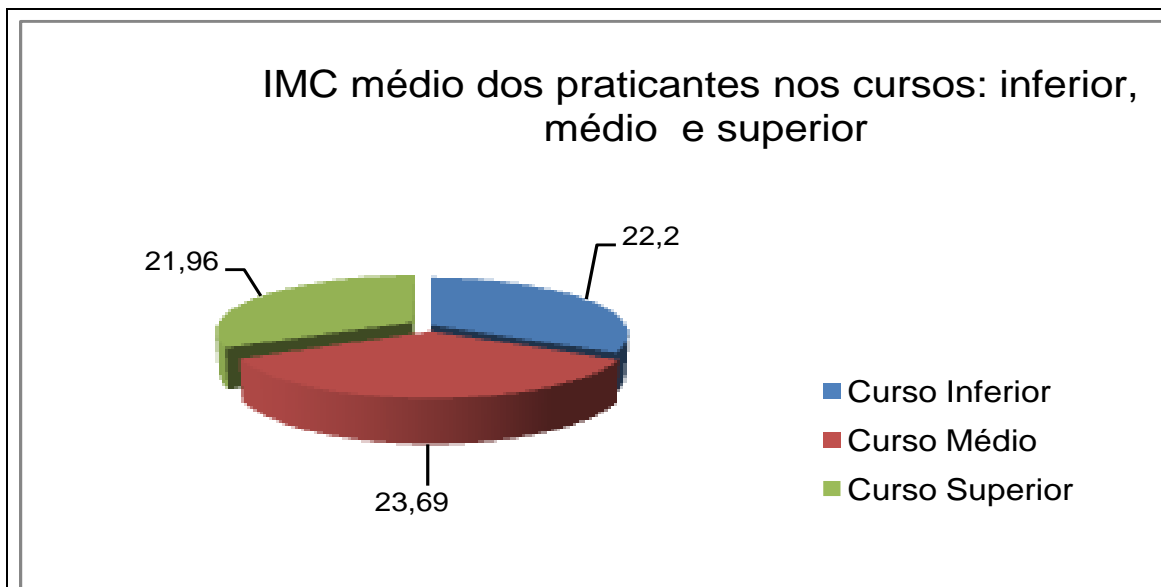


Gráfico 1. Média do IMC dos praticantes de atividade física por curso em kg/m<sup>2</sup>.

De acordo com este gráfico que mostra a média do IMC em cada curso do Igarapé do Mindu, o curso médio possui IMC elevado o que se torna preocupante e futuramente um sério caso de saúde pública quando comparado com a tabela da OMS usada pela ONU (Quadro 3 p.115), evidenciando necessidade de intervenção pública contínua. Um IMC de 23,69 kg/m<sup>2</sup> é classificado como normal (peso normal 18,5 e 25 kg/m<sup>2</sup>) de acordo com essa tabela, mas, próximo de 25 que o classifica como acima do peso (25 e 30 kg/m<sup>2</sup>). Nos demais cursos (inferior e superior) o IMC foram tecnicamente semelhantes classificados como normal, o que testemunha que esses indivíduos têm boa performance física, boa saúde. O estilo de vida é o principal responsável por atingirmos idades mais avançadas, a média brasileira é de setenta e dois anos de vida, e o modo de vida representa 50% dos fatores envolvidos na busca desse objetivo. Os outros 50% estão divididos entre meio ambiente (lugar onde vivemos e nossa adaptação a ele), hereditariedade (carga genética presente em nossos genes, relativa à longevidade e outros antecessores familiares) e qualidade da estrutura e serviço



de saúde (GUISELINI, 2006, p.74).

Influência desses diferentes fatores no tempo de vida indica que saúde e qualidade de vida dependem do gerenciamento dos hábitos do cotidiano. A prática da atividade física visa reduzir os efeitos dos maus hábitos gerados pelo estilo de vida da sociedade pós industrial e com ela conseqüências crônicas de cardiopatias, excesso de peso corporal e a hipocinesia<sup>19</sup>.

Na questão que se refere ao local de nascimento, no curso inferior (abrange os bairros de Aparecida, Glória e São Raimundo) 79% disseram que nasceram em Manaus, 11% vieram de outro Estado, 8% são oriundas do interior do Estado e apenas 2% disseram que vieram do exterior.

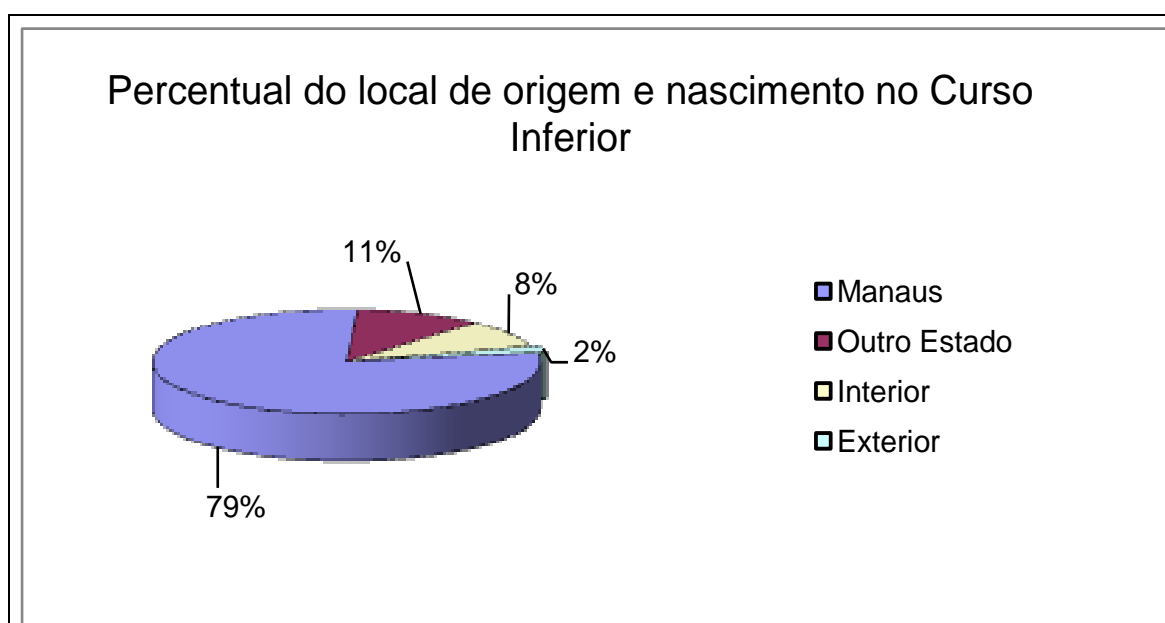


Gráfico 2 – Resultado da pergunta sobre local de origem e nascimento do curso inferior.

No curso médio (engloba os bairros da Chapada, Parque 10 e São Geraldo), 72% representa o número de pessoas que nasceram em Manaus, 16% vieram de outro Estado, 12% migraram do interior para a capital e nenhuma amostra foi registrada de alguém que tenha vindo do exterior.

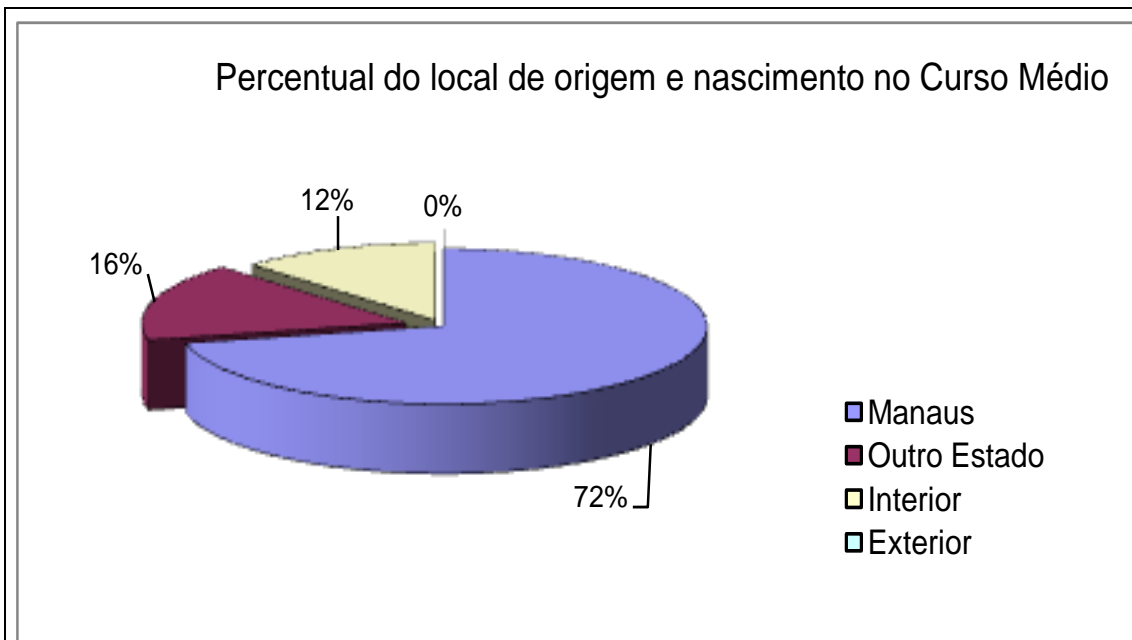


Gráfico 3 - Resultado da pergunta sobre local de origem e nascimento do curso médio.

Nesses cursos (inferior e médio) houve equivalência percentual no item se a pessoa tinha nascido em Manaus, 78% e 72% respectivamente considerando o universo populacional estudado. Neles, com relação a sua história de urbanização, as pessoas que povoaram os bairros deste ponto foram os seringueiros oriundos da produção do látex após o declínio do Ciclo da Borracha, por vagabundos, desempregados, pelos pobres expulsos do centro elitizado da cidade, principalmente os bairros que compreendem o curso inferior (DIAS, 2003, p.44).

No curso superior os dados referentes a este aspecto (lugar de nascimento) apresentaram percentuais semelhantes, 44% disseram que nasceram em Manaus e valores elevados quando perguntados se vieram de outro Estado e do interior, valores de 32% e 23% respectivamente.

---

<sup>19</sup> Diminuição do movimento articular ocasionado por doenças ou pela ausência de motricidade.

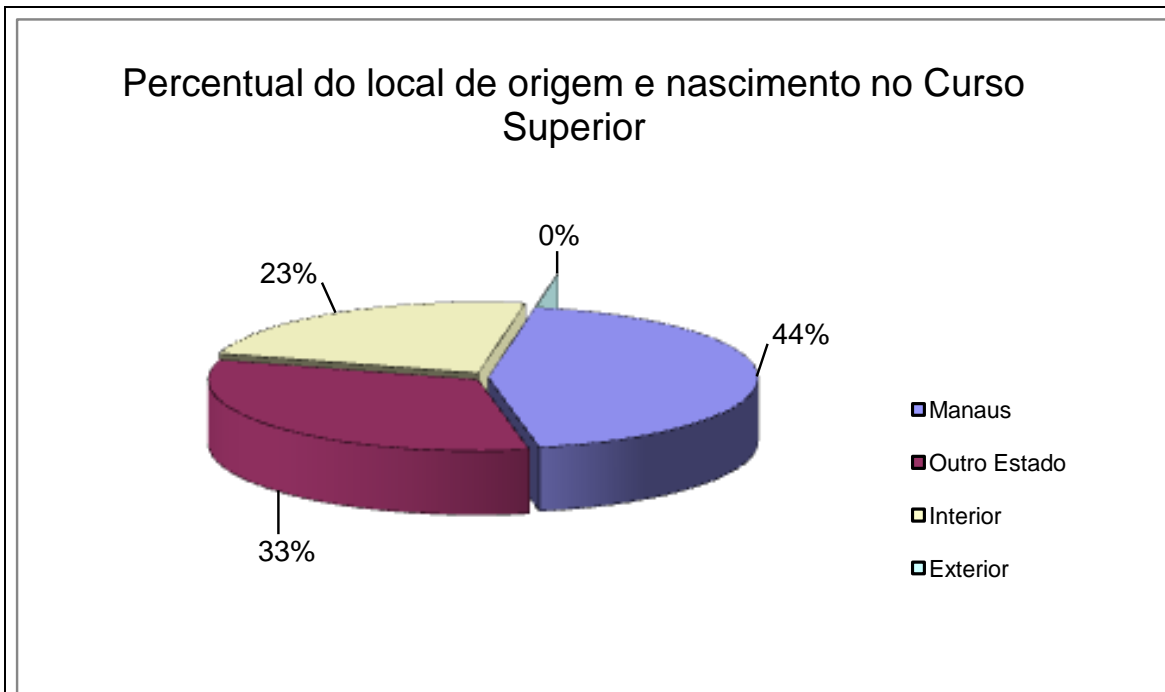


Gráfico 4 – Amostra percentual por curso quanto ao lugar de nascimento e origem.

O valor de 33% induz concluir que a zona leste foi urbanizada e teve seu crescimento populacional por pessoas vindas de outros Estados e por pessoas que migraram do interior do Estado do Amazonas, o que explica a urbanização desordenada acelerada sem planejamento urbano adequado. Assim, verificou-se neste a ausência de políticas públicas relacionadas ao esporte e lazer de forma evidente. Os espaços que existem são produções como resultado da forma desorganizada de urbanização, como os campos de barro e de areia nos bairros Cidade de Deus e Monte Sião.

Ao serem perguntados sobre como eles vão à escola, trabalho e para a prática da atividade física e lazer a média dos três pontos que vão a pé foi de 45%, usam o ônibus para deslocar-se a média nos três pontos foi de 40%, 13% usam o carro como meio de ir ao esporte e lazer, apenas 2% usam outros meios

de transporte. No curso inferior houve duas pessoas do gênero masculino que responderam que utilizam a canoa para ir ao trabalho e para prática do futebol de várzea, pois são pescadores e carregadores no porto de São Raimundo. Desta forma, percebe-se o grande contingente de pessoas (40%) que usam o ônibus como meio de transporte, assim como, 45% vão a pé, seja para o trabalho, seja para escola e seja para dirigir-se para o local da prática do lazer e da atividade física.

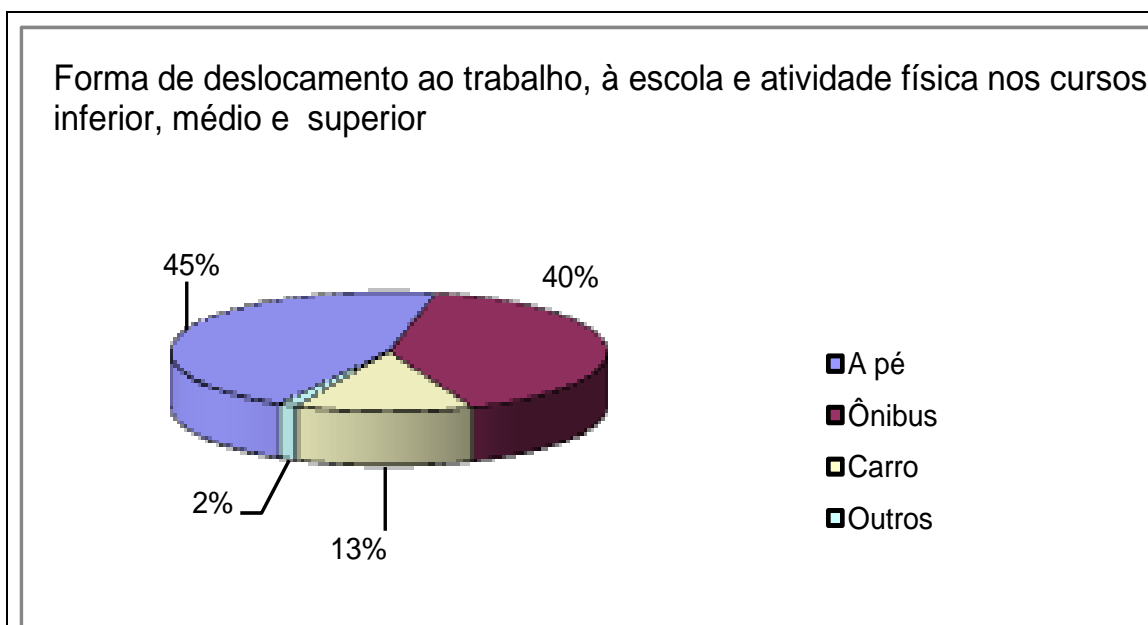


Gráfico 5 - Pergunta sobre como o entrevistado desloca-se para o trabalho, para escola e para prática de atividade física e de lazer nos três cursos.

Quando perguntado sobre o espaço onde a atividade física no curso inferior é realizada, de um total de cinquenta entrevistados 25 responderam que fazem atividade em campo de areia e 17 disseram que fazem atividade esportiva em campo de barro sendo esta a média do curso inferior; 5 preferem os espaços dos centros públicos esportivos construídos e 2 preferem outras atividades lúdicas como os jogos de salão (sinuca, baralho e dominó).

A natureza no curso inferior ainda permanece a oferecer os espaços quando da origem da cidade onde se realizavam os campeonatos de várzea, permitindo o uso com os espaços do fundo do igarapé quando do período da vazante; é o único ponto em toda sua extensão em que esta produção torna-se possível.

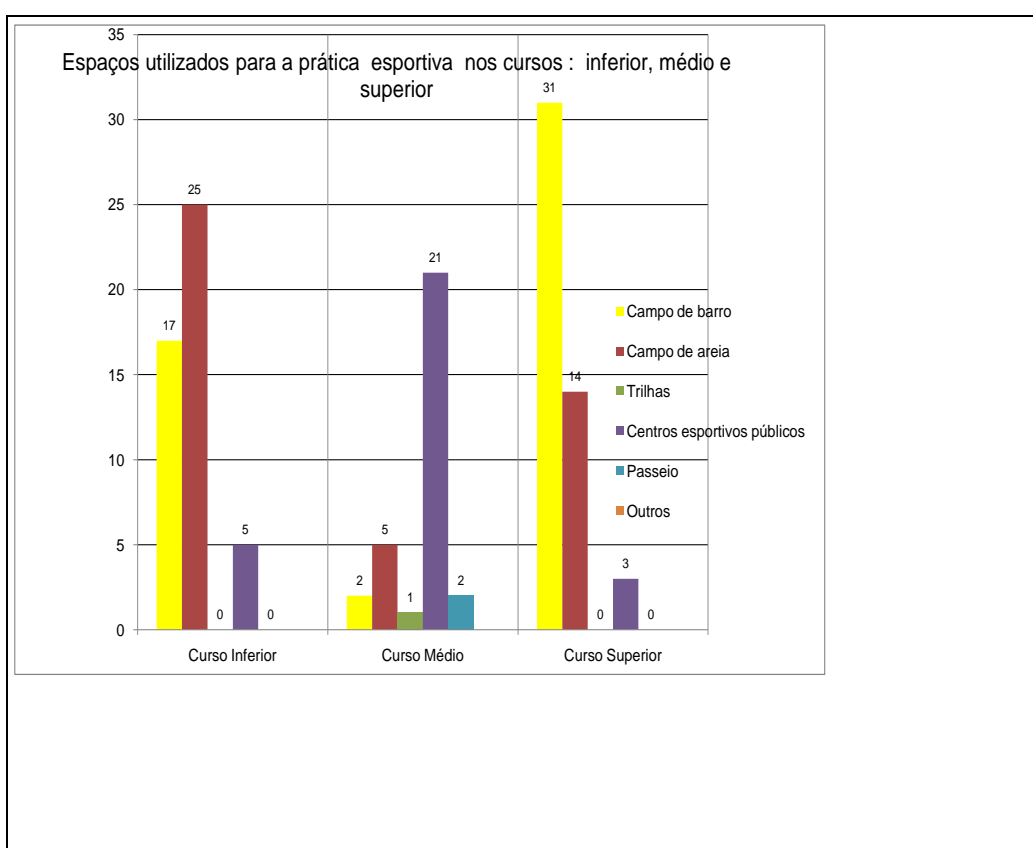


Gráfico 6 - Gráfico apresentando a frequência relativa do uso dos espaços nos diferentes pontos do entorno do igarapé do Mindu.

Percebe-se, porém, que no curso médio existem mais opções de espaços, onde se realiza a atividade física e lazer, pela existência do Parque dos Bilhares, do Millennium Shopping Center e do Parque e Passeio do Mindu. São

formas de intervenções ocasionadas pela urbanização necessária e no caso do parque, pela revitalização do espaço de um passado histórico da cidade de Manaus. Nos cursos inferior e superior nota-se esta ausência de políticas, mesmo com a urbanização deflagrada nas últimas três décadas.

Na questão quanto à proximidade do local de prática, no curso inferior 39,29% disseram morar perto do espaço de prática da atividade física. No curso médio 27,68% dos entrevistados responderam que moram próximo do local da prática esportiva e no curso superior 33,04% disseram que estão estabelecidos próximos a este local. O curso médio foi o ponto onde houve elevado percentual quando responderam que não residir próximo ao local de prática da atividade esportiva, 61,54%. Por ser um local que está entre as principais vias de circulação de transporte da cidade e bairros com estruturas urbanas de serviços, de lazer, cultura e entretenimento, justifica-se este elevado índice.

Quando indagados acerca da prática da atividade física fora do bairro, curso médio e curso superior atingiram percentuais de considerados elevados alegando outros motivos, sem ir ao encontro daqueles apresentados pelo formulário. A opção falta de estrutura foi respondida por 3 pessoas no curso inferior e 14 pessoas médio. Quanto a esta opção, o curso superior apresentou resultado de 14 respostas, não sendo muito crítico a esta questão. O item por causa da violência, nos três pontos surge na pesquisa com resultados diferentes daqueles veiculados na mídia e da secretaria de segurança, ou seja, apenas 2 dos entrevistados abordaram o tema violência como motivo para procurarem outros espaços para prática esportiva.

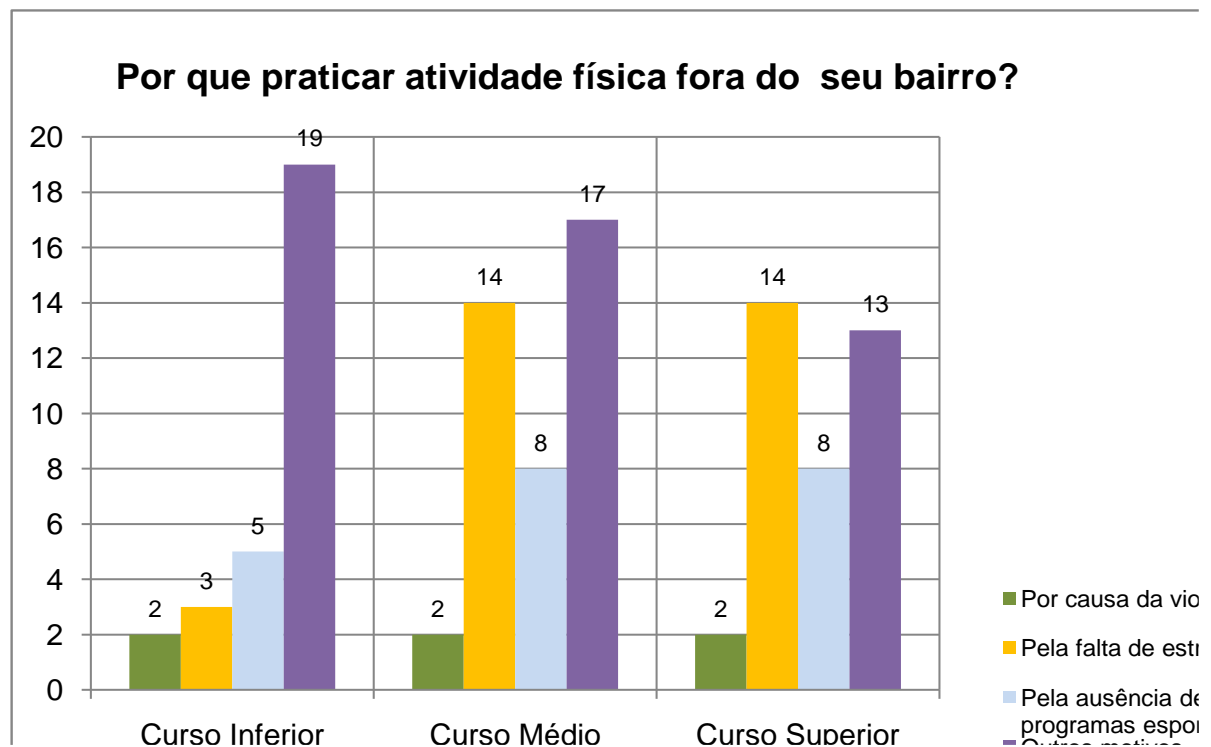


Gráfico 7 – Gráfico mostrando frequência relativa dos motivos que levam os praticantes a procura de espaços esportivos em outros bairros.

Na pergunta se os entrevistados estariam satisfeito com a estrutura usada para prática esportiva e de lazer, no curso inferior 25,99% e 22,09 no curso superior responderam que sim 42,11% e 49,12% disseram que não estariam satisfeito com os espaços utilizados. Observa-se que estes são precários em políticas publicas de esporte e lazer em forma de parques e quadras construídas. No curso médio 51,99 % responderam que estavam satisfeito com a estrutura oferecida à população. Nesta área existem o Parque dos Bilhares, Parque e Passeio do Mindu, o que justifica o estado de satisfação dos entrevistados nesse espaço, além disso, são moradores do local.

O gosto pela prática esportiva e de lazer foi revelada num valor médio percentual de 62,69% obtida nos três cursos. Como a pesquisa abrangeu faixas etárias diferentes e apontou média de idade de 25%, outros afirmaram que estavam vindos do trabalho, outros eram jovens entre dezesseis e dezoito, e

outros são pessoas idosas aposentadas. Logo, buscavam ali gozo do tempo livre num ambiente agradável realizando aquilo que lhe dá prazer através de atividades esportivas e momentos de contemplação.

No que diz respeito a se relacionar com outras pessoas do curso inferior e curso médio tecnicamente igualaram-se relativamente em 20,92% e 24,44%. A atividade física cotidiana e o lazer, como o treinamento físico, podem contribuir para a saúde e para longevidade (GUISELINI, 2006, p.50).

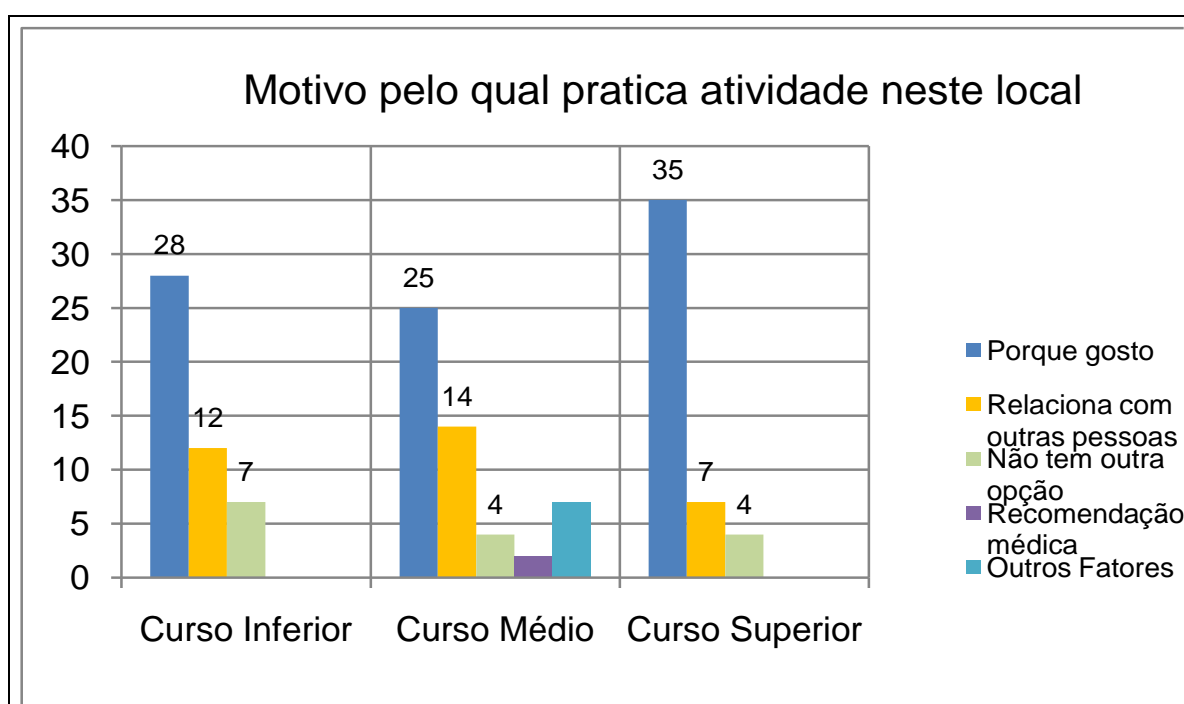


Gráfico 8 – Média por amostragem das opções pelo qual o entrevistado pratica atividades esportivas e de lazer naquele espaço.

Como foi verificado na Figura 18 (p.67), apenas no curso inferior (Aparecida, Glória e São Raimundo) existem campos de várzea, aplicou-se a pergunta qual o local usado para atividade física durante o período da cheia? 68,42% buscam os centros esportivos públicos daquele ponto. O que eles chamam de centro esportivos na verdade não passam da quadra esportiva das



escolas municipais e estaduais, visto que foi verificada ausência dessa política naquele local. Os que detêm melhores condições financeiras procuram academias para essa prática e apenas 7,89% responderam que buscam este serviço. Para atender os idosos está sendo construído um centro pelo governo estadual com objetivo de minimizar a ausência desse serviço.

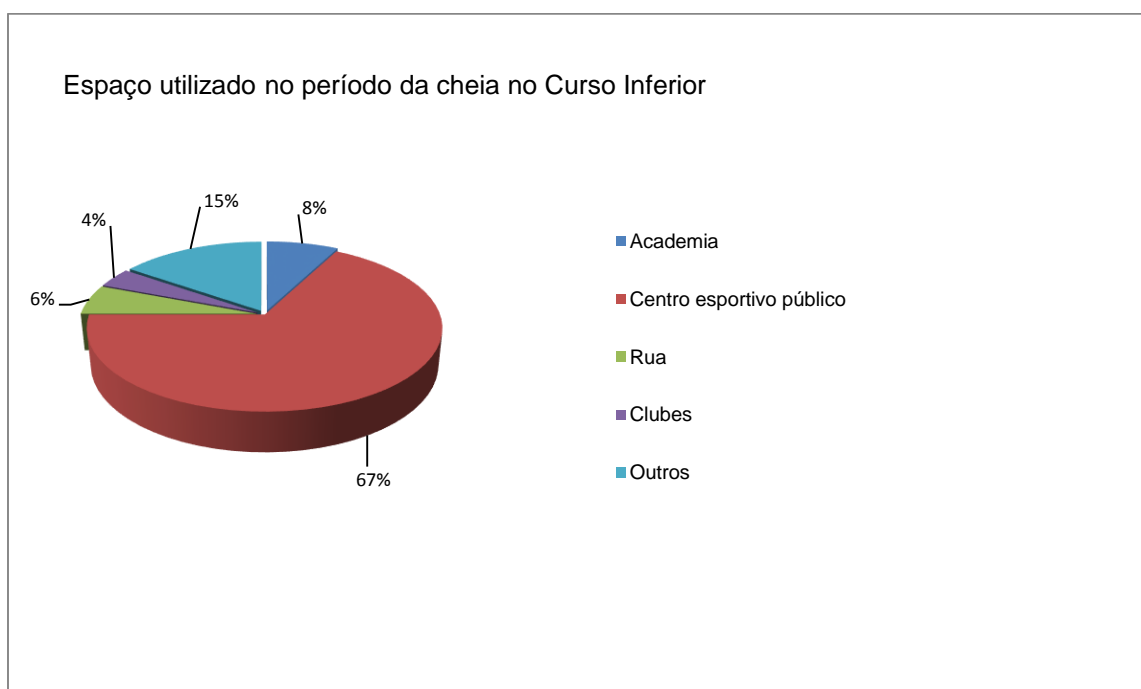


Gráfico 9 – Onde praticar atividades físicas e lazer durante o período da cheia.

A busca por outros espaços como estrada e praia que são itens que não entraram como opção na pesquisa aparece com 15%, os que preferem a rua para suprir esta necessidade são 6% e 4% disseram que realizam suas atividades nos clubes da cidade.

Quando indagados se percebia alguma diferença entre a prática de atividade física em ambientes fechados (tipo academia e ginásio coberto) e ambientes urbanos abertos, a análise do resultado foi feita direta dos três cursos, onde 94 dos entrevistados responderam que sim e 43 expressaram que não. Os

que preferem a prática em ambientes abertos justificaram sua opção respondendo que nos ambientes naturais e abertos as atividades são diárias, que nos campos de várzea dá mais força devido a areia, na academia as pessoas ficam mais sentado. Outros ainda disseram que os locais fechados não promovem a liberdade embora se tenha mais conforto. Nos ambientes abertos pode-se observar a natureza, incentiva as relações, são mais ventilados, é mais saudável, motivante e não paga, como é o caso dos Parques Públicos do Mindu, dos Bilhares e os campos de várzea no curso inferior.

Na questão de número três obteve-se informações acerca da prática da atividade física com segurança. Dados como, se faz exame médico periodicamente, quais as atividades que eles praticam naquele espaço, com que frequência, qual o turno diário e se o fluxo de pessoas lhe incomoda? 49,36% disseram que não fazem exames, sendo esta, a média percentual dos três pontos. A média percentual dos três pontos foi de 50,63%, quando responderam que realizam exames médicos periodicamente durante o ano. Nos cursos inferior e superior a modalidade de futebol aparece como a mais praticada (42 escores) seguida pelo voleibol como segunda opção (6 responderam), embora no curso médio tenha sido preferida (7 escores), mas atinge percentuais tecnicamente próximos como o da capoeira e caminhada.

Para confirmar as ausências de políticas públicas nos cursos inferior e superior além da visita *in locus*, os percentuais para caminhada, trilha, natação e ciclismo que são atividades típicas de centros esportivos construídos surgem numa menor escala, e algumas nem são citadas pela inexistência dessas políticas. Como a água encontra-se poluída em toda a extensão do igarapé não se pode cogitar em aproveitá-la para o lazer (banho e treino de natação) como se

fazia no passado não muito distante (balneário do Parque 10). As brincadeiras de rua aos poucos foram substituídas pelos esportes enaltecidos pela mídia (trilha, caminhada, natação e voleibol). O futebol sempre fez parte das brincadeiras desde a idade infantil até fase adulta. O papagaio (pipa em outras regiões do País) ainda aparece como opção de atividade lúdica e de lazer no curso inferior, nos demais cursos já não é mais praticado.

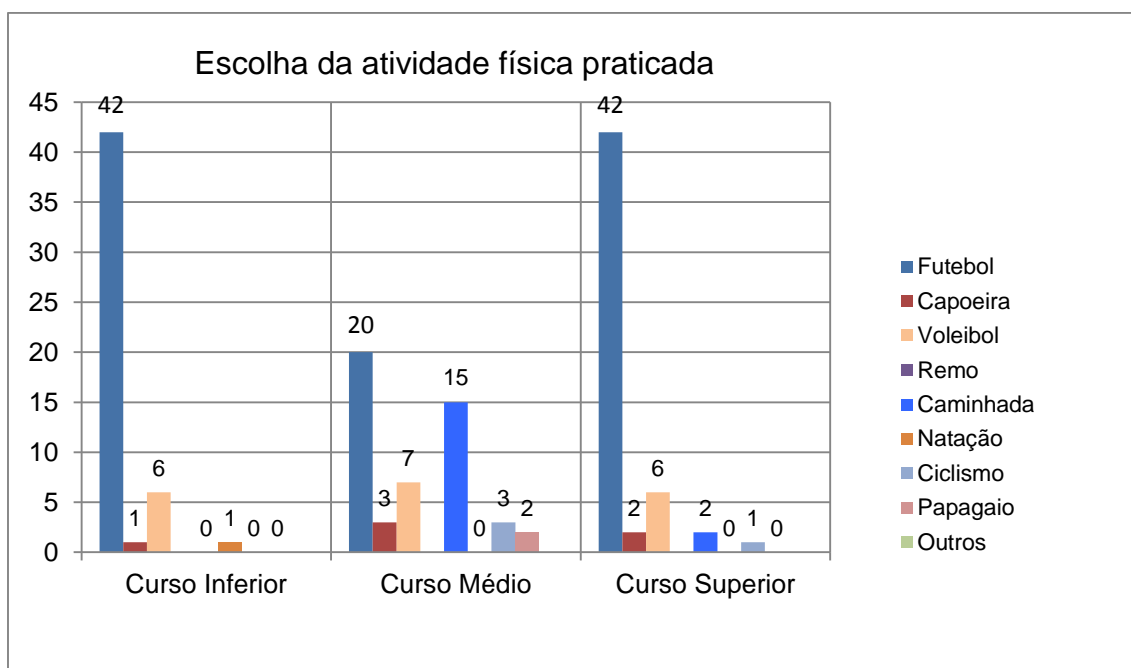


Gráfico 10 – Opção da atividade esportiva nos pontos do entorno do igarapé do Mindu.

A freqüência com que os entrevistados praticam atividades determina o estado de saúde. No curso inferior este índice foi de 66,67%, no curso médio 32,61% e no curso superior este índice foi de 40,00% dos participantes da amostra. A escala semanal surge com 47,83% no curso médio e 51,51% no curso superior. O músculo esquelético é um tipo primário dos tecidos existentes no corpo. As suas formas: cardíaco, nervoso, esquelético, conectivo e epitelial dão suporte para o arcabouço anatômico humano. Apenas os músculos esqueléticos

estão sob controle voluntário direto, permitindo o movimento dos membros, estabilização e manutenção da postura.

A atividade física altera respostas metabólicas, e as adaptações cerceiam as respostas fisiológicas do organismo. Independente do tipo de atividade, a função do músculo é exercer força, e a energia requerida é fornecida quimicamente aos músculos pelos alimentos (GLEESON; GREENHAFF; MAUGHAN, 2000, p.27).

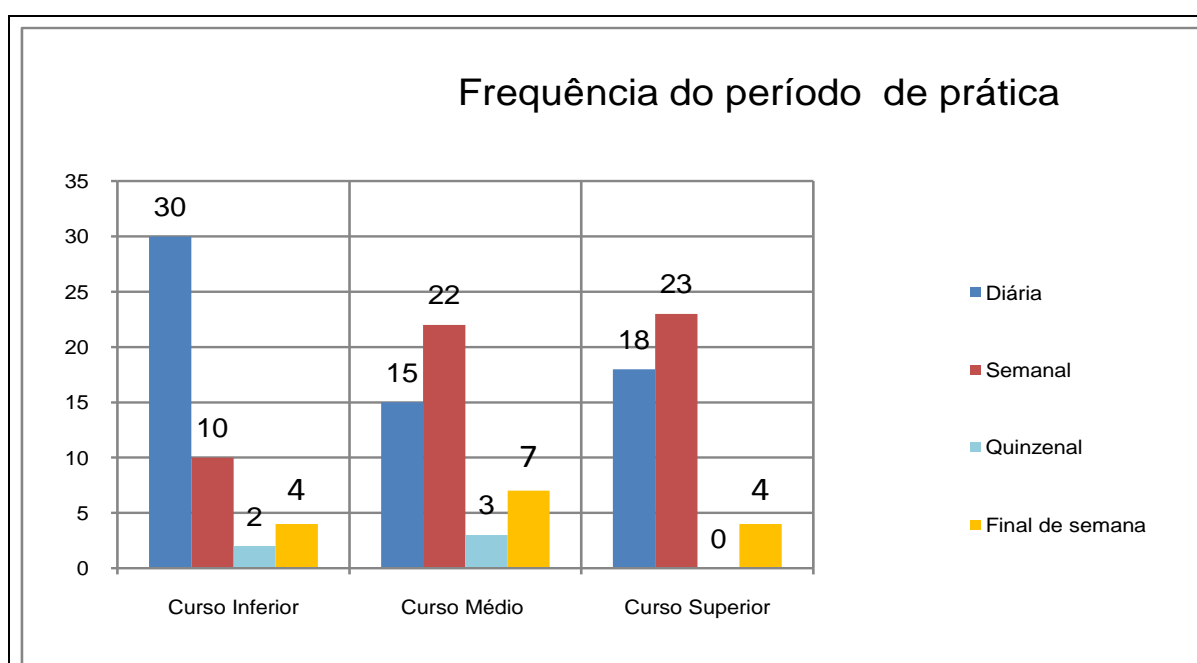


Gráfico 11 – Número de vezes com que o praticante realiza atividade física num determinado período diário.

Nas visitas cronometramos o tempo da atividade física praticada e sua duração média foi de 2 horas, sendo classificada como de longa duração, como é caso daquelas praticadas no entorno do igarapé do Mindu, não tem só influência acentuada sobre a capacidade de desempenho do próprio coração, mas também tem influência sobre uma série de fatores de riscos, que são responsáveis pela formação de doenças cardiocirculatórias degenerativas (WEINECK, 1991, p.403).

Portanto, não é só realizar atividade física e pronto, é necessário informar e saber o limite fisiológico de cada indivíduo, dotando-o da importância de se conhecer doenças causadas pela ausência da atividade física. As influências internas e externas determinam em grandes proporções os principais fatores de risco que proporcionam a evolução de doenças crônico-degenerativas (POWERS; HOWLEY, 2000, p.258).

**QUADRO 5. Principais categorias de fatores de riscos e exemplos respectivos**

Genéticos/Biológicos	Ambientais	Comportamentais
Idade	Físicos:	Tabagismo
Gênero	água, ar, ruído, lixo urbano, desmatamento e esgoto	Má nutrição
Raça		Álcool
Suscetibilidade à doença	Socioeconômicos:	Inatividade
	moradia, condições financeiras, trabalho, educação	Uso de excessivo de medicamentos
	Familiar:	Dirigir em alta velocidade
	divórcio e morte	Pressão para ser bem sucedido
	problemas emocionais	Vigília

Fonte: Departamento de saúde, educação e bem-estar, USA. In Powers & Hawley. Fisiologia do exercício. São Paulo: Manole, 2000, p.258.

A inatividade física é um fator de risco independente de doenças (ACMS). O risco relativo de doença coronariana decorrente da inatividade física (1,9) é similar ao da hipertensão (2,1) e do colesterol elevado (2,4) (COSTILL; WILMORE, 2000, p.261).

Portanto, ter controle sobre essas atividades demanda políticas de programas e monitoramento da saúde em praticantes de atividades esportivas, serviço este que todo o entorno é desprovido, até mesmo no Parque dos Bilhares que é um espaço recente com estrutura e grande fluxo de praticantes. Não se

percebeu nenhum agente coletando amostras sanguíneas, fazendo mensuração da frequência cardíaca ou da pressão arterial neste parque. Não adianta ter a estrutura com as práticas mais variadas se não tem controle da saúde e dá segurança à população.

Aplicar políticas educacionais por meio da Educação Física seria uma intervenção que poderia reverter este quadro, não necessitaria de gastos financeiros, pois a estrutura já existe faltaria apenas formular projetos neste sentido.

A quantidade de indivíduos que responderam que o número de praticantes não interferem no desenvolvimento das atividades foi baixa (curso inferior-28,85%; médio-38,46%) em relação ao curso superior, em que 50% dos entrevistados daquele curso responderam que o excesso de praticante prejudica a atividade. Como já afirmamos anteriormente, a falta de espaços específicos para a prática esportiva e lazer foi determinante para essa resposta.

As informações nutricionais abrangem o universo de cinco perguntas que aborda: os tipos de alimentos que fazem parte da dieta alimentar, que tipo de água para beber, o período diário em que a refeição é mais variada, número de refeições diárias e outras situações. Os alimentos fornecem carboidratos, lipídeos, proteínas, vitaminas e água necessária à vida. A quantidade de cada nutriente em que a ciência acredita ser suficiente para suprir as necessidades de todas as pessoas saudáveis é descrito em Valores Diários (VD).

Os valores de cada nutriente variam de acordo com gênero, massa corporal, crescimento dos ossos longos, lactação e gravidez. O Valor Diário é um modelo padrão utilizado nos rótulos de alimentos. Para os nutrientes essenciais (proteínas, vitaminas e sais minerais) representam o padrão mais elevado da

quantidade dietética mais recomendada desde 1968, para qualquer gênero ou idade exceto para lactentes e gestantes (POWERS; HOWLEY, 2000, p.319).

Peixe, frango e pão foram alimentos que mais apareceram nas respostas dos três cursos com frequência relativa entre 23 e 28. Somente no curso inferior que peixe e frango são os alimentos mais ingeridos por ser uma localidade de porto (porto de São Raimundo), onde embarcações diariamente com este tipo de alimento (o peixe). No peixe podemos encontrar minerais cujo principal função é o equilíbrio hormonal da tireóide. O pão é uma importante fonte de carboidrato (glicose) um polímero potencial gerador de energia principalmente de forma crucial para os eritrócitos e os neurônios.

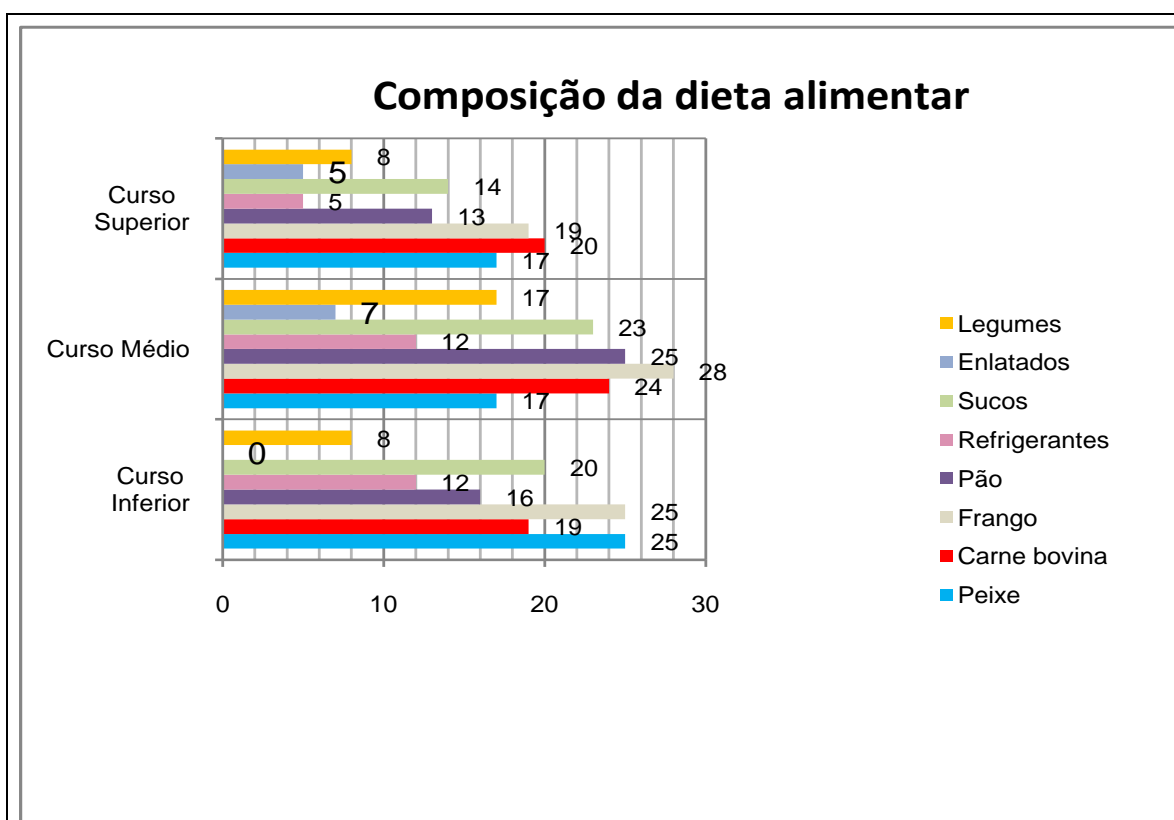


Gráfico 12 – Tipos de alimentos de dieta alimentar nos cursos: inferior, médio e superior.

No curso médio o IMC médio foi de 23,69 (ver p.123), considerado

preocupante em relação à saúde e diferente dos cursos inferior e superior que obtiveram índices dentro dos padrões de saúde. Este dado ratifica este valor, assim como, revela a composição excessiva da dieta dos praticantes de atividades física e lazer no curso médio é rica em carboidrato. Evidentemente não é só a ingestão de pão responsável por este índice, mas, possivelmente a carne e o frango ingerido na dieta são alimentos ricos também em lipídeos, e a associação à quantidade de vezes que esta população faz atividade física (Gráfico 12).

O tipo de água que os praticantes dos três cursos bebem é retirado de poço artesiano (55,81%), e 16,28% disseram que tomam água oriunda da rede pública (da torneira e fervida). Num percentual próximo (13,95%), responderam que usam água do tipo mineral e água vinda da torneira sendo filtrada. Somente a água mineral contém os nutrientes minerais suficientes para reposição hídrica. A água é essencial para vida. Embora possamos sobreviver sem alimentos por semanas, porém não podemos sobreviver sem água. O corpo humano é composto por cerca de 50-75% de água, dependendo da idade, gordura corporal e gênero. Perda de 3 a 4% de água corporal afeta de forma adversa o sistema aeróbio, sistema de via energética utilizada pela maioria das atividades humanas. Perdas maiores podem levar à morte (ZAKHAROV, 1992, p.196).

Em condições normais sem exercício, a perda líquida é de aproximadamente 2,500 ml/dia. No entanto em temperaturas ambientais elevadas como é caso da nossa (principalmente no verão), e quando é adicionada a atividade física, a perda de água aumenta para 7 litros por dia (WEINECK, 1991, p.583).

Neste sentido, fica evidente o estado de saúde daqueles que consomem



água vinda da torneira e o risco que estão correndo, seja pela má qualidade da água, seja pela perda líquida ocasionada pela prática esportiva na temperatura elevada da nossa capital. Quando perguntado em qual período do dia a refeição era mais variada, 44,44% disseram que era pela tarde. 35,56% responderam que preferem variar mais a dieta alimentar no período da manhã e 20% dos entrevistados nos três cursos responderam que tem por preferência a variação de alimentos à noite.

Há um ditado popular que “se deve tomar da manhã como rei, almoçar como príncipe e jantar como mendigo”. O ganho de peso ocorre quando há aumento crônico de ingestão calórica quando comparado ao gasto energético. Na questão sobre as refeições feitas durante o dia, entrevistados do curso inferior e curso superior fazem o que chamamos de trivial, ou seja, tomam o café da manhã, almoçam e jantam. Nas refeições mais completas as populações destes cursos obtiveram baixa frequência relativa pela opção. O curso médio assume a condição imposta quando apresenta média de IMC relativamente alto (23,69 kg/m<sup>2</sup>) em relação aos demais cursos, surge com uma frequência relativa de 14 a 15 escolhas nas três opções oferecidas pela pesquisa.

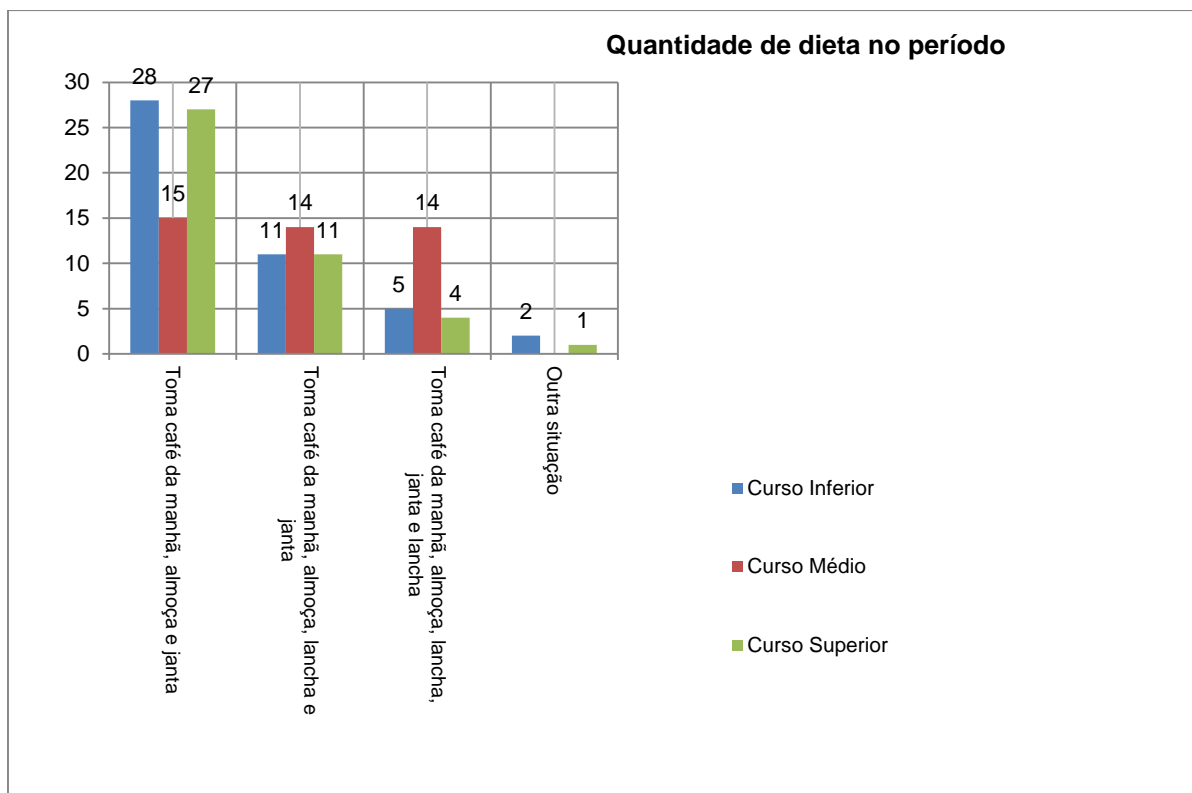


Gráfico 13 – Realização das refeições diárias nos cursos: inferior, médio e superior.

Uma boa dieta exige que o indivíduo atinja as quantidades dietéticas recomendada de: proteínas, minerais, vitaminas e carboidratos, e pequeno percentual de lipídeos nesta composição. Basicamente esta composição simples de dieta nutricional abrange todos os nutrientes necessários para prover energia nas atividades de uso diário do ser humano. O que não pode haver é a ingestão calórica elevada destes nutrientes. Para o gênero masculino é indicada a ingestão calórica diária mínima de 3.000 calorias para poder cumprir a rotina do cotidiano, mesmo envolvendo as atividades esportivas e de lazer. Para as mulheres recomenda-se a ingestão calórica diária de 2.000 calorias para cumprimento das atividades do cotidiano mais as atividades esportivas e de lazer (COSTILL; WILMORE, 2000, p.329).

Para compor o estado de qualidade de vida fatores ambientais também devem ser considerados. Esgoto e lixo oriundo das residências foram os

principais indicadores nos três cursos. Em todos os cursos estes indicadores rivalizaram entre si (curso inferior – 42 escores; curso médio – 36 escores e curso superior – 28 escores). Poluição sonora e falta de asfaltamento foram os indicadores mais citados nos três pontos. O crescimento urbano provoca e incentiva a elevação desses indicadores, no caso de Manaus, principalmente os igarapés, e em particular o igarapé do Mindu.

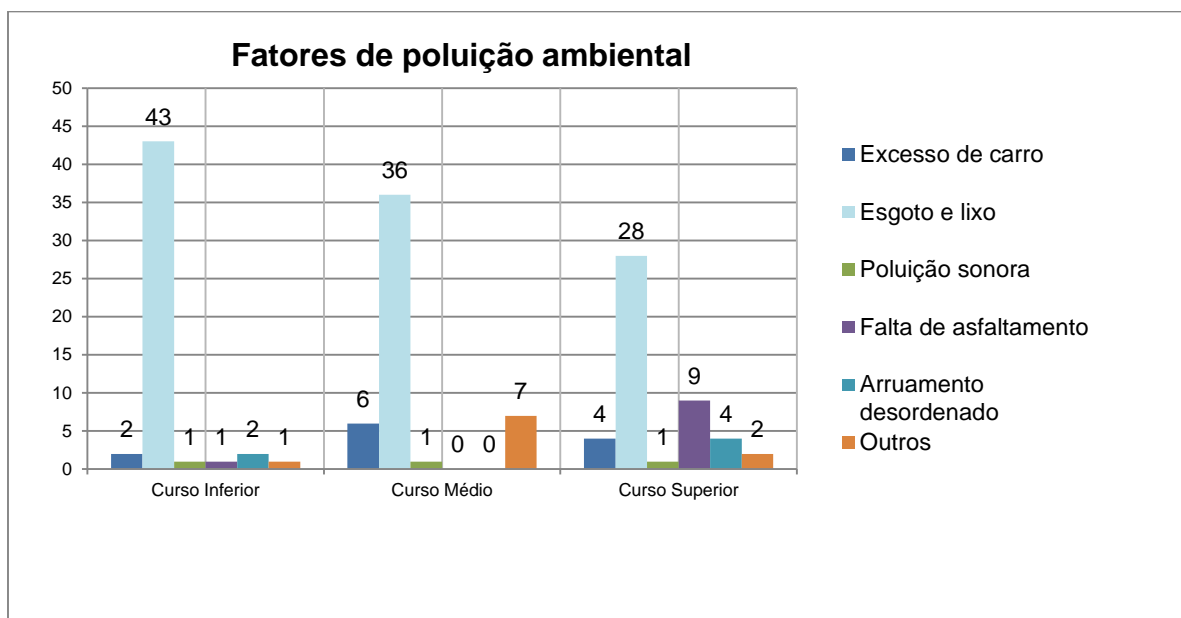


Gráfico 14 – Indicadores ambientais no entorno do igarapé do Mindu.

No curso inferior 97,62% responderam que o destino do esgoto residencial e toda a rede de esgoto do local vão para o igarapé, No curso médio, os entrevistados não tiveram percepção do problema ambiental quando apenas 66,67 disseram que o destino do esgoto é o igarapé e no curso superior 93,75% apontaram o igarapé como destino. Quanto à coleta do lixo, entrevistados dos cursos: médio e superior demonstraram maior conhecimento da realização dos serviços deste indicador (100% e 83,72% respectivamente), dizendo que a coleta

é feita regularmente. No curso inferior há desconhecimento (horário que passa o carro de coleta do lixo) dos serviços da Prefeitura de Manaus quanto a este serviço, 22,73% disseram que a coleta é feita esporadicamente e 27,27% responderam que não há este tipo de serviço naquele local.

Estas análises desses fatores permitem determinar a fragilidade das políticas públicas implementadas pelo órgão público responsável, responde de forma direta a carência desses serviços nos três cursos do Igarapé do Mindu.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O planejamento urbano carece não somente do olhar dos engenheiros e arquitetos, mas, também de uma equipe multidisciplinar que envolva diversas áreas. Manaus experimentou a imposição de idéias por várias décadas, reproduzindo o já experimentado por outras civilizações, e, no entanto pouco se estudou sobre as possíveis conseqüências de impacto ambiental no solo urbano. Faz-se necessário que outras correntes profissionais sejam inseridas no processo de planejamento e implantação daquilo que foi idealizado para que não se seqüestre as boas idéias.

A questão ambiental tal qual como foi investigada, leva-nos a crer que os administradores do passado e da atualidade, não seguiram as conformidades de não impactar os rios e igarapés da cidade. Os espaços dos igarapés têm se rivalizado com a poluição oriunda da massa humana. Os corpos d'água da cidade de Manaus não suportarão por muito tempo o material efluente a eles destinado pelas residências e pelos edifícios comerciais e residenciais, observado nas análises da água e verificação no formulário sobre o lugar de destino do esgoto nos três cursos estudados do Igarapé do Mindu. Por essas razões, admite-se que a poluição de cursos d'água em centros urbanos tornou-se um grande problema. Além da crescente degradação dos ambientes aquáticos naturais, a poluição urbana cria condições favoráveis ao aumento acelerado de doenças, configurando-se em caso de saúde pública, o que onera o Estado e baixa a qualidade de vida da população, mais especificamente moradores das margens dos igarapés da cidade de Manaus.

Com o processo de crescimento e urbanização acelerada pouco espaço

ficou para a construção de áreas para prática da atividade física e lazer. O que foi retratado aqui não é apenas saudosismo reminiscente, mas, a relativização do homem no urbano em períodos onde foram aplicadas políticas de esporte e de lazer. O fator econômico marcou de forma agressiva este processo gerando especulação ao solo nas proximidades do centro histórico, incentivando os desprovidos economicamente a procura por novos espaços nos arredores da cidade e áreas marginais dos igarapés sem a anuência do poder público, provocando assim, impacto à natureza através de desmatamentos, lixo, esgoto, arruamento desordenado, e promovendo a desordem social. As políticas sociais como educação, saúde e habitação, modelo correto de qualquer ação pública, não foram aplicadas nos três cursos de modo a satisfazer qualquer planejamento urbano.

Os campos de várzeas produto da natureza ainda são espaços usados para o futebol e outros esportes bem como para o lazer, pelas populações destes pontos como formas espaciais desta prática. Eles aparecem com a vazão das águas no curso inferior do Mindu. Embora não se tenha construído espaços públicos específicos para esta prática, percebe-se que essas populações a valorizam, promovendo de uma forma ou de outra qualidade de vida.

A prática permanente de atividade física e de lazer qualifica o estado de saúde corporal que estes espaços proporcionam. Os habitantes das cidades têm que compreender que não estão isolados no processo da vida na cidade, estão inseridos no contexto ambiental, disso o natural também faz parte. A conjugação do ambiente com outros fatores estabelecem o ritmo da vida no cotidiano nas cidades.

Embora se tenha percebido apenas duas intervenções de espaços para

prática de atividade física e lazer na extensão do igarapé do Mindu, as condições permanecem a mesma visto que o corpo d'água está inserido nesses espaços e no seu entorno encontram-se residências, casas comerciais e indústrias que destinam para ele todos seus efluentes, como é caso dos conjuntos residenciais no Parque 10 e os edifícios e shoppings nas avenidas Djalma Batista e Constantino Nery.

Nesse sentido, conclui-se que as políticas públicas como são planejadas e executadas não responderam a estas agressões. Diante da problemática faço as seguintes recomendações:

1. Como forma de manter contato com a natureza e esta retribua com seus efeitos orgânicos promovendo a qualidade de vida das populações das áreas marginais do igarapé e da cidade, que se façam projetos para tornarem estas áreas protegidas por lei, visto que a temperatura global está aumentando em escala acelerada, somada à temperatura normal do verão amazonense vai ser difícil viver em Manaus;

2. Faz-se necessário que sejam colocadas estações de tratamento em pontos estratégicos dos seus cursos. Foi assim no projeto do Parque do Mindu no Parque dos Bilhares e futuramente no projeto Corredor Ecológico;

3. Sejam elaborados projetos de política pública no que tange aos espaços esportivos e de lazer, principalmente nos cursos inferior e superior, ausência esta constatada por esta pesquisa;

4. Para aqueles que desejarem manter a sua moradia, comércio e indústria no entorno do Mindu, e continuar a impactar o seu leito, deverá ter seu imposto público municipal acrescido de uma taxa que poderá ser revertida para o Fundo Municipal de Ambiente Urbano(FMAU) e este elaborará programas de

educação ambiental de compensação e mitigação.

O lazer na cidade de Manaus, ligado aos corpos d'água reduziu com o crescimento urbano, mudando os atrativos naturais para os espaços construídos pelo poder público. A progressão da poluição desses corpos e espaços do Igarapé do Mindu induz a população do entorno do Mindu de fazer atividades de lazer e físicas em espaços construídos pelas políticas públicas e privadas.

É cultural na Região Amazônica o uso dos recursos hídricos como meio de atividade de lazer e esportivo, em igarapés, lagos e rios, como eram as regatas de remo na década de 50, como identificado nesta pesquisa, e na atualidade, a travessia Almirante Tamandaré no Rio Negro (praia da Ponta Negra ao Cacau-Pirêra).

Além de comprometer o ambiente urbano e aquático, a poluição também reduz a qualidade de vida das pessoas que moram no entorno do igarapé do Mindu. Um dos indicadores para ratificar esta afirmação foi o uso do Índice de Massa Corporal (IMC) no confronto com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da cidade de Manaus, que gera resultados oficiais superficiais nas coletas realizadas pelo IBGE, porque não considera aspectos ambientais na determinação do IDH.



## REFERÊNCIAS

- ABNT – **Associação Brasileira de Normas Técnicas**. NBR 6028. 2003.
- AB'SABER, Aziz Nacib. **A Cidade de Manaus**. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo:Edusp, 1952.
- ANDRADE, José Vicente de. **Lazer: princípios, tipos e formas na vida e no trabalho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- ANDRADE, Moacir. **Manaus: ruas, fachadas e varandas**. Manaus: Gráfica Graciema Sampaio, 1984.
- BOLETIM AMAZONENSE DE GEOGRAFIA. MANAUS. EDUA. Nº 4. 2004.
- CAMARGO, L.O.L. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- CARLOS, Ana Fany Alessandri. **A Cidade**. São Paulo: Contexto, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Espaço e Indústria**. São Paulo: Contexto, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Espaço-tempo na Metrópole**. São Paulo: Contexto, 2001.
- CAVALCANTE, Ângela Maria de Abreu. **Nas margens do Igarapé do Mindu: dois lados de história**. Manaus. Dissertação de Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Centro de Ciências do Ambiente. Universidade Federal do Amazonas, 2003.
- CERDEIRA, Júlio Fábio de Souza. **Matéria orgânica, pH e granulometria dos sedimentos de três pontos situados nas bacias do São Raimundo, Educandos e Tarumã**. Relatório final do programa de iniciação científica - PIBIC/INPA, 2003.
- COSTILL, D.; Wilmore, J. **Fisiologia do exercício**. São Paulo: Manole, 2001.
- DE MASI, Domenico. **O Ócio Criativo**. 2000.

DIAS, Ednéia Mascarenhas. **A ilusão do fausto: Manaus de 1890-1920**. 2ª Edição. Manaus, Valer, 2007.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

ESTATUTO DAS CIDADES: Lei Nº 10.257, de 10 de julho de 2001.

FARIA, Ana Lúcia Goulart. **A contribuição dos parques infantis de Mário Andrade para a construção de uma pedagogia da educação infantil**. Campinas. Tese de Doutorado: Unicamp, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de H. **Dicionário século XXI versão 3.0**. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Explicitação das Normas técnicas da ABNT**. 12 ed. Porto Alegre: s.n., 2003.

GOMES, Paulo César da Costa. **A Condição Urbana: ensaios de geopolíticas da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS. **Programa de saneamento dos igarapés de Manaus**. SEINF, 2007.

GREENHAFF, Paul L.; GLEESON, Michel; MAUGHAN, Ron. **Bioquímica do exercício e do treinamento**. São Paulo: Manole, 2000.

GUISELINI, Mauro. **Aptidão física, saúde e bem-estar**. São Paulo: Phorte, 2006.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. São Paulo: Loyola, 2001.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos e estimativas 2006 e 2007**.

IMPLURB – Instituto Municipal de Planejamento Urbano: **Plano Diretor da Cidade de Manaus**. 2003.

YURGEL, M. **Urbanismo e lazer**. São Paulo: Nobel, 1983.

LIMA, Corrêa Lima. **Manaus 310 anos**. Manaus: Suframa, 1983.

LE CORBUSIER. **A Carta de Atenas**. São Paulo: Hucitec, 1993.

LEFEBVRE, Henry. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Moraes, 2006.

LUENGO, Gerardo. **Elementos para la definición y evaluación de la calidad ambiental urbana: una propuesta teórico-metodológica**. Tandil. Anais do IV Seminário Latinoamericano de calidad de vida urbana, 1998. Disponível em: [www.rc.unesp.br/igce/ceurb/qualidade](http://www.rc.unesp.br/igce/ceurb/qualidade). Consulta feita em 03 de fevereiro de 2008.

McCARDLE, W.; KATCH, F. **Fisiologia do exercício**. São Paulo: Manole, 1984.

Manual de Normas Técnicas da Universidade Federal do Amazonas para Dissertações e Teses. 2006.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Esporte**. Campinas: Autores Associados, 1996.

\_\_\_\_\_. **Políticas Públicas Setoriais de Lazer/ O Papel das Prefeituras**. Campinas: Autores Associados, 1996.

MARICATO, Ermínia. **As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias: planejamento urbano no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa Turini. **Turismo, Lazer e Natureza**. São Paulo: Manole, 2003.

MATOS, O. **As formas modernas do atraso**. São Paulo: Folha de São Paulo, primeiro caderno, 27/09/98. p.3.

MELO, Vítor Andrade de; ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao Lazer**. São Paulo: Manole, 2003.

MESQUITA, O. **Manaus: história e arquitetura de 1852 a 1910**. Manaus: Valer, 2006.

MINAYO, Carlos. **Qualidade de vida e saúde: um debate necessário**. Rio de Janeiro. Revista Ciência e Saúde Coletiva. Vol. nº 05. 2000. disponível em: [www.scielo.org/scielo](http://www.scielo.org/scielo). Consulta feita em 21 de janeiro de 2008.

MOREIRA, Wagner Way; SIMÕES, Regina. **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba: UNIMEP, 2002.

MOTA, Vanderlan Santos. **Atividade Física e o Meio Ambiente: complexo Esportivo Ponta Negra em Manaus-Am**. Manaus. Dissertação de Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Centro de Ciências do Ambiente-Universidade Federal do Amazonas. 2003.

\_\_\_\_\_, **Espaços públicos de lazer em Manaus: o papel das políticas públicas**. Manaus: Valer, 2007.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Manaus de 1920-1967: a cidade doce e dura em excesso**. Manaus: Valer/EDUA, 2003.

\_\_\_\_\_. **Cidades na Selva**. Manaus: Valer, 2000.

\_\_\_\_\_. **Cidade de Manaus. Visões Interdisciplinares**. Manaus: EDUA, 2003.

PÉRES, Jefferson. **Evocação de Manaus: como eu a vi e sonhei**. Manaus: Valer, 2003.

PIGNATTI, Marta Gislene; MARTINS, Domingos Tabajara de Oliveira. **Saúde e ambiente na Amazônia**. Cuiabá: EdUMFT, 1999.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. **Consumo e Espaço**. São Paulo: Roca, 2001.

POWERS, Scott; HAWLEY, Edward. **Fisiologia do exercício**. São Paulo: Manole, 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MANAUS. **História dos bairros**: PMM, 2006.

PRESTES, M. L. M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico**. São Paulo: Rêspel, 2008.

Revista Ciência Hoje. Maio de 2003. Vol. 33, nº193.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do Tempo**. São Paulo: Cortez, 2006.

SECRETARIA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE. **Projeto do Corredor Ecológico de Manaus**: SEMMA, 2007.

SILVA, M.S.R. **Metais pesados em sedimentos de fundo de igarapés (Manaus-Am)**. Belém, Dissertação de Mestrado em Geoquímica Ambiental. Universidade Federal do Pará.

SOUZA, Márcio. Artigo: **A capital do mormaço CXXIX. Manaus**: Jornal à Crítica, 04/11/07. p.5.

SOUZA, Valéria Alvin Igayara de. **Atividade física e saúde**. Rio de Janeiro: CREF, 2001.

STRAHLER, A. N. **Dynamic basis of geomorphology**. Texas: Geological Society of America Bulletin, 1952. Disponível em: [www.caminhosdegeografia.ig.ufu.br/getdoc.php](http://www.caminhosdegeografia.ig.ufu.br/getdoc.php). Consulta: 17/11/09.

VIEIRA, Ademar. Artigo: **Manaus do passado e do futuro**. Manaus: Jornal Amazonas em Tempo, 24/10/07. P.4.

VALLE, Artemísia de Souza. **Os igarapés no contexto do espaço urbano de Manaus: uma visão ambiental**. Manaus. Dissertação de Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Centro de Ciências do Amazonas- Universidade Federal do Amazonas, 2002.

WEYNECK, Jurguen. **Biologia do Esporte**. São Paulo: Manole, 1991.

\_\_\_\_\_. **Treinamento Ideal**. São Paulo: Manole, 2003.

ZAKHAROV, Andrey. **Ciência do treinamento desportivo**. Rio de Janeiro: Palestra, 1991.

## APÊNDICE

### Formulário

<b>1) Dados gerais</b>
<b>a) Qual é o nome do bairro onde você mora?</b>
<b>b) Qual a sua idade?</b>
<b>c) Sexo:</b> <input type="checkbox"/> feminino <input type="checkbox"/> masculino <b>Peso:</b> <b>estatura</b>
<b>d) Você nasceu:</b>
<input type="checkbox"/> em Manaus <input type="checkbox"/> vim de outro estado <input type="checkbox"/> vim do interior
<b>e) Qual a sua escolaridade?</b>
<input type="checkbox"/> ensino fundamental <input type="checkbox"/> ensino infantil <input type="checkbox"/> ensino médio <input type="checkbox"/> estudo incompleto <input type="checkbox"/> ensino superior <input type="checkbox"/> não estudo
<b>f) Como você se desloca para ir a escola, para o trabalho, para as atividades físicas e para o lazer?</b> <input type="checkbox"/> a pé <input type="checkbox"/> de ônibus <input type="checkbox"/> de carro
<b>2) Dados sobre o local onde a atividade física é realizada</b>

<b>a) Qual o espaço que você utiliza para prática esportiva?</b>
<input type="checkbox"/> campo de barro <input type="checkbox"/> campo de areia <input type="checkbox"/> trilhas <input type="checkbox"/> centros esportivos públicos <input type="checkbox"/> passeio <input type="checkbox"/> Parque
<b>b) Você mora próximo do local onde faz a atividade física? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não</b>
<b>c) Você pratica atividade física fora do seu bairro porque ?</b>
<input type="checkbox"/> por causa da violência <input type="checkbox"/> pela falta de estrutura <input type="checkbox"/> pela ausência de programas esportivos <input type="checkbox"/> outros motivos
<b>d) Você estaria satisfeito com a estrutura existente e oferecidas? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não</b>
<b>e) Por qual motivo você pratica atividades físicas nesse espaço?</b>
<input type="checkbox"/> porque gosto <input type="checkbox"/> Por que me relaciono com outras pessoas <input type="checkbox"/> Por que não tem outra opção
<b>f) Quando você não utiliza este local no período da cheia, qual o local que você utiliza para fazer atividades físicas?</b>
<input type="checkbox"/> academia <input type="checkbox"/> centros esportivos públicos <input type="checkbox"/> clubes <input type="checkbox"/> rua <input type="checkbox"/> outros
<b>g) Quais são os fatores que levam este espaço se tornarem poluídos?</b>
<input type="checkbox"/> excesso de carros <input type="checkbox"/> esgotos e lixo das moradias <input type="checkbox"/> poluição sonora <input type="checkbox"/> falta de asfaltamento das ruas <input type="checkbox"/> arruamento desordenado <input type="checkbox"/> outros fatores
<b>h) Você percebe alguma diferença entre a prática da atividade física em ambientes fechados ( academias) e ambientes urbanos abertos?</b>
<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Qual?
<b>3) Dados sobre a prática de atividades físicas</b>
<b>a) Você faz exames médicos periodicamente? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não</b>
<b>b) Quais atividades que você pratica nesse espaço?</b>
<input type="checkbox"/> Futebol <input type="checkbox"/> capoeira <input type="checkbox"/> voleibol <input type="checkbox"/> remo <input type="checkbox"/> caminhada <input type="checkbox"/> natação <input type="checkbox"/> ciclismo <input type="checkbox"/> Papagaio <input type="checkbox"/> outros
<b>c) Em qual turno diário você costuma fazer atividade física neste espaço?</b>
<input type="checkbox"/> manhã <input type="checkbox"/> tarde <input type="checkbox"/> noite
<b>d) Com que frequência você faz atividade física neste espaço?</b>
<input type="checkbox"/> diária <input type="checkbox"/> N° de frequência
<input type="checkbox"/> semanal <input type="checkbox"/> N° de frequência
<input type="checkbox"/> quinzenal <input type="checkbox"/> N° de frequência
<input type="checkbox"/> finais de semana <input type="checkbox"/> N° de frequência
<b>e) A quantidade de pessoas que praticam atividade física com você prejudica a realização das atividades? <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não</b>
<b>FORMULÁRIO No. _____</b>

ENTREVISTADOR: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/2007.